



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

Campus de Presidente Prudente

**A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM VITÓRIA  
DA CONQUISTA/BA: LÓGICAS E PRÁTICAS ESPACIAIS  
DO LAZER**

**RIZIA MENDES MARES**

Presidente Prudente/SP  
2016



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

Campus de Presidente Prudente

**A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM VITÓRIA  
DA CONQUISTA/BA: LÓGICAS E PRÁTICAS ESPACIAIS  
DO LAZER**

RIZIA MENDES MARES

Orientador: Prof.: Dr.: ARTHUR MAGON WHITACHER

Dissertação de Mestrado elaborada  
junto ao Programa de Pós-graduação  
em Geografia - Área de  
Concentração: Produção do Espaço  
Geográfico, para obtenção do Título  
de Mestre em Geografia.

Presidente Prudente/SP  
2016

## FICHA CATALOGRÁFICA

Mares, Rizia Mendes.

M279p A produção do espaço urbano em Vitória da Conquista/BA : lógicas e práticas espaciais do lazer / Rizia Mendes Mares. - Presidente Prudente : [s.n.], 2016

170 f.

Orientador: Arthur Magon Whitacker

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia

Inclui bibliografia

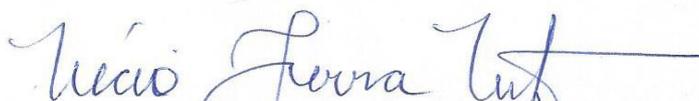
1. Produção do espaço urbano. 2. Práticas espaciais. 3. Lazer. I. Whitacker, Arthur Magon. II. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Tecnologia. III. Título.

**BANCA EXAMINADORA**



---

PROF. DR. **ARTHUR MAGON WHITACKER**  
(FCT/UNESP)



---

PROF. DR. **NECIO TURRA NETO**  
(FCT/UNESP)



---

PROFA. DRA. **MARIA JOSÉ MARTINELLI S. CALIXTO**  
(UFGD)



---

**RIZIA MENDES MARES**

Presidente Prudente (SP), 14 de abril de 2016.

RESULTADO: APROVADA

## DEDICATÓRIA

*À minha família, meu alicerce sempre seguro:*

*Mainha, pelo exemplo de mulher forte e determinada,*

*Painho, pela leveza e bom humor,*

*Aos meus irmãos, pela presença incondicional.*

## AGRADECIMENTO

*E aprendi que se depende sempre  
de tanta, muita, diferente gente  
Toda pessoa sempre é as marcas das lições  
diárias de outras tantas pessoas  
E é tão bonito quando a gente entende  
que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá  
E é tão bonito quando a gente sente que  
nunca está sozinho por mais que pense estar [...].  
(Caminhos do coração – Gonzaguinha)*

Com os ensinamentos de Gonzaguinha, direciono meus sinceros agradecimentos para aqueles e aquelas que foram presença constante nessa trajetória e, mesmo sem serem nomeados, se reconhecerão nessa pesquisa, por sua valiosa contribuição. Assim, agradeço:

Aos meus pais, Neide e Eri, e aos meus irmãos Iago, Tahis e Yuri, pela companhia e cuidado constantes.

Ao meu orientador, o professor Dr. Arthur Magon Whitacker, pela acolhida afetuosa e pelo compartilhar generoso de sua sapiência.

Aos amigos, de perto e de longe, aqueles de longa data e aquelas amizades que fiz em Presidente Prudente/SP. Muito bom saber que tenho pessoas tão generosas em minha vida.

Aos profissionais do Gasperr, alunos e professores, engajados em um trabalho importante e comprometido com o desenvolvimento da Geografia brasileira. Destaco os professores Doutores Everaldo Melazzo e Nécio Turra Neto, por participarem do Exame Geral de Qualificação, e por contribuírem, de modo preponderante, no desenvolvimento da dissertação. Também, à professora Doutora Maria José Martinelli L. Calixto pela leitura cuidadosa e as contribuições na defesa dessa dissertação. Estendo meus agradecimentos aos demais funcionários da FCT-UNESP, especialmente, aos que trabalham na Seção Técnica de Pós-graduação, por todo apoio.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro nessa pesquisa.

## ÍNDICE

RESUMO.....	VIII
ABSTRACT.....	IX
LISTA DE MAPAS.....	X
LISTA DE FIGURAS.....	XI
LISTA DE QUADROS .....	XII
LISTA DE TABELAS .....	XII
ÍNDICE DE GRÁFICOS.....	XII
LISTA DE SIGLAS .....	XII
SUMÁRIO.....	XIII
APRESENTAÇÃO .....	14
INTRODUÇÃO .....	15
CAPÍTULO I .....	34
CAPÍTULO II .....	72
CAPÍTULO III .....	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	147
REFERÊNCIAS .....	154
ANEXOS .....	165

## RESUMO

MARES, Rizia Mendes. **A produção do espaço urbano em Vitória da Conquista/BA: lógicas e práticas espaciais do lazer.** 2016, 170 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente/SP, 2016.

Com a presente pesquisa tivemos como objetivo refletir sobre o processo de produção do espaço urbano por meio da análise das práticas espaciais do lazer, por entender que o lazer constitui-se como um importante elemento que integra a dinâmica espacial da cidade contemporânea. Nosso recorte analítico foi o município de Vitória da Conquista, situado no Centro Sul da Bahia, Região Nordeste do Brasil, o qual expressa nuances do processo de reprodução espacial em que sua forma urbana, erigida sob as lógicas de produção e consumo, denotam um processo de diferenciação socioespacial que, ao longo do tempo histórico, vem expressando o aprofundamento das desigualdades sociais e econômicas. Realidade que nos dias atuais torna o cotidiano cidadão um campo conflituoso por fragmentar o espaço-tempo de lazer e estabelecer relações hierárquicas na dimensão da sociabilidade. Como opção metodológica principal para sopesar as práticas espaciais dos sujeitos, foram utilizadas técnicas de entrevistas semiestruturadas e *enquetes*. A compreensão desse processo contraditório caracterizado pela lógica da homogeneização-fragmentação-hierarquização marca e aprofunda a separação dos espaços-tempos do lazer, desqualificando as relações de sociabilidade. A busca segue pela restituição do uso como meio de assegurar o direito à participação na vida urbana, da apropriação efetiva do espaço assegurado pela prática espacial.

**Palavras-chave:** Produção do espaço urbano. Práticas espaciais. Lazer. Consumo. Vitória da Conquista.

## ABSTRACT

MARES, Rizia Mendes. **The production of urban space in Vitória da Conquista/BA: spatial logics and practices of leisure.** 2016, 170 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente/SP, 2016.

With the present research we aimed at reflecting upon the urban space production process by means of the analysis of the leisure social practices, since we understand that leisure is an important element that integrates the space dynamics of the contemporary city. Our analytical focus was the city of Vitória da Conquista, located in the South Center of Bahia, in the Northeastern Region of Brazil, which expresses nuances of the space reproduction process, in which its urban form, erected under the logic of production and consumption, denotes a process of sociospatial differentiation that, down historical time, has expressed the deepening of the social and economical inequalities. A reality that on current days makes the city daily life a quarrelsome field because it fragments the leisure space-time and establishes hierarchical relations in the dimension of sociability. As a main methodological option in order to counter-weigh the subjects' space practices, semi-structured interviews and surveys were used. The understanding of this contradictory process characterized by the logic of homogenization-hierarchization-fragmentation marks and deepens the separation of leisure space-times, by disqualifying the sociability relations. The search follows the restitution of the use as a way of securing the right to participate in the urban life, in the effective appropriation of the space assured by the space practice.

Keywords: Urban space production. Space practices. Leisure. Consumption. Vitória da Conquista.

## LISTA DOS MAPAS

Mapa 1: Localização do município de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil, 2014.....	23
Mapa 2: Localização das áreas de aplicação das <i>enquetes</i> , Vitória da Conquista/BA, 2013 ..	28
Mapa 3: Localização das áreas de lazer indicadas no PDU de 1976. Vitória da Conquista/BA .....	47
Mapa 4: Localização residencial dos entrevistados (perfis) e classificação por faixa de renda. Vitória da Conquista/BA, 2014.....	61
Mapa 5: Localização do Centro principal, Vitória da Conquista/BA, 2015.....	65
Mapa 6: Principais rodovias (estaduais e federais) no perímetro urbano de Vitória da Conquista/BA .....	76
Mapa 7: Vitória da Conquista/BA. Regiões de influência-REGIC/2008. Fonte: IBGE, 2008	80
Mapa 8: Localização dos bairros: Brasil, Candeias e Recreio, Vitória da Conquista/BA.....	98
Mapa 9: Localização do Shopping Conquista Sul, bairro Felícia, Vitória da Conquista/BA..	101
Mapa 10. Localização da Praça da Juventude (bairro Guarani); Praça Sá Barreto (bairro Cruzeiro); Praça Tancredo Neves (bairro Centro); Parque Lagoa das Bateias (bairro Bateias), Vitória da Conquista/BA .....	137

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Praça da República atual Praça Tancredo Neves. Vitória da Conquista/BA .....	50
Figura 2: Praça Tancredo Neves, Vitória da Conquista/BA .....	51
Figura 3: Avenida Frei Benjamim, bairro Brasil, Vitória da Conquista/BA .....	91
Figura 4: Manifestação dos comerciantes da Avenida Brumado contra a implantação das ciclofaixas. Vitória da Conquista/BA, 2014 .....	94
Figura 5: Manifestação dos comerciantes da Avenida Brumado contra a implantação de ciclo faixas. Vitória da Conquista/BA, 2014 .....	94
Figura 6: Vista do bairro Candeias com a Avenida Olívia Flores ao fundo. Vitória da Conquista/BA .....	96
Figura 7: Avenida Olívia Flores, bairro Candeias, Vitória da Conquista/BA. ....	97
Figura 8. Parque Lagoa das Bateias, bairro Zabelê, Vitória da Conquista/BA.....	128
Figura 9. Parque Lagoa das Bateias, bairro Zabelê, Vitória da Conquista/BA.....	128
Figura 10. Parque Lagoa das Bateias, bairro Zabelê, Vitória da Conquista/BA.....	129
Figura 11. Parque Lagoa das Bateias, bairro Zabelê, Vitória da Conquista/BA.....	129
Figura 12. Praça Sá Barreto, bairro Cruzeiro, Vitória da Conquista/BA.....	130
Figura 13. Praça Sá Barreto, bairro Cruzeiro, Vitória da Conquista/BA. ....	131
Figura 14. Praça da Juventude, bairro Guarani, Vitória da Conquista/BA.....	132
Figura 15. Praça da Juventude, bairro Guarani, Vitória da Conquista/BA.....	133
Figura 16. Praça da Juventude, bairro Guarani, Vitória da Conquista/BA.....	133
Figura 17. Praça Tancredo Neves, bairro Centro, Vitória da Conquista/BA.....	134
Figura 18. Praça Tancredo Neves, bairro Centro, Vitória da Conquista/BA.....	135
Figura 19. Praça Tancredo Neves, bairro Centro, Vitória da Conquista/BA.....	135
Figura 20: “Praça” do Shopping Conquista Sul, em Vitória da Conquista Conquista/BA..	143

## LISTA DE QUADROS

Quadro I: Perfis dos entrevistados .....	31
Quadro II: Avaliação sobre a prática do lazer, Vitória da Conquista/BA, 2014 .....	67

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Prática do lazer - Meios de transporte dos inquirido, Vitória da Conquista/BA, 2013.....	56
Tabela 2: Vitória da Conquista/BA - População urbana, rural e total - 1940/2010.....	77

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Vitória da Conquista - Frota de veículos cadastrados (2010-2014).....	55
Gráfico 2: Perfil de renda dos sujeitos da pesquisados (entrevistados e inquiridos), Vitória da Conquista/BA .....	57
Gráfico 4: Vitória da Conquista/BA – Produto Interno Bruto (valor adicionado), 2011.....	78

## LISTA DE SIGLAS

AABB – Associação Atlética Banco do Brasil

CMP - Cidades Médias e Pequenas da Bahia

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CDL – Câmara de Dirigentes Lojistas

DETRAN/BA - Departamento Estadual de Trânsito da Bahia

ENCICOL - Empresa de Cinemas de Conquista Ltda

FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

GAsPERR - Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PDU - Plano Diretor Urbano

PIB – Produto Interno Bruto

RECIME - Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias

SEI - Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

SEPLAN- Segundo a Secretaria de Planejamento do Estado

SESC - Serviço Social do Comercio

UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	14
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
a) Acerca do objeto .....	15
b) Acerca do Método e da metodologia.....	24
<b>CAPÍTULO I: A produção do espaço urbano: das práticas e representações do lazer em Vitória da Conquista</b> .....	34
1.1 Considerações iniciais sobre o lazer .....	35
1.2 Vitória da Conquista: O lazer como elemento estruturador do urbano.....	42
1.3 Condicionantes sociais e econômicos: a prática do lazer em Vitória da Conquista/BA.....	54
<b>Capítulo II: Vitória da Conquista em fragmentos: a produção social dos espaços de lazer</b> .....	72
2.1 Expansão urbana em Vitória da Conquista/BA .....	73
2.2 Vitória da conquista: uma cidade em fragmentos - o lado de cá e o lado de lá .....	83
2.3 Novos espaços, novos lazeres em Vitória da Conquista/BA.....	88
2.4 Sociabilidade segmentada: a prática do lazer em Vitória da Conquista/BA.....	105
<b>Capítulo III: A produção do espaço urbano em Vitória da Conquista/BA: democratização ou elitização da prática do lazer?</b> .....	117
3.1 Vitória da Conquista e o papel desigual dos lugares: a representação dos espaços-tempos de lazer .....	118
3.2 As práticas espaciais do lazer em Vitória da Conquista: a emergência de espaços públicos .....	125
3.3 As práticas espaciais do lazer em Vitória da Conquista: "o lado de cá e o lado de lá" .....	141
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	147
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	154
<b>ANEXOS</b> .....	165
Anexo I – Modelo de <i>enquete</i> .....	165
Anexo II – Roteiro de entrevista aos cidadãos.....	166
Anexo III – roteiro de entrevista aos agentes bem informados: Secretaria de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer .....	168
Anexo IV – roteiro de entrevista aos agentes bem informados: Secretaria de Mobilidade Urbana .....	169
Anexo V – roteiro de entrevista aos agentes bem informados: Secretaria de Desenvolvimento Social e SESI/Unidade Sudoeste .....	170

A análise apreendida sobre a produção do espaço urbano em Vitória da Conquista, tendo como foco de estudo as práticas espaciais do lazer, é aqui apresentada de modo a orientar a leitura e acompanhamento das ideias por nós debatidas, muitas das quais ancoradas por teorias Lefebvreas, que julgamos ser um caminho interpretativo capaz de abarcar a nossa problemática de pesquisa. Assim sendo, além dessa primeira seção introdutória, o texto está organizado em três capítulos.

No primeiro capítulo, nossa intenção direciona-se em compreender a dimensão do lazer, numa tentativa inicial de apresentar as questões conceituais sobre esse elemento, caracterizando-o no âmbito mais amplo do debate das representações e práticas espaciais e como, no contexto da cidade contemporânea, tornou-se um elemento estruturador que integra a dinâmica espacial como nova força produtiva, vinculado a uma produção padronizada do espaço pela lógica de consumo.

No segundo capítulo, analisamos a articulação do lazer à formação de processos socioespaciais verificados em Vitória da Conquista, em que a forma urbana produzida pode ser um ponto de partida para compreender os processos de separação espacial e aprofundamento das desigualdades sociais, tendendo ao evitamento do diferente, assim como, resulta e condiciona a produção social dos espaços de lazer.

O terceiro capítulo compreende o debate sobre como a forma urbana produzida sobre a lógica da homogeneidade revela as contradições de um espaço que é produzido por e a partir da diferença que se erige como negatividade, atribuindo conotações e valorações distintas aos espaços de lazer de modo mais estrito, assim como, ao uso do espaço citadino de maneira ampliada. Uma produção contraditória, pois, ao passo que mascara uma possível democratização e acesso aos espaços de lazer em Vitória da Conquista, reveste-se, na verdade, como um processo de hierarquização espacial e, sobretudo social, desqualificando a prática espacial e impedindo a sociabilidade, a centralidade Lefebvreana, a efetiva participação na vida urbana.

**A - Acerca do objeto**

A produção espacial reflete um conflito entre uma produção voltada aos interesses do sistema econômico e uma produção voltada à reprodução da vida que se expressa no cotidiano, de modo que, o resultado desse embate é refletido nas formas espaciais que o processo de produção do espaço urbano assumiu historicamente, uma produção socializada para uma apropriação privada e é nessa contradição que está centrada a produção da cidade.

Na sociedade capitalista as relações sociais são mediatizadas pelo mercado, isto é, a lógica de produção da mercadoria enquanto modo generalizado da produção humana subordina a vida social ao consumo por intermediação do mercado. Assim, a produção social subordina-se ao valor de troca e, por conseguinte, ao valor de uso pelo consumo.

No capitalismo, o espaço torna-se uma força produtiva, o que implica considerá-lo como integrante desse sistema, assim como afirmou Lefebvre (1973, p.95/96) “as forças produtivas permitem que os que delas dispõem disponham do espaço e venham até a produzi-lo. Esta capacidade produtiva estende-se ao espaço terrestre e transborda-o”. Torna-o passível de ser homogeneizado, fragmentado e hierarquizado, na medida em que o valor de troca e o consumo subordinam as formas e os conteúdos do valor de uso na vida cotidiana, pautando-se na reinvenção ampliada do capital e não necessariamente em suprir as necessidades humanas.

As forças produtivas passaram a dominar a vida social por meio da normatização do cotidiano destituindo-o da característica de ser rico em subjetividade possível, tornando-o um objeto da organização social. O consumo, sistematicamente aperfeiçoado e estimulado, passa a subjugar a vida em todas as suas dimensões, na medida em que o sujeito passa a agir sobre e por meio do consumo (LEFEBVRE, 1991).

Inserimos a temática do consumo em nossa dissertação por entendermos que o mesmo está intrinsecamente ligado ao modo de vida e ao cotidiano da sociedade, pois, com o amadurecimento das relações capitalistas, as lógicas de produção que historicamente promoveram mudanças na cidade, ocorrem com maior intensidade na

busca por ampliação de seus lucros, momento em que a produção de mercadorias visa não apenas atender à demanda do mercado, como também, criar (novas) necessidades.

Outro fator é que, como afirmou Baudrillard (2003), na sociedade de consumo cria-se uma nova hierarquia de classes, alimenta-se o desejo de possuir (consumir) objetos que muito além de conforto e comodidade, constituem-se como objetos de prestígio e *status* social, do mesmo modo, relacionam-se a processos indicativos de individualização e diferenciação.

O mesmo espaço de reprodução das relações sociais é, também, o espaço dos lazeres, estando este inserido no processo produtivo também como espaço de consumo. O espaço e as práticas de lazer a ele identificadas tanto pelas ações dos sujeitos sociais, quanto pelas funções previstas às formas espaciais, expressam, determinam e são determinados pela diferenciação social, permitindo, assim, que se suponha uma diferenciação socioespacial da cidade e na cidade<sup>1</sup>.

Nossa pesquisa, assim, inscreveu-se como uma possibilidade de refletir sobre a produção social do espaço urbano<sup>2</sup> para a qual chamamos atenção. Como resultado da diferenciação socioespacial na prática do lazer, observamos mudanças na sociabilidade por esses espaços serem produzidos por lógicas econômicas e práticas espaciais que fomentam e refletem a segmentação e a diferenciação socioespacial. Uma produção desigual para um uso também desigual por parte dos cidadãos. Dentro dessa perspectiva, questionamentos permeiam nossa investigação:

- De que modo a prática do lazer se insere como elemento que influencia na produção da cidade contemporânea num âmbito mais amplo de determinações objetivas e subjetivas?
- Entendendo o lazer como um reflexo da sociedade que o produz, quais as lógicas e práticas que norteiam sua produção na contemporaneidade e, por conseguinte, novos hábitos?

---

<sup>1</sup> Sobre o conceito de diferenciação espacial, observar: SOUZA, M. J. L. Da “Diferenciação de áreas” à “diferenciação socioespacial”: a “visão (apenas) de sobrevoos” como uma tradição epistemológica e metodológica limitante. **Cidades**. Volume 4. número 6. 2007. p. 101-114.; CARLOS. A. F. A. Diferenciação Socioespacial. **Cidades**. Volume 4. número 6. 2007c. p. 45-60.

<sup>2</sup> Cf.: GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010, 310 p.

- Por fim, sendo um produto de uma sociedade, em seu cerne desigual, como a prática do lazer pode ser indicativa de processos de clivagens socioespaciais e aprofundamento das desigualdades nas relações sociais?

De fato, a necessidade de analisar a atividade humana e sua espacialidade gera a necessidade de uma conceituação espacial que lhe especifique. Logo, a compreensão acerca da produção social pode advir do estudo da prática espacial cotidiana por possibilitar um aprofundamento nas questões sobre a natureza do espaço e a relação entre processo social e forma espacial.

As práticas espaciais aqui serão entendidas enquanto realização da ação social no espaço (LEFEBVRE, 2000). De modo que ao tratar da prática espacial já se apreende seu aspecto social (SOUZA, 2013), logo dispensa o uso do termo prática socioespacial utilizado por alguns autores que fazem essa análise<sup>3</sup>, mesmo que, por vezes, em referência a estes, adotemos tal grafia.

Como assegura De Certeau (1994) sobre as formalidades da prática, deve haver uma lógica que as oriente de maneira combinada entre o plano das representações e o que se vive no cotidiano, isto é, uma articulação entre a maneira de pensar e de agir, combinar e utilizar. Nesse sentido, é imperativo considerarmos a influência e expansividade da lógica do consumo, característica da sociedade homônima em que se tem um apelo ao consumo de objetos materiais e imateriais, cada vez mais efêmeros, criando novas hierarquias sociais e segmentação espacial.

Uma verdadeira ideologia do consumo que, muito além da aquisição de bens materiais básicos para o bem-estar, cria uma simbologia baseada na distinção e prestígio sociais, signos que vão caracterizar cada grupo social e seu espaço de apropriação, como exemplo, o uso de espaços exclusivos com relativa homogeneidade social.

Apoiando-nos em Santos, M. (1978; 1982; 1985), compreendemos que a análise espacial dessa produção pode se dar com base na *forma* apreendendo a disposição dos objetos voltados ao consumo do lazer. Também, através da *função*, em que é possível decompor seus elementos que, no todo, constituem tais espaços, à exemplo a oferta, demanda, infraestrutura, acessibilidade, caracterização social. Ainda, a *estrutura* em que se pode realizar a junção desses e outros elementos inter-relacionados para tornar tal espaço funcional.

---

<sup>3</sup> Sobre esse debate observar Carlos (2007); Corrêa (2007).

Por fim, a análise do *processo*, realizando um movimento diacrônico em que é possível examinar as mudanças na estrutura dos espaços de lazer ou da oferta destes, indicando fases de inconstância, obsolescência, refuncionalização, ou mesmo criação de novos espaços. Esses elementos encontram-se imbricados na análise da produção espacial, não sendo possível sua compreensão de forma linear, antes, num movimento dialético em que, ao produzir o espaço, este influi nas práticas, assim como estas condicionam aquele.

Devemos entender que as questões e conflitos que cercam o urbano não nos permitem pensar apenas na dimensão da cidade, mas, na amplitude que é o urbano. É pensá-lo como virtualidade indicada pela generalização da urbanização e constituição de uma sociedade urbana que determina um modo de viver reflexo da racionalidade do processo de reprodução social. É onde se originam ou se reproduzem as práticas dos sujeitos sociais (CARLOS, 2013a).

Disto exposto, umas das hipóteses aqui debatidas é que na produção da cidade atual o lazer se constitui como nova atividade produtiva, cooptada como objeto de consumo pela sociedade homônima que o produz como valor de troca. A intensificação desse processo tem motivado mudanças na forma urbana de Vitória da Conquista que podem ser analisadas tanto como resultado de lógicas e dinâmicas de produção como também, indutoras das mesmas. Uma produção que se dá no plano local, porém, em articulação com o global por seguir a mesma racionalização e padronização que, em tese, prioriza uma produção homogênea do espaço.

Uma segunda proposição é de que a constituição dos espaços de lazer pelo processo de homogeneização não se realiza, pois, esfacela-se o espaço, fragmentando os tempos-espaços da vida cotidiana por uma lógica produtivista que orienta as práticas espaciais e modos distintos para o uso. Nesse sentido, é importante considerarmos o cotidiano como um campo de possibilidades, a ordem próxima (LEFEBVRE, 2008b) onde se dão as relações mais íntimas no âmbito da cidade, e que nos permite compreender os diferentes modos de apropriação do espaço, a constituição dos lugares e os conflitos para superar as barreiras impostas socialmente à vida urbana. Ou seja, um cotidiano como prática desafiadora da racionalidade imposta à cidade (CERTEAU, 1994).

Uma terceira hipótese é que a lógica de consumo atual carrega uma ideia de acesso irrestrito e igualitário aos espaços de lazer ou onde este se realiza, entretanto,

desenvolve-se promovendo uma diferenciação e hierarquização nas relações sociais, pois, erige-se com base em um espaço diferencial o qual, ao ser produzido a partir das diferenças, contraditoriamente, aprofunda-as (LEFEBVRE, 2000). Assim, o debate versa sobre o processo desigual em que os espaços de lazer são produzidos em Vitória da Conquista, condicionando usos distintos a cada grupo social.

Como ponto de partida e princípio norteador, o processo de produção do espaço urbano de Vitória da Conquista é aqui analisado como produto histórico e social constituído com base em práticas espaciais empreendidas por diferentes sujeitos e agentes econômicos com interesses distintos que expressam a realidade urbana (objetiva e subjetiva). Uma elaboração que se inicia pelo debate fundamental que articula duas categorias importantes na compreensão dos processos desenrolados na contemporaneidade: espaço e tempo, conceitos indissociáveis na análise da produção espacial urbana.

Ações empreendidas no processo de construção histórico dessa cidade que se requalificam de modo processual, isto é, num “incessante processo de entropia desfaz e refaz contornos e conteúdos dos subespaços, a partir das forças dominantes, impondo novos mapas ao mesmo território.” (SANTOS, M., 2006, p. 193). Uma trajetória que, a nosso ver, pode nos dar subsídios para compreender o desenvolvimento de processos que alteram as estruturas pretéritas e o cotidiano urbano na condição atual, de modo que consideramos importante reforçar, nos estudos sobre a produção do espaço, a relação indissociável entre espaço e sociedade por este não ser uma realidade material independente desta. É, antes, produzido socialmente pelas relações que os sujeitos estabelecem entre si e por suas atividades e práticas. Significa pensar um espaço produzido que expressa-se, ao mesmo tempo, num plano material e num processo que envolve as relações sociais, ou seja, não é apenas o lugar onde os processos espaciais ganham forma, mas também, lugar de realização das práticas espaciais.

A definição da *práxis* para Geografia é de fundamental importância porque, assim como nos mostra Moreira (2012), esta ciência não só detém a função de analisar a prática, mas, sobretudo, porque a Geografia nasce da prática espacial, da relação entre homem e natureza sobre um termo espacial. Uma prática que evidencia o saber espacial muito enraizado na empiria, mas que, com o tempo e com o acúmulo e a multiplicação de experiências dessa prática espacial, ganha um nível de abstração crescente (MOREIRA, 2012).

Para esse mesmo autor, a questão da *práxis* em Geografia pode ser concebida por dois vieses: o prático-teórico em que, na dimensão discursiva, articula-se à prática espacial e o saber espacial e; o político ideológico pela vinculação da Geografia enquanto ciência com as mobilizações sociais do tempo (MOREIRA, 2012). Nesse sentido, há uma elevação do saber espacial (empírico) transformando-se num saber (teórico), conhecimento sistematizado pela Geografia.

Por essa valorização das práticas espaciais, o espaço, que por muito tempo envolto (e limitado) em teorias que o colocavam numa posição de apenas suporte de fenômenos<sup>4</sup>, passou a ter também um *status* de determinação e condicionante da totalidade na relação entre o meio natural e o social e, um produto histórico dessas ações.

Contudo, cabe a consideração de que pela teoria marxista o conceito de *práxis* não equivale ao de prática, pois, o primeiro refere-se a “atividade livre, universal, criativa e auto criativa por meio da qual o homem cria (faz, produz) e transforma (conforma) seu mundo humano e histórico a si mesmo” algo que o torna distinto dos demais seres (BOTTMORE, 2013); o segundo relaciona-se a uma dimensão da *práxis*, a uma atividade de caráter utilitário-pragmático, vinculadas às necessidades imediatas.

Mas, de que forma podemos compreender esse espaço social? Lefebvre (2000) nos indica um caminho: analisar a *sincronia* da realidade social, sendo o espaço a sua ordem simultânea, relacionado ao processo histórico de produção social, sua *diacronia*. Portanto, a base de entendimento sobre a produção do espaço está na relação entre *espaço* e *tempo*, ambos como dimensões que integram a prática social.

Tempo e espaço são categorias analíticas básicas da existência humana (HARVEY, 1994) e são oriundas das práticas e processos materiais que norteiam a reprodução da vida social. Assim, não são apenas relacionais, mas também, históricos e devem ser concebidas no contexto de uma sociedade específica e não enquanto uma condição de universalidade imutável. Em cada formação há seus conflitos, contradições e relações de poder próprios a cada sociedade, “cada tempo se distingue de outro pela forma do seu espaço” (MOREIRA, 2007, p. 41).

Esse exercício analítico nos mostra que num plano material vinculam-se relações sociais com temporalidades distintas e que se encontram numa relação de descompasso e desencontro, resultado de diferentes momentos históricos, onde o tempo

---

<sup>4</sup> Sobre esse debate, observar Santos M. (1978, 2006), Moreira (2000, 2007, 2012), Corrêa (2008).

pode ser diferente, mas este não se aparta do espaço. As duas dimensões coexistem numa relação dialética pela qual é possível analisar o desenvolvimento dos arranjos espaciais nos diversos períodos, na relação entre sociedade e natureza no tempo (MOREIRA, 2007).

Assim, a ordem sincrônica e diacrônica do espaço social nos impõe analisá-lo como um processo que está constantemente se refazendo, num contínuo devir que, para Massey (2004) faz-se necessário pela condição do espaço ser produto de inter-relações, isto é, práticas sociais efetivadas espacialmente que nunca está finalizado. Para essa geógrafa, há sempre uma possibilidade, num dado tempo histórico, de haver novas relações e interações a serem realizadas.

Disto posto, espaço e tempo são distintos e co-implicados. No primeiro caso há uma temporalidade integrante de uma simultaneidade dinâmica e, no tempo, há uma produção necessária da mudança através de práticas de inter-relações. Como não é algo acabado, fechado em si, o espaço se apresenta como multiplicidade pela possibilidade de relacionar diversas trajetórias que não podem ser analisadas apenas sob uma única perspectiva, sob um único olhar analítico. Considerando aí que o espaço se relaciona e constitui-se por meio da coexistência de *diferenças*, das diferentes trajetórias possibilitando ou não seu encontro.

Dessa forma, nossa intenção aqui não é, unicamente, esclarecer o *devir*, os seus significados ou tão somente a produção que dele resulta, mas, analisar o próprio *devir*, isto é, entender as especificidades do processo de produção do lazer em Vitória da Conquista, no tempo e no espaço, nos permitindo identificar permanências e mudanças nas práticas espaciais. Assim, enquanto um espaço multifacetado, a análise da sua produção só pode ser realizada pela prática espacial, sendo esta a base da teoria espacial Lefebvriana, a qual nos é suporte.

Com base nesses fatores, a presente pesquisa objetivou analisar as práticas espaciais do lazer na cidade de Vitória da Conquista, na Bahia, como um viés de análise sobre a produção do espaço urbano na contemporaneidade. Uma construção que nos forneceu subsídios para averiguar as mudanças na sociabilidade pela constituição de espaços de lazer por lógicas e práticas que fomentam e refletem a segmentação e a diferenciação nos planos espacial e social.

Vitória da Conquista, com ano de fundação em 1840<sup>5</sup> é o terceiro município do Estado da Bahia com população estimada em 340.199 habitantes, segundo projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o ano de 2014, precedida por Feira de Santana e pela capital, Salvador, da qual se encontra a uma distância de 503 quilômetros e uma área total de 3.204,257 km<sup>2</sup>.

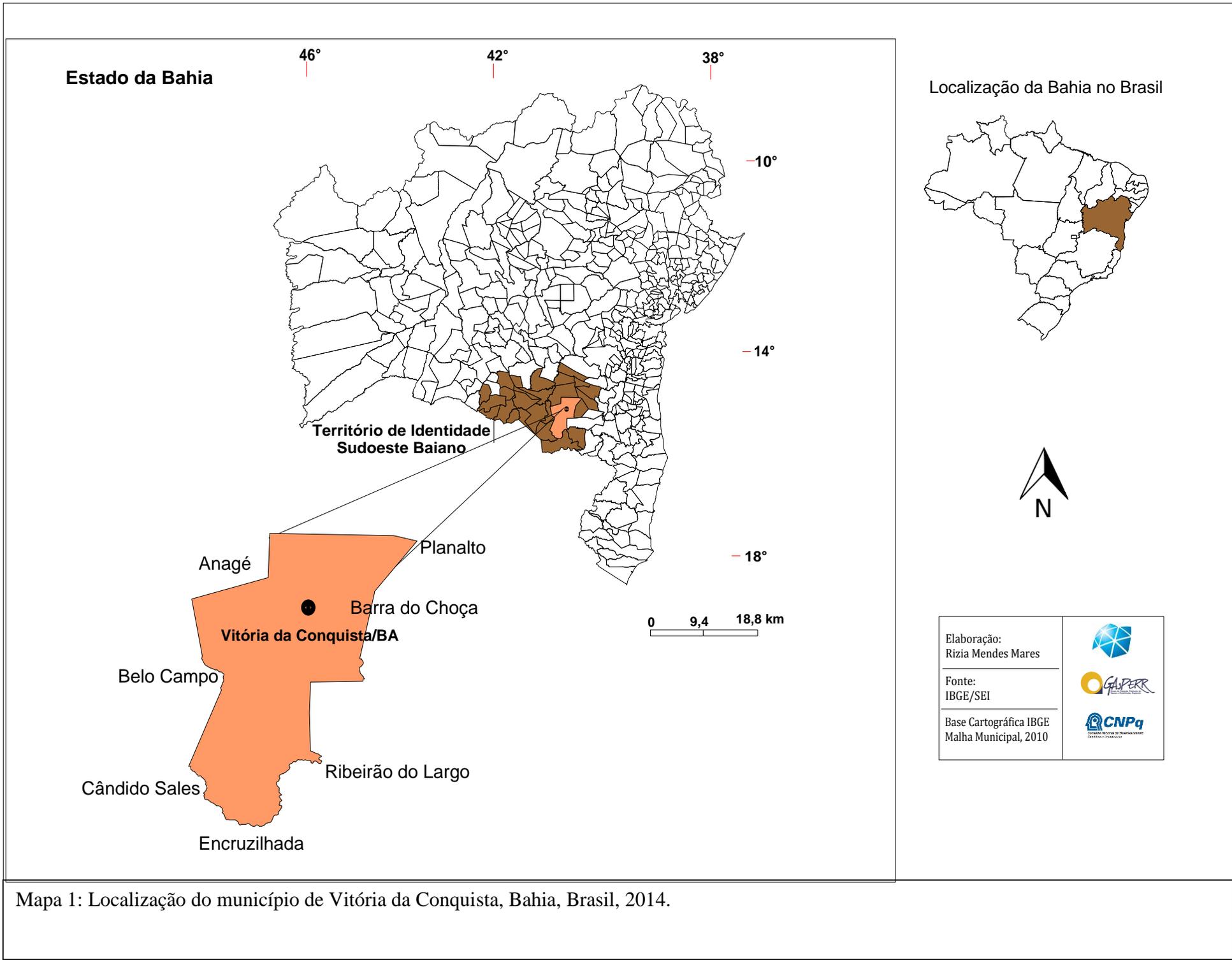
O município integra o Território de Identidade Sudoeste Baiano (Mapa 1) uma regionalização criada pelo Governo do Estado da Bahia como ferramenta de gestão objetivando atuar de acordo às prioridades temáticas definidas com base na realidade local. Segundo a Secretaria de Planejamento do Estado – SEPLAN, a intenção é que haja um desenvolvimento equilibrado e sustentável entre as regiões. Assim, foram formados vinte e sete Territórios de Identidade com base na especificidade de cada região, com metodologia de trabalho pautada no sentimento de pertencimento incentivando a participação dos cidadãos no processo de gestão através de seus representantes.

Adotamos esse recorte por ser uma divisão utilizada por muitos pesquisadores, instituições públicas e governamentais, das quais coletamos dados, informações, e dialogamos em pesquisas e debates que trabalham na mesma direção. Contudo, o município é mais comumente inserido na divisão em regiões econômicas - Região Sudoeste da Bahia - proposta pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia-SEI (2014) e pelo IBGE como pertencente à Mesorregião Centro-sul Baiano.

Como Capital Regional B (IBGE, 2008), a cidade de Vitória da Conquista compõe a rede urbana de Salvador com uma área de abrangência de mais de noventa municípios dos Estados da Bahia e Minas Gerais. Destaca-se, economicamente, no setor de serviços ocupando o quarto lugar na participação do Produto Interno Bruto – PIB estadual com 2,8% (SEI/2011).

---

<sup>5</sup> Data de fundação em 1840, porém, em 1752 já havia uma luta pelo território entre os habitantes locais, índios das tribos Mongoyó, Ymboré e Pataxó e os portugueses em busca de novas formas de exploração de riqueza. Fonte: pesquisa documental/Arquivo público municipal.



Mapa 1: Localização do município de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil, 2014.

Uma cidade na qual vêm ocorrendo profundas mudanças, especialmente a partir de 1990 quando da expansão do setor terciário, principal indutor do processo de reestruturação econômica. Nesse contexto, diversificou-se a oferta de serviços e ampliação do comércio fortalecendo, desse modo, sua centralidade na rede urbana (FERRAZ, 2009).

Essa dinamização tem alterado substancialmente o cotidiano cidadão em Vitória da Conquista, apreensível não só nas formas espaciais resultantes de tais processos, como também, no conteúdo social que delas derivam (ou retroalimenta). Mudanças refletidas em novos modos de socialização e práticas espaciais que se fundem em novo jeito de viver a cidade, de uso e apropriação do espaço urbano.

Uma cidade média baiana na qual se expressa uma nova face da urbanização hodierna em que é preciso atentarmos para a complexidade dos processos que dinamizam e estruturam seu espaço, considerando sempre sua posição geográfica<sup>6</sup> e os papéis que desenvolve em relação às áreas rurais e cidades noutras escalas. Assim, é preciso fazer um exercício analítico que considere o processo de constituição histórica dessa cidade como caminho para entender sua dinâmica de produção atual, bem como, para nos dar possibilidade de projeções futuras.

## **B - Acerca do Método e da metodologia.**

A escolha do Método, compreendido como opção e caminho à construção do conhecimento, é o primeiro passo na construção de uma pesquisa, pois, ao optar por uma linha de pensamento que dê conta da realidade que se pretende analisar, já se inicia o processo de construção do conhecimento, e a metodologia também é um processo,

---

<sup>6</sup> Corrêa (2004) afirmou que a posição geográfica, enquanto localização relativa refere-se à situação locacional da cidade em relação a aspectos externos a ela, contemplando o conteúdo social e natural das áreas circunvizinhas, tendo como principais elementos: recursos naturais, produção, demanda e acessibilidade. Essa relatividade, especialmente temporal deve-se, segundo esse autor, às mudanças que historicamente fazem com que o mesmo local possa ter diferentes funções e importância. Tal proposição ampara-se na mesma definição de Beaujeu-Garnier (1980) em que a localização relativa de uma cidade relaciona-se, por exemplo, à facilidade de comunicação, ofertas de serviços, etc. Ainda, a posição geográfica pode ser definida com base em especificidades da urbanização e desenvolvimento urbano, assim como definiu George (1961). Nesse sentido, entendemos que o termo posição geográfica, é adequado para nossa análise sobre as cidades médias, pois, a sua posição na hierarquia urbana será determinada pelo poder dessa situação. Como abordou SPOSITO (2001), a condição de cidade média liga-se a uma posição geográfica favorável, mesmo que tal conceito ainda deva considerar as condições técnicas contemporâneas e das ações políticas que definirão a forma de aplicação destas.

precisa ser revista constantemente para melhor adequar-se às necessidades do pesquisador/pesquisa.

Acreditamos que uma ferramenta de compreensão da sociedade contemporânea deve ter a capacidade de confrontação de realidades contraditórias postas, como modo de buscar a realidade concreta e real. Ainda, de que a maneira como se desenvolve uma pesquisa e a vinculação do Método é influenciada pela formação do pesquisador, da sua visão de mundo e de ser humano como sujeito social, determinado historicamente, inserido em uma estrutura social, e que mesmo sofrendo determinações políticas, econômicas, culturais, é também produtor e transformador da mesma.

Para o desenvolvimento da pesquisa optamos por técnicas e instruções que acreditamos melhor se adequarem à nossa proposta de trabalho para viabilizar um resultado mais eficaz no tratamento das informações apreendidas em campo dentro das possibilidades de tempo e equipe de trabalho.

Muitas informações e debates foram construídos no âmbito das pesquisas desenvolvidas por nosso grupo de pesquisas, GASPERR que, atualmente, tem como principal projeto em andamento “Lógicas econômicas e práticas espaciais contemporâneas: cidades médias e consumo”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São- FAPESP, com o qual tomamos contato pelos vínculos acadêmicos com nosso orientador, porém, não nos inserimos formalmente nesse projeto de pesquisa por sua investigação circunscrever-se a um conjunto de cidades do sudeste e sul brasileiro.

O Projeto Temático<sup>7</sup> tem por objetivo principal analisar as cidades médias na contemporaneidade, considerando-se a redefinição de seus papéis na rede urbana e das

---

<sup>7</sup> LÓGICAS ECONÔMICAS E PRÁTICAS ESPACIAIS CONTEMPORÂNEAS: CIDADES MÉDIAS E CONSUMO. Projeto Temático, financiado pela Fapesp, 2011.

Nossa pesquisa de mestrado se aproximou da proposta do Projeto Temático em um dos três planos analíticos desse projeto, qual seja:

*As novas lógicas de localização das empresas, desenvolvidas como estratégias dos agentes econômicos, orientadas pela ampliação e pela diversificação do consumo, geram novas práticas espaciais, entre as que se apropriam do espaço urbano. (2011, p.5).*

Outrossim, é o campo teórico-metodológico em que nos aproximamos das seguintes dimensões empíricas:

1. *Formas de organização da comercialização de bens e serviços, que sejam representativas do período atual e que constituam mudanças nos meios de realização do consumo, considerando-se os processos de desconcentração e centralização espaciais que marcam as estratégias das empresas. Essa abordagem possibilitará estudar a ação tanto dos grandes capitais (grupos econômicos e suas redes comerciais e de serviços), como dos médios (empresas vinculadas às franquias) e pequenos (comércio informal em suas articulações com outros capitais).(2011, p. 6)*

2. *Análise dos espaços que são decorrência das novas formas de consumo e, ao mesmo tempo, condição de sua realização, indicando a ocorrência de processos de reestruturação das cidades médias, com o intuito de observar a localização e os conteúdos dos novos espaços onde o consumo se realiza (com*

estruturas espaciais, com base num conjunto de mudanças econômicas e sociais que impõem tais alterações tanto quanto as expressam.

Outra contribuição importante é que conciliamos nossas estratégias de pesquisas com base em instrumentos e técnicas desenvolvidas no âmbito do mesmo projeto para a construção da nossa metodologia: orientação na elaboração das *enquetes*, roteiro de entrevistas (a consumidores e agentes bem informados) e a delimitação dos perfis dos sujeitos como uma maneira de garantir uma amostra representativa, ora qualitativamente, ora quantitativamente, do universo em que nossa pesquisa se insere.

Buscamos um primeiro contato com nossos sujeitos para apreender suas práticas espaciais relacionais ao lazer com base em outras fontes e referências, e alcançar um número maior de sujeitos. Assim, elaboramos uma *enquete*, com roteiro definido após teste realizado na cidade de Presidente Prudente/SP em agosto de 2013, objetivando:

- a) Estabelecer um perfil socioeconômico do inquirido;
- b) Identificar sua área de residência e de trabalho;
- c) Identificar as principais áreas de lazer mais frequentadas da cidade;
- d) Identificar as principais práticas e/ou áreas de lazer realizadas pelo inquirido,

a partir de evocação livre.

e) Priorizar um número mínimo de questões, permitindo sua aplicação rapidamente e em campo.

Foi um teste importante que nos fez adaptar o roteiro inicial, redefinindo prioridades, modo de elaborar as questões, acesso aos inquiridos, tempo de execução e, ao final, definimos roteiro final (Anexo I). Chegamos a um total de 270 enquetes, amostra obtida através de dados do censo do IBGE (estimativa da população total/2013) verificamos o número de 336.987 habitantes e um cálculo para delimitar o universo de aplicação, por ser um número expressivo e incompatível com a disponibilidade de tempo e equipe. O tamanho da amostra foi definido com base em estudos estatísticos<sup>8</sup>, utilizando a seguinte fórmula:

---

*atenção especial aos shopping centers), bem como estudando quais espaços são objeto dos novos consumos (com atenção especial para os novos habitats urbanos). (2011, p. 6).*

<sup>8</sup> Foi relevante nessa definição a referência bibliográfica de Girardi e Silva (1981) Quantificação em Geografia.

$$n = N \cdot p \cdot q$$

$$D = N + p \cdot q$$

Onde N, representa o tamanho da população e “p . q” a variância de um elemento que mede a proporção de algum aspecto a ser pesquisado. Este procedimento, segundo Miyazaki (2007, p.73) auxilia na diminuição do tamanho da amostra em universos amplos, como é o caso da presente pesquisa. O valor atribuído a “p e q” é 0,5 e a relação entre precisão (0,5%) e nível de confiança (90%) é representada por D, ao qual foi atribuído o valor de: 0,00092386433, isto porque  $D = [B \text{ (precisão)} \text{ dividido por } Z \text{ (nível de confiança)}]$  ao quadrado, sendo “B”= 0,05 e “Z”= 1,654.

#### **APLICAÇÃO**

$$p \text{ e } q = 0,5$$

$$D = 0,00092386433$$

N= número da população total (336.3987 hab.)

n= número da amostra a ser identificada

#### **CÁLCULO PARA VITÓRIA CONQUISTA**

$$N: 336,987 \cdot 0,5 \cdot 0,5 =$$

$$336,987 \cdot D + 0,5 \cdot 0,5$$

$$n: 84246,75 =$$

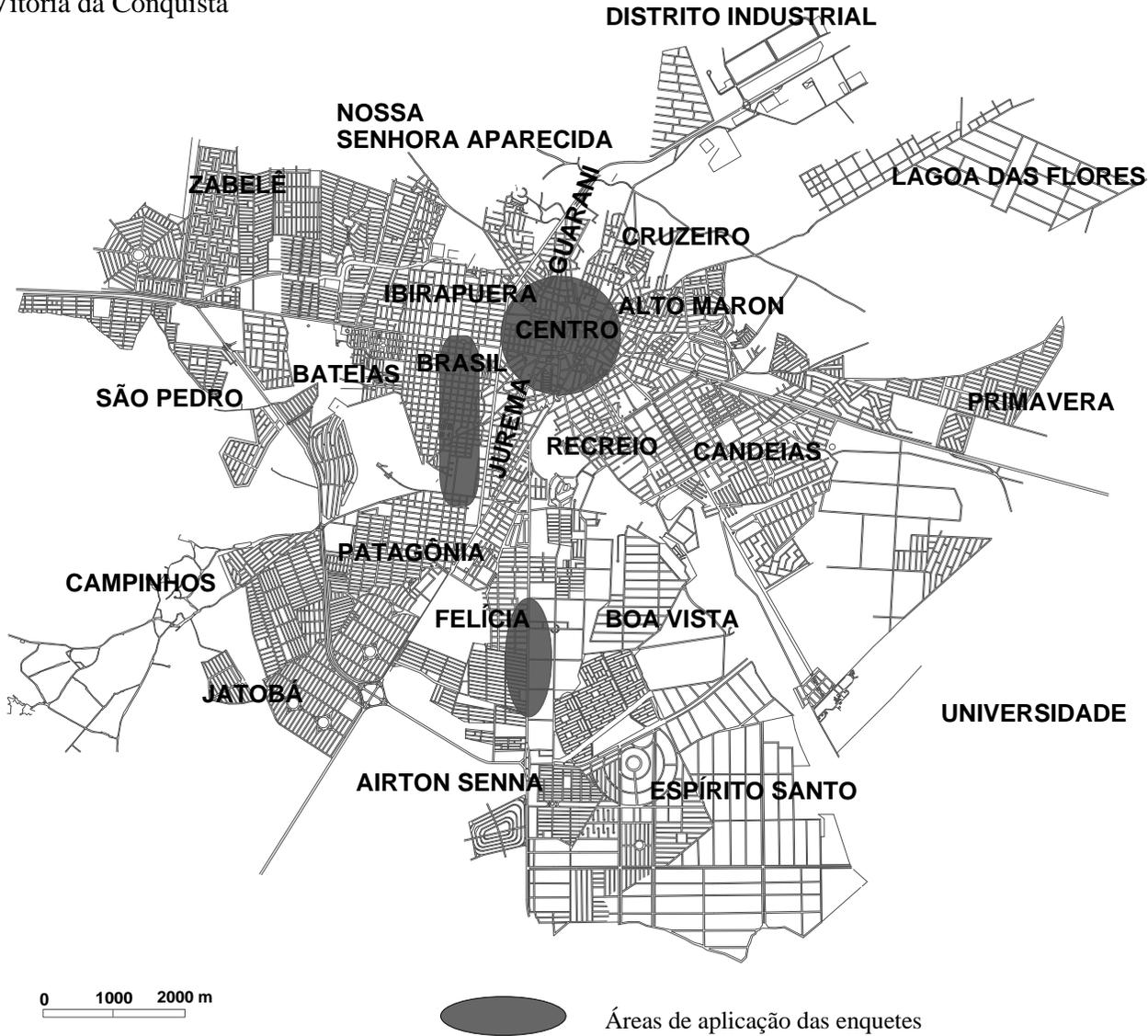
$$311,58026897371$$

$$n = 270$$

Aplicamos as 270 *enquetes* em dezembro de 2013, entre segunda-feira e sábado em horários alternados, em pontos estratégicos da cidade de Vitória da Conquista por seu grande fluxo e diversidade de sujeitos, são eles: avenidas Juracy Magalhães, Olívia Flores, Frei Benjamim; no centro principal, intercalando trechos das avenidas Bartolomeu de Gusmão, Régis Pacheco, Dois de Julho, Lauro de Freitas, Siqueira Campos, Vivaldo Mendes (Mapa 2). Além disso, por serem áreas que teríamos acesso a um público que incluiria usuário de diversos meios de locomoção, apesar dessa metodologia dirigir-se diretamente a transeuntes.

Iniciamos com esse procedimento como um campo exploratório, buscando referências sobre nosso objeto, informações gerais sobre a cidade, mapeamento das áreas de interesse e um indicativo do que poderia constar no roteiro de nossas entrevistas, pois, teríamos mais informações acerca da realidade pesquisada (THOMPSON, 1998). Ressaltamos, contudo, que não tivemos como objetivo um levantamento censitário, mas, tomando por base o cálculo da amostra, alcançamos uma amostra estatística significativa e que jugamos relevante por aliar dimensões quantitativas e qualitativas nessa primeira aproximação com nossos sujeitos.

Vitória da Conquista



Localização da Bahia no Brasil



Localização do Território de Identidade Sudoeste Baiano



Localização de Vitória da Conquista/BA



Elaboração:  
Rizia Mendes Mares

Fonte:  
Trabalho de campo, 2013.

Base Cartográfica  
Malha municipal, 2011



Mapa 2: Localização das áreas de aplicação das *enquetes*, Vitória da Conquista/BA, 2013.

Por objetivar analisar práticas espaciais, essa pesquisa também apresentou cunho qualitativo, nesse sentido, além das *enquetes*, utilizamos entrevistas semidiretivas ou semiestruturadas, conforme classificação de Colognese e Melo (1998). Nestas, as questões são previamente elaboradas dando mais abertura ao pesquisador de fazer inferências e questionamentos sobre o tema que deseja aprofundar, porém, não abandonando o roteiro que a ordena e direciona.

Para auxiliar a estruturação do roteiro final das entrevistas, anteriormente à aplicação das *enquetes*, realizamos uma aplicação-teste *online*<sup>9</sup> entre os meses de agosto a outubro de 2013, com moradores de Vitória da Conquista, dadas as impossibilidades de fazê-lo em campo presencialmente. A composição da amostra foi orientada conforme quadro de perfis, também no Projeto Temático, conforme a classificação abaixo descrita:

- Dois jovens entre 13 e 18 anos, em nível de escolaridade correspondente à sua faixa etária, de tal modo que um seja homem e outro, mulher, um habite na periferia e outro em bairros centrais ou pericentrais.
- Dois jovens entre 18 e 30 anos, de tal modo que se contemple um em nível de escolaridade universitário e outro não, um morador distante do centro e outro não, se for possível contemplar um homem e uma mulher.
- Dois adultos inseridos no mercado de trabalho, com níveis de escolaridade diferentes, ambos moradores próximos do centro, sendo um homem e uma mulher.
- Dois adultos inseridos no mercado de trabalho, com níveis de escolarização diferentes, ambos moradores distante do centro, sendo um homem e uma mulher.
- Duas mulheres adultas donas de casa, com níveis de escolarização diferentes, uma moradora de áreas próximas ao centro e outra habitando áreas distantes.
- Dois homens adultos não inseridos no mercado de trabalho formal, com níveis de escolarização diferentes, um morador de áreas próximas ao centro e outro habitando áreas distantes.
- Dois adultos não casados, viúvos ou descasados, de sexos diferentes, idades diferentes, moradores de setores diferentes da cidade.

---

<sup>9</sup> Roteiro-teste aplicado através do aplicativo *Skype* a moradores de Vitória da Conquista/BA

- Dois adultos em terceira idade, sendo um homem e uma mulher, ambos não inseridos no mercado de trabalho, se possível uma mulher que não têm mais filhos em casa e que foi “dona de casa”.

As entrevistas aos cidadãos foram realizadas durante os meses de janeiro e fevereiro de 2014 para um contato mais próximo e maior interação social, com o objetivo de aprofundar-nos no conteúdo das práticas espaciais de lazer realizadas por esses sujeitos no âmbito da cidade de Vitória da Conquista. A seguir, dispomos a sínteses das informações obtidas através das entrevistas aos cidadãos (quadro I).

Além destes, realizamos entrevistas com “agentes bem informados”, denominação também desenvolvida no âmbito do referido projeto temático “Lógicas econômicas e práticas espaciais contemporâneas: cidades médias e consumo”, FAPESP, 2011, sendo aqueles que possuem conhecimento histórico sobre a expansão territorial da cidade, ou ainda aqueles envolvidos com a política e a economia desta, que ocupam cargos em empresas e/ou instituições públicas e privadas, enquanto detentores de informações importantes para a pesquisa.

Assim, buscamos o poder público municipal, através das secretarias de: Turismo, Cultura, Esporte e Lazer, de Desenvolvimento Social, de Mobilidade Urbana; ainda, com o gerente do Serviço Social da Indústria-SESI/Unidade Sudoeste (anexos II, III, IV). As entrevistas ocorreram respectivamente, em dezembro de 2013, abril e maio de 2014, contudo, as últimas entrevistas foram realizadas por e-mail.

Como mais um recurso metodológico, utilizamos um diário de campo no qual realizamos registros que julgamos importantes na execução da pesquisa e que não passaram, necessariamente, pelas técnicas anteriormente citadas: inferências pessoais da observação *in loco*, expressões, reflexões etc.

As referências teórico-metodológicas apreendidas mediante as atividades acima referidas também nos indicaram modos de melhor tratar as informações obtidas em campo. Assim, iniciamos esse processo de tratamento de dados pela organização do material: sua identificação, verificação se todos os procedimentos realizados ocorreram de acordo o roteiro estabelecido, transcrição do áudio das entrevistas, tabulação das enquetes. Com esta etapa pudemos iniciar nossa análise e produção de informações.

**QUADRO I  
PERFIS DOS ENTREVISTADOS**

Perfil *	Faixa etária (anos)	Gênero	Condição civil	Escolaridade	Inserção no mercado de trabalho formal ou informal	Local de residência	Renda familiar	Membros /família	Participação na renda familiar	Bairro de trabalho/estudo	Situação da casa	Meio de transporte individual
1.1 Tahis	14 anos	Feminino	Solteira	Cursando Ensino Fundamental	Não trabalha	Patagônia (Periferia)	2-3 salários mínimos	4	Dependente	Brasil	Própria	Sim (carro)
1.2 João	15 anos	Masculino	Solteiro	Cursando o Ensino Fundamental	Não trabalha	Cruzeiro (Pericentral)	Até 1 salário mínimo	3	Dependente	Centro	Própria	Não
2.1 Lucas	33 anos	Masculino	Solteiro	Superior Completo	Engenheiro Agrônomo	Zabelê (Periferia)	2-3 salários mínimos	4	Contribui com a renda familiar	Boa Vista	Própria	Sim (motocicleta)
2.2 Maria	27 anos	Feminino	Casada	Ensino Médio Completo	Secretária	Alto Marom (Pericentral)	Até 1 salário mínimo	2	Contribui com a renda familiar	Universitário	Alugada	Não
3.1 Pedro	40 anos	Masculino	Casado	Ensino Superior Completo	Comerciante	Ibirapuera (Pericentral)	3-6 salários mínimos	2	Contribui com a renda familiar	Ibirapuera	Própria	Sim (carro e moto)
3.2 Valéria	38 anos	Feminino	Casada	Ensino Superior Completo	Professora da Educação Básica	Guarani (Pericentral)	3-6 salários mínimos	4	Contribui com a renda familiar	Planalto (Outro município)	Própria	Não
4.1 Laíza	35 anos	Feminino	Solteira	Ensino Superior Completo	Secretária	Nossa Senhora Aparecida (Bruno) (Periferia)	2-3 salários mínimos	4	Contribui com a renda familiar	Universitário	Própria	Não
4.2 Iago	34 anos	Masculino	Casado	Ensino Superior Incompleto	Auxiliar Administrativo	Patagônia (Periferia)	2-3 salários mínimos	3	Responsável pela renda familiar	Centro	Própria	Sim (bicicleta)
5.1 Eunice	50 anos	Feminino	Viúva	Ensino Médio Completo	Dona de casa	Patagônia (Periferia)	3-6 salários mínimos	3	Contribui com a renda familiar (pensionista)	Não trabalha/estuda	Própria	Sim (carro e motocicleta)
5.2 Joana	50 anos	Feminino	Solteira (relação marital)	Ensino Médio Completo	Dona de casa	Guarani (Pericentral)	2-3 salários mínimos	3	Dependente	Não trabalha/estuda	Própria	Não
6.1 Talles	26 anos	Masculino	Solteiro	Ensino Médio Completo	“Graniteiro” (autônomo)	Cruzeiro (Pericentral)	3-6 salários	5	Contribui com a renda familiar	Candeias e outros espaços não fixos	Própria	Sim (motocicleta)
6.2 Vítor	37 anos	Masculino	Casado	Ensino Médio Incompleto	Jornaleiro (autônomo)	Boa Vista (Periferia)	2-3 salários mínimos	3	Responsável pela renda familiar	Centro	Própria	Sim (carro)
7.1 Guilherme	41 anos	Masculino	Solteiro	Ensino Superior Incompleto	Pedreiro (autônomo)	Candeias (Periferia)	2-3 salários mínimos	3	Contribui com a renda familiar	Candeias outros espaços não fixos	Própria	Sim (bicicleta)
7.2 Ana	41 anos	Feminino	Divorciada	Pós-graduação Lato Sensu	Funcionária Pública	Alto Marom (Pericentral)	2-3 salários mínimos	2	Responsável pela renda familiar	Centro	Herdeiros	Não
8.1 José	75 anos	Masculino	Casado	Ensino Fundamental Incompleto	Empresário	Recreio (Pericentral)	3-6 salários mínimos	3	Responsável pela renda familiar	Centro	Própria	Sim (carro)
8.2 Lúcia	56 anos	Feminino	Casada	Ensino Fundamental Incompleto	Auxiliar Administrativo	Espírito Santo (Periferia)	Acima de 6 salários mínimos	5	Contribui com a renda familiar	Universitário	Própria	Não

\*Perfil dos entrevistados - Nomes fictícios

Adotamos uma maneira de sistematização de dados em categorias, organizando as informações de acordo um tema (COLOGNESE; MÉLO, 1998), isso nos permitiu criar uma hierarquia de codificação no ordenamento e padronização dos temas para que o mantivéssemos durante todo o processo. Essa proposta de organização já é um modo de análise dos dados coletados e produzidos (GIBBS, 1980).

Complementaram os procedimentos de investigação, além da revisão da literatura, consulta a *sites* e documentos oficiais do poder público, leis e programas que abordam essas questões, pesquisa no Arquivo Público Municipal, registros fotográficos das áreas destacadas em entrevistas e *enquetes* para realização das práticas de lazer, confecção de material cartográfico.

De posse da maior parte dos dados empíricos obtidos através do trabalho de campo, produzimos o relatório para o Exame Geral de Qualificação no qual, além de apresentarmos a pesquisa de campo feita até aquele momento, foi uma primeira aproximação da redação que pretendíamos, mediante a linha teórica que vínhamos articulação até então. De modo que as técnicas utilizadas foram escolhidas pensando no modo mais eficaz de realização das metas traçadas quando da ao final do projeto de pesquisa: elaboração das enquetes, roteiro de entrevistas, escolhas dos agentes bem informados, delimitação das áreas de coleta de dados, dos registros fotográficos, hora/dia da semana etc.

Após o Exame Geral de Qualificação e dos apontamentos sugeridos para encaminharmos o texto final, muito do nosso referencial teórico foi redimensionado para uma maior definição e clareza da tese que defendíamos. Assim, houve a necessidade de readaptar algumas estratégias e de trabalhar o material empírico já obtido, de modo que pudéssemos continuar com a utilização da base de dados elaborada. Ainda porque as possibilidades de realização e utilização de uma nova metodologia mostraram-se, em certa medida, limitadas, dada as condições de tempo e equipe e que nos levou a buscar outras maneiras de trabalhar e interpretar os dados que, propriamente, mudar as técnicas já empregadas.

Desse modo, ainda que o texto passasse por mudanças estruturais após o Exame Geral de Qualificação, buscamos qualificar e nos apropriar de um modo mais direto dos dados empíricos de que, necessariamente, iniciar novas técnicas. Ademais, apostamos nos desdobramentos da dissertação, haja vista, os objetivos propostos e a

demandas surgidas até os momentos finais de produção desse texto, nos remeteram a reflexões que, mesmo importante para o debate aqui realizado, algumas ficarão como projeções e amadurecimento futuros.

E, assim, caminhamos por um processo de maturação do material do campo, empreendendo comparações e leituras que nos direcionaram do plano descritivo ao nível de análise, com o intuito de aprender os fenômenos que permeiam a realidade pesquisada para, dentro do tempo determinado pelo rigor acadêmico, analisar as práticas espaciais desses sujeitos sociais e compreender sua participação na produção do espaço urbano de Vitória da Conquista.

## **CAPÍTULO I**

### **A produção do espaço urbano: das práticas e representações do lazer em Vitória da Conquista**

Assim como supõe Lefebvre (2000), é através da prática espacial que se conhece o espaço social, além de se evidenciar as implicações que a dimensão espacial tem na reprodução da vida cotidiana. É, pois, realizar a junção das representações do espaço com a prática dos cidadãos na análise de sua produção e apropriação, já que por vezes, o espaço que se tem representado não é o mesmo que se tem apropriado.

Pela dimensão do lazer, temos a possibilidade de uma análise e compreensão dos sujeitos, das suas relações e práticas espaciais, isto é, compreender questões pertinentes à sua função social nos mais diversos processos de desenvolvimento da sociedade, na produção e reprodução das relações sociais.

Esse primeiro capítulo está estruturado em três seções em que pese uma leitura sobre questões conceituais em relação aos tempos sociais, ao lazer. E de como o lazer se insere como elemento estruturador na dinâmica espacial contemporânea.

### **1.1 Considerações iniciais sobre o lazer**

O fenômeno do lazer se estrutura de acordo com a sociedade que o produz. Por essa posição Polato (2003) defende que o lazer tem apresentado conteúdos e formas distintas por sua subordinação aos interesses e demandas do capital. Logo, as contradições das relações sociais erigidas nesse sistema são evidenciadas no âmbito das relações entre sociedade e lazer ou desses com o processo produtivo. Para a mesma autora:

A consideração e o tratamento das relações entre o lazer e a estrutura econômica-social, o processo de produção, as transformações tecnológicas, o processo de divisão do trabalho, bem como a produção e reprodução da força de trabalho, constituem-se como essenciais para a correta apreensão do lazer e da função que este, hegemonicamente, tem recebido como um tempo/espaço de controle para responder às demandas do capital. (POLATO, 2003, p. 140).

Para a ideia que desenvolvemos em nossa dissertação, interessa-nos tal posicionamento, pois, entendemos que um dos modos de subordinação do lazer ao capital se dá na medida em que esse sistema promove uma diferenciação social na prática do lazer, por conceber o lazer enquanto mercadoria na sociedade de consumo.

A produção dos espaços de lazer pode ser vista como indutora de lógicas de crescimento e expansão territorial que é indicadora da formação de processos socioespaciais que têm alterado os tempos/espaços da sociabilidade, de modo que, pela interface do consumo, a prática do lazer é um modo de compreender a produção do espaço urbano e de como esse elemento se insere no tempo e no espaço na contemporaneidade.

Não deixando de considerar, também, o lazer como um tempo/espaço de desenvolvimento das potencialidades humanas, desde que tais dimensões sejam convertidas em conhecimentos e habilidades que nos deem subsídios para refletirmos sobre nossa realidade. Mesmo porque entendemos que o lazer enquanto prática precede o lazer enquanto oferta, limitada a espaços específicos e, como oferta a produção do lazer insere-se na própria produção do espaço urbano.

Contudo, é necessário operar mudanças na prática do lazer no sentido de usar o espaço-tempo destinado a esse fim para desenvolvimento de ações políticas que levem à superação das práticas que se mantêm subordinadas. Tal construção não se dá de forma dissociada da vida social, mas, antes, baseada nas contradições de cada sociedade e seu tempo, isto é, deve considerar o contexto histórico e social em que se insere.

A utilização do tempo na sociedade contemporânea é reflexo da divisão social do trabalho que se manifesta claramente em cada uso desses “tempos”, hipótese defendida por Gama e Santos (2008) para os quais a proporção de cada uso e o modo como se desfruta do tempo é distinto e está relacionado com a condição social do sujeito. Além disso, a dualidade entre a prática do tempo livre e o tempo de trabalho resultou em distintas funções a cada parcela do espaço citadino, o modo como cada

grupo se relaciona socialmente e, como pontua Santos, N. (1991) democratiza ou elitiza o espaço ao transformá-lo em lugares específicos de uma maioria ou de um grupo seletivo.

Ao considerarmos o tempo do lazer, entendemos que esse elemento se insere no tempo livre, ou antes, a prática do lazer orienta o uso do tempo livre. Este último sempre visto em oposição ao tempo do trabalho, como tempo de reposição, recuperação do trabalhador para estar apto a retornar ao espaço produtivo. O tempo de lazer tendencialmente só se realizaria no tempo do não trabalho ou no tempo livre.

Muitas modificações na estrutura da sociedade e nas condições de trabalho e do trabalhador reverberaram no aumento do tempo fora do trabalho. Nesse contexto, Gama e Santos (2008) pontuam que o tempo livre ganha um valor central, sobretudo, no período pós-industrial momento em que, para esses mesmos autores, o trabalho perde centralidade analítica em contraponto à ênfase dada ao lazer enquanto ação libertadora e meio de realização pessoal. Contudo, afirmam que:

O lazer moderno torna-se cada vez mais integrado na massificação produzida pela nova indústria dos ócios e pela produção cultural das massas. Deste facto advém que o tempo livre é, cada vez mais, tempo de consumo e, ao mesmo tempo, revela-se que os lazeres perdem o sentido de criatividade pessoal para darem lugar às indústrias dos ócios e à dominação das formas de consumo de massas. (GAMA; SANTOS, 2008, p. 64)

Por vezes, observamos uma controvérsia teórica entre tempo livre, lazer, ócio. Segundo Poirier (2002), no que tange ao lazer, considera-o como integrante do tempo livre ou, um resíduo daquele, criado por uma sociedade técnica-científica capaz de produzir mais trabalhando menos. Esse autor avalia que, assim como a riqueza, o lazer é um produto do trabalho e o tempo livre um campo de conflitos.

O lazer, na concepção de Dumazedier (1973), é definido como oposição às atividades e obrigações da vida cotidiana, e que sua prática e compreensão dá-se justamente no âmbito de uma dialética da cotidianidade, na medida em que se relaciona a outros tempos e necessidades entre si, assim como reagem uns sobre os outros. O mesmo autor atribui três funções ao lazer: descanso-divertimento; recreação; entretenimento - desenvolvimento. Em suma, considera o lazer como sendo,

Um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se, entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre

capacidade criadora após livra-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (DUMAZEDIER, 1973, p. 34)

Uma conceituação que, apesar de abrangente, ignora algumas contradições. É o que considera Padilha (2006) ao refletir sobre a posição de Dumazedier (1973), pois, entende que o autor ignora as diferenças sociais, ao colocar a todos no mesmo plano, condição de trabalho, necessidades, modos de consumo, formas de pensar e gerir o tempo do não trabalho e que mantém uma visão funcionalista do lazer. Uma crítica relevante, pois, não é possível conceber o lazer de maneira homogênea e acessível a todos pela estrutura classista em que a sociedade está erigida.

Outro questionamento sobre a posição de Dumazedier (1973) em relação ao lazer foi apresentado por Gama e Santos (2008) por aquele não considerar uma caracterização espacial em sua conceituação. Esses últimos consideram o lazer como sendo:

Uma ruptura com a situação de trabalho, mas que pelo seu carácter desinteressado e a escolha aparentemente livre, pode incluir o domínio do trabalho. No entanto, os perfis das conceptualizações de lazer e de tempo livre resultam de diversos factores, nomeadamente os que se referem à investigação empírica e às representações dos indivíduos. (GAMA; SANTOS, 2008, p. 65)

Os mesmos autores defendem a ideia de que o lazer faz parte da vida cotidiana e que existe um forte apelo comercial de incentivo a essa prática. Já sobre o tempo livre, o compreendem como:

Todo o tempo que convencionalmente resta fora do trabalho formal, para outros o tempo não incluído no trabalho, nas deslocações ou nas obrigações domésticas. Esta última definição aproxima-se mais de uma concepção de tempo livre equivalente à de lazer. Contudo, esse tempo livre pode não ser necessariamente *gasto* em situação de ócio sendo muitas vezes mais um tempo de trabalho. (GAMA; SANTOS, 2008, p. 65, grifo do autor)

Ao ponderarem sobre o ócio, Gama e Santos (2008) propõem uma ordem de três fatores distintos: tempo; atividades; atitudes:

- 1 – Como quadro temporal (nas diferentes acepções), interrupção ou suspensão das actividades, paragem do trabalho (tempo de pausa, tempo livre do fim do dia após o trabalho, fim-de-semana, férias anuais, reforma, etc.);
- 2 – Como actividade ou conjunto de actividades: neste conjunto, enumeram-se uma grande série de ocupações de natureza variada, do bricolage aos desportos, da exposição aos *media* à exposição ao sol,

do passeio de automóvel às viagens a longa distância, a lista é ilimitada;

3 – Como atitudes, disposições pessoais, conceitos individuais ou colectivos em relação ao tempo ou à acção (Lanfant, 1972). (GAMA; SANTOS, 2008, p. 65, grifo do autor)

Defendem que, o tempo do ócio e do lazer se relaciona com as funções que o sujeito desempenha na sociedade, contudo, sua realização se dá por diversas práticas exercidas com referência ao tempo (duração) e ao espaço (espacialidade). Isso implica considerar que, se um não há disponibilidade de tempo para se chegar a determinado espaço, a prática não se realiza, há uma relação direta com a distância que não se restringe, estritamente, à questão geográfica. O desenvolvimento da percepção espacial se dá pela prática, e esta influencia a sociabilidade (GAMA; SANTOS, 2008).

Mesmo com redução da carga horária de trabalho e conseqüente aumento do tempo fora do trabalho, não haveria de fato uma libertação deste, isso seria ilusório. Ou seja, o aumento do tempo livre para uso em atividades de lazer e/ou ócio seria uma ilusão de libertação do trabalho alienado, realização pessoal, igualdade.

A sociedade contemporânea dá cada vez mais atenção ao tempo fora do trabalho, particularmente ao uso desse tempo e aos tipos de relação com os objectos do quotidiano. Por conseguinte, a diferença e a especialização espacial no mundo contemporâneo apresentam simultaneamente uma crescente compartimentação e libertação do tempo. Uma libertação do tempo que é ao mesmo tempo uma subjugação ao tempo. (GAMA; SANTOS, 2008, p. 63)

Essa valorização crescente do lazer e do ócio é uma característica da sociedade hodierna (RODRIGUES, 1999), contudo, pode esconder modos de coação, sobretudo por parte do Estado, que age com a intenção de controlar o tempo do não trabalho, porque o tempo livre torna-se um tempo social forte e o lazer um produto de troca.

O tempo dedicado ao ócio é resultado das lutas trabalhistas, especialmente, na diminuição da jornada de trabalho, garantia de férias, mas, nesse tempo livre, os trabalhadores são direcionados a programas e organizações criados justamente para lidar com esse tempo como reposição física, manipulação e apropriação intelectual do trabalhador (RODRIGUES, 1999). Assim, por mais controverso que seja o entendimento desses tempos, ócio e tempo livre não são sequer similares, porque o ócio é livre e o tempo livre não, é “preso” aos comandos do sistema produtivo.

Pela racionalidade capitalista, o tempo tornou-se mercadoria rara que, para ser consumido, assim como o lazer, é preciso ser comprado. Entendemos desse modo, que

o lazer é contabilizado no tempo como valor de troca, como força produtiva (BAUDRILLARD, 2003) não sendo possível desvincular o espaço (tempo) do lazer, do espaço (tempo) produtivo. Sobre isso, Lefebvre expõe:

Os lugares de lazeres, assim como as cidades novas, são dissociados da produção até quando os espaços de lazeres parecem independentes do trabalho e “livres”. Mas eles encontram-se ligados aos setores do trabalho no consumo organizado, no consumo dominado. Esses espaços separados da produção, como se fosse possível ignorar o trabalho produtivo, são os lugares da recuperação. Tais lugares, aos quais se procura dar um ar de liberdade e de festa, que se povoa de signos que não tem a produção e o trabalho por significados, estão estreitamente ligados ao trabalho produtivo. É um típico exemplo do espaço ao mesmo tempo deslocado e unificado. São precisamente lugares nos quais se reproduzem as relações de produção. (LEFEBVRE, 2008b, p. 22)

No atual sistema de produção, não há disponibilidade de tempo, o lazer deixa de ser tempo disponível para se tornar a sua propaganda (BAUDRILLARD, 2003). Essa análise não se baseia, apenas, na afirmação de que o lazer está alienado, reduzido à reposição da força de trabalho. O processo é mais complexo, liga-se à impossibilidade de “perder” o tempo para esse fim. Um tempo que é concebido, relativamente como abundante na sociedade, mas que não é possível empregá-lo em ações que visem sua insubordinação aos comandos do sistema produtivo. Para Martins (1996) essa realidade empobrece o sujeito numa condição que vai além das privações estritas de tempo ao pontuar que se trata muito mais de:

A pobreza de realização das possibilidades criadas pelo próprio homem para sua libertação das carências que o colocam aquém do possível. Numa sociedade e num tempo de abundâncias possíveis, inclusive e especialmente, abundância de tempo para desfrute das condições de humanização do homem, em que a necessidade de tempo de trabalho é imensamente menor do que era há um século, uma das grandes pobreza é a pobreza de tempo. (MARTINS, 1996, p. 19).

Pensar num tempo livre em uma sociedade controlada pelos ponteiros do grande capital torna-se uma ideia que deve ser vista como perspectiva. A ocupação do tempo do não trabalho foi cooptada como momento propício para o lazer, mas, este último continuou submisso ao mundo das trocas, pois, “as leis do sistema de produção nunca entram de férias” (BAUDRILLARD, 2003, p. 163).

Cooptação de momentos como as férias, entretenimento, viagens, TV, por exemplo, foram inseridos no cotidiano para fazer do “tempo improdutivo”, isto é, fora

do tempo do trabalho, uma fonte de lucro, um tempo de consumo. Para Padilha (2006a),

O consumo não pode, então, ser considerado como um momento autônomo: ele encontra-se determinado seja pelo complexo processo constitutivo dos desejos humanos, seja pela lógica de produção, o que nas sociedades capitalistas, significa dizer que se encontra determinado pela lógica do lucro. (PADILHA, 2006a, p. 85)

Sendo assim, o tempo livre e o tempo do lazer, ambos são determinados, manipulados e corrompidos pela lógica capitalista e como afirmamos, falseando uma ideia de liberdade, satisfação que é ilusória, isto é, trata-se da legitimidade da liberdade em um tempo falsamente livre.

Ao sopesar sobre os problemas advindos das novas atividades de lazer relacionadas com as atividades de produção, criação de novas relações sociais e de uma consciência social, entendemos que o lazer se constitui como um relevante fato social (DUMAZEDIER, 1973; RODRIGUES, 1999), mas, que está condicionado ao tipo de trabalho, numa relação dialética de determinações mútuas.

Como perspectiva, o lazer pode constituir-se como importante elemento enriquecedor da cotidianidade e humanizador da cidade contemporânea tendo como pressuposto uma nova prática que se desenha como possibilidade. Porque humanizar a cidade, com ações que visem insubordinação à prática imposta, é assaz importante, mesmo que não anule definitivamente as coações do cotidiano tomado pelo capital, por ser produto dessa sociedade e a ela se subordinar em maior ou menor grau.

Ainda, da importância do espaço, pois, ao reproduzir as relações de produção dá condições para a manutenção do capital o qual, tomando o lazer como atividade produtiva, fragmenta e comercializa os espaços especializados para essa finalidade, nesses termos, o lazer entra na divisão social e territorial do trabalho (LEFEBVRE, 1973). Fatores sociais e econômicos são crescidos à análise da prática espacial do lazer, sendo esta a discussão que segue no próximo item.

## 1.2 Vitória da Conquista: O lazer como elemento estruturador do urbano

A análise sobre a cidade contemporânea exige-nos um olhar mais atento quanto às alterações engendradas pelo processo de urbanização em sua dimensão temporal e espacial, complexificada pelo avanço da técnica e intensidade com que se realiza, tornando ainda mais intrincada a rede de relações estabelecidas no desenvolvimento do capitalismo.

Com o desenvolvimento dos modos de produção material, é crescente os modos de produção e de consumo não-material como o lazer, enquanto produto da sociedade de consumo. A produção dos espaços de lazer pode ser expressiva da dinâmica espacial e ponto de partida para sua compreensão ao considerarmos o par - urbanização e lazer - como um caminho interpretativo. Entendemos que esta associação não se dá de modo simplista e que é preciso abarcar a essência do lazer que se expressa pela sua materialização territorial e pelas relações sociais que engendra.

O acesso e massificação do consumo do lazer, insere-se na lógica fetichista, base da ideologia do consumo (BAUDRILLARD, 2003), a qual induz ao pensamento de que o consumo produz uma homogeneização, uma participação igualitária no uso de objetos, espaços etc. como modo de corrigir as disparidades sociais. O mesmo autor afirma que essa igualdade é apenas formal e é sobre essa base que o verdadeiro sistema de discriminação atua de maneira mais perversa.

Trazemos essa reflexão por observarmos que em nosso recorte analítico o lazer está relacionado ao processo de reprodução espacial como nova atividade produtiva por se articular à tendência de mercantilização do espaço. Em Vitória da Conquista percebemos cada vez mais a junção do lazer a projetos imobiliários residenciais, comerciais, em projetos criados pelo poder público, propriedade privada, que se expandem territorialmente, redefinindo especificidades espaciais, reorientando usos e modos de acesso, corroborando para o conjunto de mudanças socioespaciais.

Como exemplo podem ser citados projetos recentes como o Parque Logístico do Sudoeste, um empreendimento comercial ou, como destaca em sua divulgação<sup>10</sup>, um condomínio multiuso que carrega como *slogan* “É hora de crescer melhor”. Ainda, a

---

<sup>10</sup> O parque está localizado a cerca de 2,6 quilômetros do novo aeroporto da cidade e a 1,8 quilômetro do Anel Viário. Disponível em: < <http://www.plsbahia.com.figura> 16br/> último acesso em jan/2015.

construção do novo aeroporto, relocado do bairro Patagônia, a sudoeste, para o extremo sul da cidade distante cerca de 15 quilômetros do perímetro urbano, a instalação do novo *shopping center* o Boulevard Shopping Vitória da Conquista, no bairro Candeias, além de empreendimentos imobiliários para moradia em que o lazer figura, ainda que de modo complementar.

A criação e concretude de projetos dessa envergadura, por exemplo, integram um conjunto de modificações não apenas no que tange à forma urbana, como também, a novos hábitos, valores, a um conteúdo diferenciado que agrega às relações sociais expressos na vida cotidiana. O que supõe uma configuração espacial que comporte tais transformações e necessidades de produção do capital e da vida humana.

São produtos com o caráter de novidade, que carregam características comuns pelo modo como o capitalismo opera, mas para sua garantia de reprodução, traduz-se em repetições, assim como afirmou Lefebvre (1973, p. 34) “Condenado a reproduzir-se, este pobre pequeno mundo de riqueza, está simultaneamente condenado a apresentar o novo (neo) quanto mais arcaico for”.

Um processo homogeneizador que Lefebvre (2000) entende como uma repetição invariável de elementos no espaço que o conformam e que, do mesmo modo, induz ao consumo repetitivo dos mesmos objetos do/no espaço, seja o consumo do lazer em um *shopping center* ou, consumo do espaço de um *shopping center*, por exemplo. Este tende a uma produção para ser vista, com um padrão e formas semelhantes, mesmo que as diferenças lhe sejam intrínsecas, como outrora afirmou Whitacker (2007). É, também, um espaço homogeneamente produzido como lócus de ligação das relações capitalistas tomadas em escala mundial (BOTELHO, 2007), mantendo, em certo grau, os lugares de dominação e os que são dominados.

Convidando-nos para uma maior atenção as questões conceituais, Harvey (2005), entende a urbanização como um processo social espacialmente fundamentado em que diversos agentes, com objetivos distintos, relacionam-se por meio de uma configuração específica de práticas espaciais que se interconectam, ao pontuar que:

O conjunto espacialmente estabelecido dos processos sociais, que denomino urbanização, produz diversos artefatos: formas construídas, espaços produzidos e sistemas de recursos de qualidades específicas, todos organizados numa configuração espacial distinta. [...] A urbanização também estabelece determinados arranjos institucionais, formas legais, sistemas políticos e administrativos, hierarquias de poder etc. (HARVEY, 2005, p. 170)

Um contexto que pode qualificar de algum modo a cidade ao ter sob o seu domínio as práticas cotidianas. Outrossim, é a experiência no ambiente habitado que concede ao cidadão uma consciência espacial advinda das percepções, simbolismo e projetos desenvolvidos. Para esse autor, “É tão insensato negar o papel e o poder das objetivações, da capacidade das coisas que criamos de retornar como formas de dominação, quanto é insensato atribuir, a tais coisas, a capacidade relativa à ação social.” (HARVEY, 2005, P. 170).

Com o dinamismo e mutabilidade característicos do sistema capitalista essas “coisas” tendem a contínuas transformações e, do mesmo modo, as práticas espaciais também são influenciadas, podendo transgredir às formas fixas anteriormente determinadas. Assim, forma e o processo refletem certa instabilidade como reflexo de uma relação mutável (HARVEY, 2005). O resultado dessa dinâmica é expresso concretamente como marcas do tempo histórico, cristalizadas em formas espaciais que se relacionam, dialeticamente, com as alterações na organização social (GOTDIENER, 2010).

Em sua leitura Lefebvrea, Soja (1993) destaca como característica da lógica capitalista, a possibilidade de se reinventar e buscar novos campos de expansão:

A própria sobrevivência do capitalismo, afirmou Lefebvre, estava baseada na criação de uma espacialidade cada vez mais abrangente, instrumental e também, socialmente mistificado, escondida da visão crítica sob véus de ilusão e ideologia. (SOJA, 1993, p. 65).

Uma expansão que não se explica por si só, deve ancorar-se numa teoria de desenvolvimento geográfico desigual (HARVEY, 2010) capaz de refletir a dinâmica da formação socioespacial e dos conflitos por interesses divergentes no plano espacial, assim como, dá condições para o caráter variável das relações espaciais. Como o capital se ancora numa abrangência espacial cada vez mais alargada, sua expansão vai caracterizar as modificações nos padrões e funções espaciais e a posição social do sujeito. Logo, a experiência espacial e social será distintamente vivida, como identificamos na seção anterior sobre os condicionamentos sociais e econômicos dos nossos sujeitos pela sua posição da divisão social do trabalho. Sobre isso, são elucidativas as palavras de Santos e Silveira (2010) ao pontuarem que:

Essa nova divisão do trabalho aumenta a necessidade do intercâmbio, que agora se dá em espaços mais vastos. Afirma-se uma especialização dos lugares que, por sua vez, alimenta a especialização do trabalho. É o império, no lugar, de um saber-fazer ancorado num dado arranjo de objetos destinados à produção. Isso vem talvez nos mostrar o lado mais ativo da mencionada divisão territorial do trabalho. (SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. 2010, p. 135).

Tal divisão se consolida pela influência do processo produtivo capitalista que marca e aprofunda essas relações em que “as formas de urbanização são, antes de mais nada, formas de divisão social (territorial) do trabalho” (LOJKINE, 1981, p. 121). Realidade que expressa os modos de desenvolvimento urbano desigual pela difusão do tecido urbano no que tange aos limites territoriais entre cidade e campo e no modelo de vida urbano avançando para o rural.

Esses processos geram uma forma urbana marcada por um padrão de desconcentração territorial (SPOSITO, 2001b) que não nega um movimento de concentração, aglomeração, mas antes, como uma condição e expressão de novas lógicas de localização as quais, por sua vez, orientam novas práticas espaciais que, ao se realizarem, também atuam em redefinição de uma nova forma numa relação dialética que nos permite compreender esse movimento pelas dinâmicas que originaram tal forma ou, com base nesta, enquanto decorrência de um processo que determina e é determinado por seu conteúdo (WHITACKER, 2013a).

Com relação ao que compareceu em nossa pesquisa em fontes e registros históricos sobre a oferta do lazer em Vitória da Conquista, observamos haver uma atuação pública e privada. Contudo, no primeiro caso, a atenção dispensada em criar espaços e atividades para essa finalidade não esteve entre as prioridades do poder público municipal, haja vista, o déficit e insuficiência em projetos e intervenções urbanísticas, precarizando quantitativa e qualitativamente tal prática. O próprio entendimento da referida coordenação do que seja o lazer não é muito claro quando afirma que o lazer:

É toda ação que envolve o ócio das pessoas, mas, também, que ajuda a construir momentos de entretenimento e de prazer, de forma saudável e equilibrada. É essa a visão que a gente tem de lazer, de integração da comunidade numa sociedade que cada vez mais se estabelece relações produtivas. Onde esse espaço fica cada vez mais curto, então, dotar o município de ações e de infraestrutura para essa prática do ócio que é tão importante para a saúde, é fundamental. [...] E obviamente quando a gente fala de lazer, de entretenimento especialmente o lazer enquanto espaço urbano, enquanto área mesmo

de território demarcando espaço, no momento atual ele é algo cada vez mais complexo e relativo dado ao envolvimento das novas gerações com o advento da utilização da multimídia, dos equipamentos de internet. (VITÓRIA DA CONQUISTA/BA. Secretário Municipal de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer)<sup>11</sup>

A carência na oferta do lazer é uma característica presente em seu processo histórico de constituição. Estudos diagnósticos realizados para a elaboração do primeiro Plano Diretor Urbano – PDU de Vitória Conquista ocorrido em 1976<sup>12</sup>, detectaram tal carência e, para tanto, recomendou-se *a priori*, a criação de quatro grandes áreas para cumprir essa função:

Quatro são as grandes áreas escolhidas para parque, independentes de outras menores, também existentes; sendo três localizadas no setor leste, em função da futura expansão e dos recursos paisagísticos existentes e uma localizada no setor oeste; (...) (VITÓRIA DA CONQUISTA, 1976, Lei nº118/76, p.79 *apud* SANTOS, R., 2013, p. 137/8).

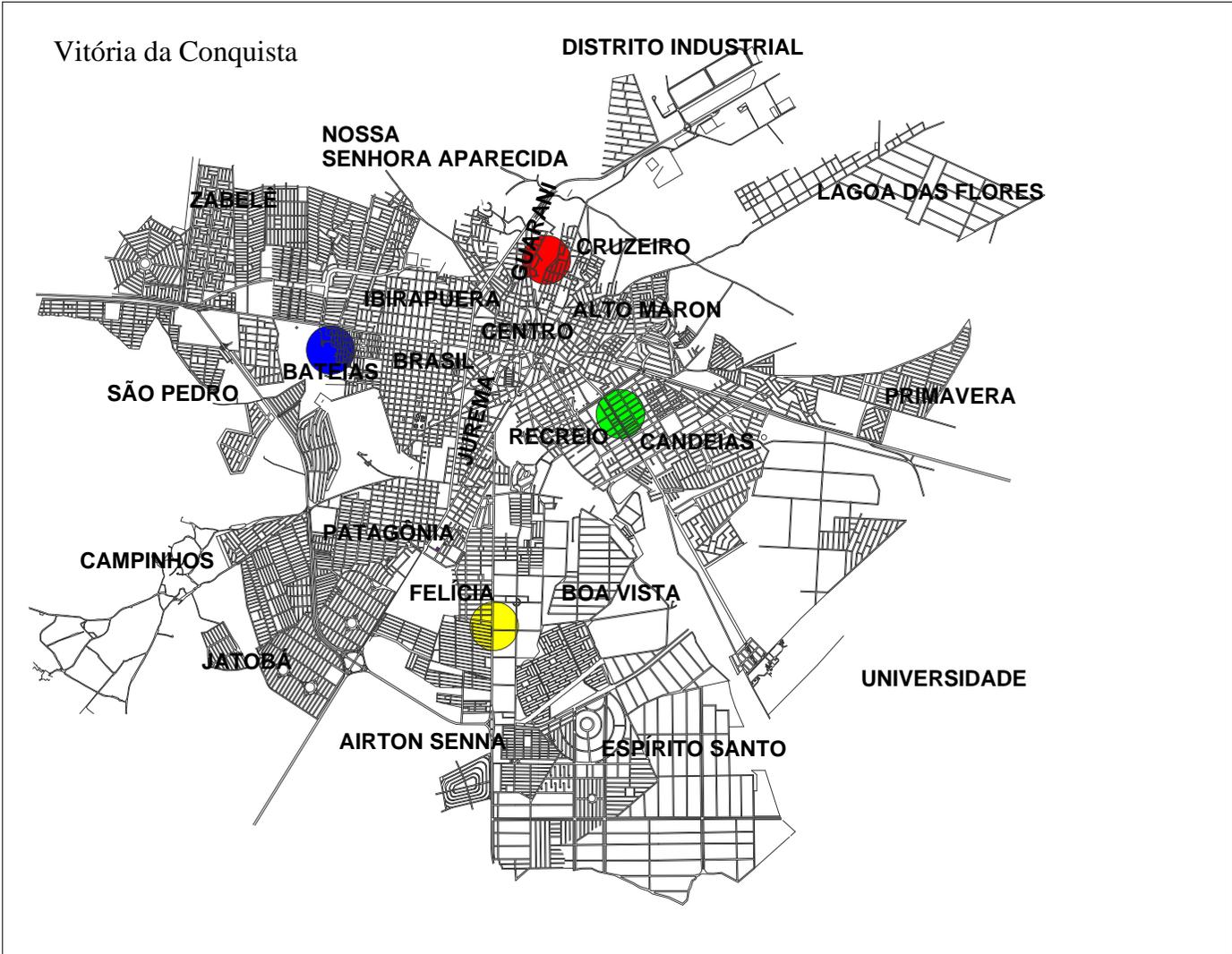
Ao Leste seria instalado o Parque Poço Escuro, envolvendo a reserva florestal, apresentado como de grande potencial para o lazer e o turismo; o Parque do centro Cívico, objetivando controlar o uso desordenado do solo urbano; um terceiro, o Parque Esportivo, integrando o estádio de futebol e o parque de exposições da cidade; a Oeste seria implantado o quarto parque, o Parque da Lagoa. Intervenções na Praça Tancredo Neves também foram indicadas para abarcar as atividades religiosas e sociais e, também, usadas para a prática do lazer e do turismo (Mapa 3).

---

<sup>11</sup> VITÓRIA DA CONQUISTA/BA. Secretário Municipal de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer. Entrevista a agentes bem informados. [dez/2013]. Entrevistadora: Rizia Mendes Mares. Vitória da Conquista/BA. Transcrição de áudio. Pesquisa de campo, 2013.

Obs.: No ano de 2014 houve mudança na coordenação dessa secretaria. A entrevista foi realizada com o Sr. Gildelson Felício de Jesus. A partir de 2014, a secretaria passou à coordenação do Sr. Nagib Pereira.

<sup>12</sup> O primeiro Plano Diretor Urbano de Vitória da Conquista foi formulado, sancionado através da Lei nº 118/79 de 22 de dezembro de 1976 muito em virtude da construção do Distrito Industrial dos Imborés. O novo Plano Diretor de Vitória da Conquista foi instituído e sancionado através da Lei nº1.385/2006 em 26 de dezembro de 2006.



Localização da Bahia no Brasil



Localização do Território de Identidade Sudoeste Baiano



Localização de Vitória da Conquista/BA



Legenda

- Parque Poço Escuro
- Parque da Lagoa
- Parque do Centro Cívico
- Parque Esportivo - Estádio de futebol e Parque de Exposições



Elaboração:  
Rizia Mendes Mares



Fonte:  
Trabalho de campo,  
2013.



Base Cartográfica  
Malha municipal, 2011



Mapa 3: Localização das áreas de lazer indicadas no PDU de 1976. Vitória da Conquista/BA.

Sobre esses projetos urbanos voltados ao lazer, Medeiros (1999) os analisou como sendo projetos inacabados e que, de fato, nunca foram prioridade para nenhum gestor municipal acrescentando à lista, outros projetos como um Jardim Botânico e o Parque da Serra do Periperi<sup>13</sup> e o já citado Parque do Poço Escuro. Apontou como características comuns serem lugares bem quistos pela população, mas que foram projetos inacabados, passados por várias gestões e não efetivados da maneira como se propunha.

Para esse autor, a não observância ao proposto no plano diretor ocasionou um déficit relevante no cotidiano da cidade, por seus gestores priorizarem outras demandas e não direcionarem recursos para efetivação de ações voltadas ao lazer afirmando que:

A cidade não pode mais conviver com reivindicações que tomam a forma de projetos e que depois não são implementados. Isto é: A cidade não pode continuar a empobrecer-se com a inutilização de sonhos e projetos. Não se trata aqui de falar de árvores quando a fome campeia, o cinismo do poder no país aprofunda-se, os crimes contra a população (representados por políticas econômicas ou de salvação social) retomam a dimensão infamante de outras eras, e o rei legisla seguindo a fórmula “O Estado sou eu”. Não se trata de abandonar luta e denúncia, mas sim de afirmar que “a gente não quer só comida”, embora precise sobretudo de comida. (MEDEIROS, 1999, não paginado)

Para o então Secretário Municipal de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer no plano geral, a prática do lazer esteve circunscrita ao uso de algumas praças, muitas das quais abandonadas e sem infraestrutura adequada, confirmando a atuação ineficiente do poder público municipal no cumprimento de um dos princípios do PDU que, dentro do direito à cidade, incluir o direito ao lazer<sup>14</sup>. Ao falar das dificuldades em acompanhar o crescimento da cidade, dotando-a de infraestrutura adequada às necessidades dos cidadãos, o supracitado secretário coloca que:

---

<sup>13</sup> Em 1999 foi tomada como Unidade de Conservação pelo decreto de lei nº 9.480/99 como uma medida de preservação da Serra do Periperi, impedindo a ocupação desordenada, o desmatamento e a degradação ambiental decorrentes, principalmente, das atividades de mineração, como a extração de areia, cascalho e pedra, além da conservação da flora e fauna remanescentes, bem como de sua conformação topográfica e das nascentes. Parque Municipal da Serra do Periperi possui área total de 1.300 hectares e 15 km de extensão locada ao norte da cidade de Vitória da Conquista. Fonte: PMVC, 2014.

<sup>14</sup> LEI N.º 1.385/2006. Capítulo II, Art. 4º, item IV. Dos princípios do Plano Diretor Urbano de Vitória da Conquista.

[...] Todos os bairros antigos foram construídos sem se quer ter esgoto, asfalto imagine equipamento de lazer que nunca foi dado como prioridade! Mal, mal se limpava ali, colocava uma trave, era um campo de futebol, que ainda existe e que é importante também, mas não é só isso. Então acho que o grande desafio é a gente continuar [...] e ampliar esse espaço (VITÓRIA DA CONQUISTA/BA. Secretário Municipal de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer)<sup>15</sup>.

Essa realidade deficiente foi confirmada em pesquisas empreendidas sobre a formação da periferia pobre de Vitória da Conquista (MARES, 2011; SANTOS, R., 2013), e, além disso, identificaram uma diferenciação na prática entre grupos sociais distintos, como produto histórico da formação dessa cidade com base em relatos de como era o lazer em meados das décadas de 1950 e 1960, por um morador de um dos bairros mais antigos da cidade, e como se apresenta na realidade atual:

Lazer? Ah, não tinha nada, não. O lazer era nada. Dia de domingo quem era pobre ia caçar passarinho, quem era rico ia para as fazendas, quem tinha. O lazer era esse, não tinha mais nada. [...] E continua do mesmo jeito. Hoje de lazer para as pessoas aqui no nosso bairro não tem nada, não. (MARES, 2011, p. 72)<sup>16</sup>.

Além da criação e implantação das áreas propostas, o estudo indicou a construção de vias de acesso às mesmas como sendo uma medida imprescindível ao seu desenvolvimento. Na atualidade, as principais áreas e/ou espaços voltados à prática do lazer em Vitória da Conquista foram construídos na extensão e/ou proximidades das principais avenidas e ruas de grande fluxo com acesso ao centro principal e às novas áreas centrais, em que o lazer condiciona, tanto quanto, é resultado dessa dinâmica, como estamos desenvolvendo.

Até a década de 1940, o centro principal de Vitória da Conquista tinha como função basilar as atividades religiosas e cívicas (SANTOS, R., 2013), porém, forma e conteúdo modificaram-se e passaram a conter e expressar atividades comerciais e de serviços. Tornou-se o centro econômico da cidade e localização preferencial da elite econômica. Segundo Santos, R. (2013):

---

<sup>15</sup> VITÓRIA DA CONQUISTA/BA. Secretário Municipal de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer. Entrevista a agentes bem informados. [dez/2013]. Entrevistadora: Rizia Mendes Mares. Vitória da Conquista/BA. Transcrição de áudio. Pesquisa de campo, 2013.

<sup>16</sup> Depoimento de morador do bairro Cruzeiro, ao norte de Vitória da Conquista/BA. Disponível em Mares (2011).

Numa época em que não havia transporte público municipal, no país não se produzia automóveis e as vias públicas eram de péssima qualidade, o único meio de otimizar os deslocamentos era morar no centro. Devido a isso, a proximidade ao centro passa a ser muito importante para residências da classe de alta renda, o que fez o valor das áreas na proximidade aumentar. Desta forma, no início da urbanização e da formação do espaço urbano de Vitória da Conquista, o centro torna-se local de residência para a elite econômica local (SANTOS, R., 2013, p. 98).

Ao reunir múltiplas funções: habitação, trabalho, comércio, lazer, a dinâmica do centro principal se intensificou. De acordo com Santos, R. (2013), apesar de Vitória da Conquista, até o referido período, não apresentar um planejamento técnico que orientasse a expansão e ordenamento da cidade de modo mais amplo, ações pontuais foram feitas especificamente na área de nucleação mais antiga através de leis e projetos.

A atenção voltada ao centro principal pelo poder público para atender às necessidades da elite econômica da época que passou a residir nessa localidade foi expressa, segundo o mesmo autor (SANTOS, R., 2013) com a construção da Praça da República, atual Praça Tancredo Neves (Figuras 1 e 2).



Figura 1: Praça da República, atual Praça Tancredo Neves, Vitória da Conquista/BA.  
Fonte: Arthur Garcia. Pesquisa de campo, 2014.



Figura 2: Praça Tancredo Neves, Vitória da Conquista/BA. Fonte: Arthur Garcia. Pesquisa de campo, 2014.

A praça tornou-se um símbolo de modernidade e de embelezamento e era preciso mantê-la nessa condição. Assim, o poder público municipal criou medidas para garantir a estrutura da área de localização da praça, com leis que proibiam construções simplórias ao seu redor e não destoar da paisagem construída<sup>17</sup> (SANTOS, R., 2013).

Contudo, por mais que tentassem evitar o uso da praça pela população pobre, persistia a presença desses, mesmo porque como a constituição e expansão do centro principal, passou a reunir as opções de trabalho, serviços, comércio. Assim, evitavam a socialização com a população pauperizada, mas, contraditoriamente, dependiam da sua mão de obra e consumo (SANTOS, R., 2013).

Com a constituição do centro, houve a formação do seu contraponto, a periferia para onde foram direcionados os grupos de menor poder aquisitivo que, pela sua posição na divisão social (territorial) do trabalho, não se apropriavam do mesmo espaço da mesma maneira.

Esse contexto de estruturação da área central se estendeu e intensificou-se, principalmente, entre as décadas de 1940 a 1970, evidenciando uma dinamização e

---

<sup>17</sup> Lei Municipal nº 402 de 1960.

valorização desta. Ainda com base nas pesquisas de Santos, R. (2013) por ser local de residência dos grupos de maior poder econômico da época, a área mais tradicional do centro era a que mais recebia obras públicas, melhoria de sua infraestrutura, edificações verticais, abrangência do transporte público coletivo.

Atividades e espaços de lazer da esfera privada também foram implantados no centro principal de Vitória da Conquista, muitos dos quais nos arredores da praça em que se localizava a igreja matriz, um exemplo, foram os cinemas. Em meados da década de 1960, a Empresa de Cinemas de Conquista Ltda., (ENCICOL), pertencente a proprietários privados, adquiriu o Cine Teatro Conquista, reformou o prédio e inaugurou o Cine Riviera.

Segundo fontes de pesquisas sobre fatos históricos de Vitória da Conquista<sup>18</sup>, o período compreendido entre 1960 e início da década de 1980, a prática de ir ao cinema compunha a rotina de estudantes e grande parte da população que residia na área central, os mais frequentados eram os Cines Ritz, Glória e Conquista. Outro expoente do cinema em Vitória da Conquista foi Cine Madrigal, inaugurado na década de 1960, ainda na memória de moradores da cidade como a principal referência nessa atividade. Também localizado no centro principal, foi considerado o último cinema de rua da cidade e fechado definitivamente no ano de 2007, ano seguinte da abertura do *shopping center* Conquista Sul.

De acordo com a mesma fonte<sup>19</sup> e registros em jornais antigos da cidade<sup>20</sup>, além desses espaços e atividades que eram voltados à prática do lazer e entretenimento, ainda constavam a frequência nos clubes privados como o Clube Social Conquista, para eventos, desfiles, bailes e festividades. Tal atividade, presente em registros históricos da cidade, notadamente, retrata a rotina de uma parcela minoritária da população, a quem estas atividades foram direcionadas, enquanto que os cidadãos sem recursos eram evitados e privados dessa socialização.

Apesar da área de nucleação urbana mais antiga do centro principal ter passado por ações para adequar-se às demandas da elite econômica que residiu nessa área, o bairro Centro e adjacências não apresentam formas urbanas totalmente regulares em

---

<sup>18</sup> Fonte: Taberna da História. Disponível em: <http://tabernadahistoriavc.com.br/>.

<sup>19</sup> Fonte: Taberna da História. Disponível em: <http://tabernadahistoriavc.com.br/>.

<sup>20</sup> Fonte: Arquivo público Municipal. Trabalho de campo, 2014.

relação ao traçado de ruas e quadras por ter sido produto de ocupação não orientada por uma lógica de planejamento urbanístico desde sua constituição (FERRAZ, 2001).

A produção espacial tem sua significação e importância ampliadas na valorização do capital, pois, a estruturação do espaço urbano se dá favorecendo a circulação das forças produtivas e viabilização da acumulação do capital, materializadas no plano da cidade, na maneira como se constituem as formas urbanas. Dentro dessa perspectiva:

Se, por um lado, o espaço geográfico se produz em função da realização da vida humana, por outro permite o desenvolvimento da produção capitalista. A cidade aparece como justaposição de unidades produtivas, através da articulação entre os capitais individuais e a circulação geral, integrando diversos processos produtivos; centros de intercâmbio e serviços, mercado de mão-de-obra etc.; implicando uma configuração espacial própria em função das necessidades de reprodução do capital, de modo a garantir a fluidez do ciclo do capital. (CARLOS, 2008, p. 98/99).

Por essa lógica, a produção concreta da cidade expõe a condição de uma sociedade que ao se reproduzir, erige não só uma base material de existência, como também, as relações sociais, o modo de apropriação e dominação do espaço.

Em suma, percebeu-se maior dinamização na atuação dos agentes produtores do espaço urbano de Vitória da Conquista, diversificação da economia, mudança relativa na organização política ou na forma de se fazer política. Houve, de fato, um crescimento e diversificação na realidade social e espacial dessa cidade. Uma mudança social que, junto ao crescimento econômico, trouxe consigo as desigualdades e precariedades de um processo que não se deu de forma homogênea o qual segregava, excluía, marginaliza, precarizava o cidadão.

Uma condição paradoxal da cidade que, assim como afirmou Lefebvre (2001a, p. 63), imprime-se como “suporte social e veículo para a passagem do capitalismo”. Desse modo, torna evidente as mazelas desse sistema que a subordina, assim como o seu morador, à sua reprodução continuada, desempenhando um papel importante no capitalismo por submeter a ele a força produtiva existente e por ser o local de acumulação do capital, do lucro, das intervenções políticas, da extensão dos mercados.

Esta é a lógica de produção do espaço na modernidade para Lefebvre (2000), uma homogeneidade pretendida por meio da fabricação de coisas, na gestão e controle, mas não efetivada nos planos e projetos, pois, na contradição do processo o homogêneo

se fragmenta, evidenciando os conflitos e contradições sociais encobertos na ilusão da homogeneização.

Velado pelo discurso da homogeneização o espaço citadino esfacelado é apropriado também de modo parcelar, onde as necessidades dos cidadãos encontram-se cada vez mais dispersas espacialmente, o contato com o outro tende a reproduzir a mesma condição, ou seja, uma fragmentação espacial e social.

### **1.3 Condicionantes sociais e econômicos: a prática do lazer em Vitória da Conquista/BA**

O lazer inserido no âmbito de determinações e relações sociais é constituinte e constituído por essas e se apresenta, historicamente, como um campo de disputa hegemônica ao observarmos suas concepções, organização dos processos e conteúdos do lazer. Reconhecidamente amplo e de estrutura complexa (DUMAZEDIER, 1973; RODRIGUES, 1999; BAUDRILLARD, 2003; GAMA e SANTOS 2008; CARLOS, 2013), em inter-relação com os demais elementos da vida cotidiana e característico da sociedade que o produz, o lazer não deve ser considerado como um elemento menos importante na análise da produção espacial contemporânea, como já destacamos.

Amparando-nos em reflexões de Dumazedier (1973), entendemos que a prática do lazer, mesmo limitada por fatores como disponibilidade de tempo, dinheiro, recursos diversos, está cada vez mais presente e necessária no cotidiano urbano. Uma necessidade que acompanha a industrialização e urbanização, contudo, a prática do lazer se realiza de modo desigual entre diferentes grupos sociais.

Para o mesmo autor, o lazer se insere num conjunto de determinações dialéticas que o caracterizam e dão forma. Como modo de sopesar essa elaboração, apresentaremos dados de nossa pesquisa para debater a temática. Dumazedier (1973) elenca uma ordem de três fatores que considera fundamental na análise sobre o lazer: o desenvolvimento técnico, as permanências e a organização socioeconômica propriamente dita.

No primeiro caso, destaca que a mecanização dos meios de transporte e dos meios de informação na produção dos lazeres foi uma influência técnica surgida no final do século XIX, que atingiu todos os modos de se praticar o lazer, ao pontuar que:

Os grandes meios mecânicos de transporte e de difusão possuem um poder de sedução muito vivo. [...] No mundo mecânico, há qualquer coisa de maravilhoso que desperta no indivíduo, desde a mais tenra idade uma paixão erudita pelo automóvel ou uma infinita utilização da televisão. (DUMAZEDIER, 1973, p. 66/67).

Em se tratando do desenvolvimento dos transportes e, sobretudo, da aquisição do transporte individual, observamos um apelo considerável ao uso do automóvel, no contexto de uma cidade que reflete o estilo de vida de determinados grupos sociais, que é produzida em adaptação ao uso do automóvel. Em Vitória da Conquista, o número de veículos cadastrados, sobretudo, automóveis e motocicletas apresenta crescimento gradativo nos últimos anos (Gráfico 1).

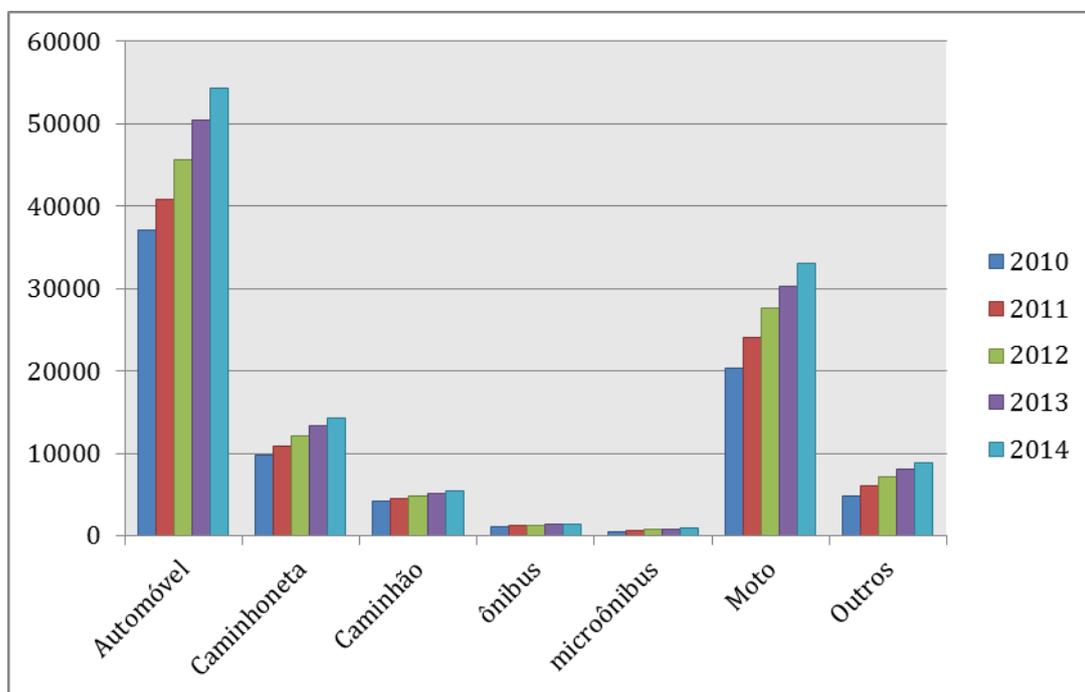


Gráfico 1: Vitória da Conquista - Frota de veículos cadastrados (2010-2014).  
Fonte: DETRAN-BA/Sistema Renavam / Módulo Veículos. Organização dos dados: MARES, R.M. 2014.

De modo geral, há um crescimento constante da frota de veículos em Vitória da Conquista e, sobretudo, de automóveis e motocicletas. Se compararmos, por exemplo, os dados do último censo demográfico do IBGE/2010 da população urbana dessa cidade, 274.739 habitantes e, o número de automóveis no mesmo ano de referência (DETRAN-BA) teríamos, aproximadamente, um (1) carro para cada sete (7)

habitantes<sup>21</sup>. Ao acrescentarmos os dados do número de motocicletas, haveria uma média aproximada de, a cada grupo de cinco (5) pessoas, uma teria um (1) um meio de transporte individual<sup>22</sup>.

Contudo, os dados obtidos com os inquiridos na prática do lazer em Vitória da Conquista, destacaram-se como principais meios de transporte dos nossos entrevistados o carro e, para os inquiridos o transporte público coletivo. Relacionamos a predominância no uso de transporte público coletivo por parte os inquiridos (Tabela 1)<sup>23</sup>, principalmente à sua condição econômica, haja vista que a renda familiar é de até um salário mínimo, fator que limita as práticas espaciais pelo investimento financeiro necessário para realizá-las, a exemplo do lazer, pois, além das despesas com transporte há, ainda, as despesas do/no lugar em que se dá tal prática.<sup>24</sup> Condições que se mostram desfavoráveis aos inquiridos, pois, em virtude das restrições econômicas e da deficitária mobilidade que limita sua prática de lazer, as mesmas passam a ser direcionada, programadas.

**Tabela 1**  
**Prática do lazer - Meios de transporte dos inquirido\* (%)**  
**Vitória da Conquista/BA, 2013.**

Ônibus Coletivo	41,85
Carro	27,77
A Pé	16,29
Moto	10,37
Taxi	5,92
Bicicleta	2,96
Carona	2,22

Fonte: pesquisa de campo, 2013/2014.

Organização: Rizia M. Mares

\*Total de 270 *enquetes*.

<sup>21</sup> (IBGE/2010) População urbana:  $\frac{274.739}{\text{hab}} = 7,408359175$   
(DETRAN-BA) N° de automóveis 37.085

<sup>22</sup> (IBGE/2010) População urbana:  $\frac{274.739}{\text{hab}} = 4,787311157$   
(DETRAN-BA) N° de automóveis +N° motocicletas (37.085+20.304): 57.389

<sup>23</sup> A distinção entre a porcentagem de inquiridos e entrevistados que utilizam o transporte público, além dos fatores abordados no texto, é possível que seja atribuída, também, à metodologia utilizada na obtenção dos dados, haja vista a técnica empregada, *enquetes*, ser realizada com passantes nas vias públicas selecionadas, o que pode ter contribuído para o número mais expressivo de determinado meio de transporte e deixado menos evidente outros.

<sup>24</sup> Fonte: pesquisa de campo, 2013/2014. Aplicação de 270 *enquetes* que, entre outros aspectos, buscou caracterizar o perfil socioeconômico dos inquiridos. Vitória Conquista/BA.

Condição que é relativamente minorada se observarmos o perfil dos entrevistados que possuem renda familiar média entre dois a três salários mínimos (Gráfico 2) e meios de deslocamento próprio<sup>25</sup> como automóvel e motocicleta.

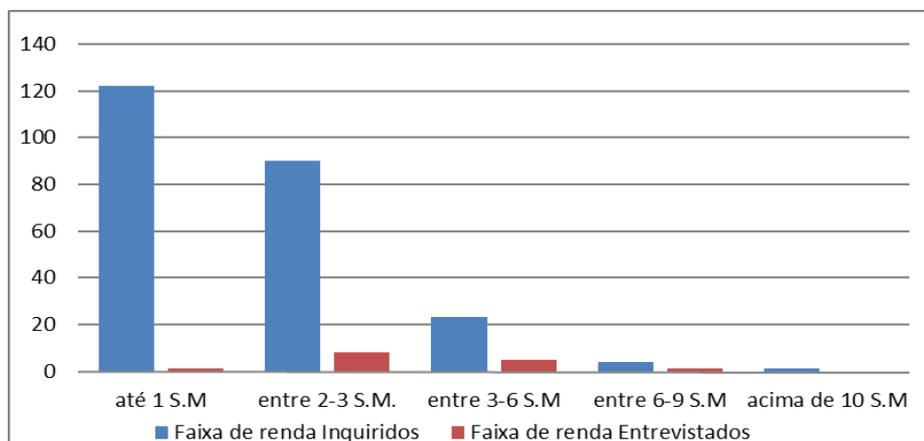


Gráfico 2: Perfil de renda dos sujeitos da pesquisados (entrevistados e inquiridos), Vitória da Conquista/BA.

\*Números absolutos. Total de 270 enquetes; 16 entrevistas.

Para estes, o acesso a espaços da cidade distantes de sua residência para a prática do lazer mostrou uma limitação menor do que fora exposta pelos inquiridos, sobretudo, no que tange aos horários, opções de escolha, companhias. Quando não dispõem de meios próprios, o deslocamento se dá com o transporte de outrem (amigos, familiares) através de caronas, como afirmou em depoimento um entrevistado:

Sempre, sempre tenho carona, carro ou moto. [...] Aí facilita, não é? Porque como o namorado tem meio de transporte próprio ele me pega todo dia, ele me busca, ele me deixa em casa, então, isso facilita. [...] Sei o quanto é difícil porque, por exemplo, quando eu não tenho esses amigos ou, então, quando meu namorado não vai me pegar, eu prefiro ficar em casa, pela dificuldade de locomoção, pelas dificuldades de pegar esse transporte coletivo oferecido, eu prefiro ficar em casa. É menos estressante! (PERFIL 4.1)<sup>26</sup>

Aí eu vou usar outros meios de transporte, não é? Pego táxi para um lugar mais distante, as vezes vou com amigos, colega, com irmão, aí eu preciso usar outro meio de transporte. Olha, é muito gasto, eu analisei isso semana passada para ir ao cinema; eu vou levar duas crianças, como é que eu vou fazer? Primeiro eu vou

<sup>25</sup> Fonte: pesquisa de campo, 2014. Realização de 16 entrevistas semiestruturadas, em que cerca de 43% usam o carro próprio no deslocamento para o lazer. Vitória Conquista/BA.

<sup>26</sup> LAIZA (nome fictício). Mulher; 35 anos; solteira; ensino superior completo; secretária; moradora de área periférica;; renda entre 2-3 salários mínimos; não possui meios próprios de deslocamento. Entrevista aos sujeitos sociais. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014.

conseguir uma carona para não ficar tão caro para o meu orçamento. Primeiro eu vou consegui uma carona até o shopping aí na volta eu venho de ônibus [...] (PERFIL 3.2)<sup>27</sup>

São alternativas buscadas pelos entrevistados quando não dispõem de meios próprios de deslocamento. Contudo, mesmo para aqueles detentores de automóveis e motocicletas, há outras dificuldades na prática do lazer que dizem respeito à estrutura da cidade, como a falta de estacionamentos públicos, ou as altas tarifas cobradas pelos estacionamentos particulares, ausência de segurança pública e, quando da utilização de outros meios de transporte como o táxi, além do impacto no orçamento, deparam-se com ações irregulares de profissionais dessa área, especialmente em períodos de alta procura, que fazem cobranças de valores acima do legalmente estabelecido e escolhem qual passageiro e área da cidade vão transportar, assim como afirmaram em depoimentos nossos entrevistados.

No caso dos entrevistados em que há predominância no uso do automóvel, outro fator a ser considerado, além das questões de necessidade de deslocamento, é a grande valorização e ênfase na aquisição desse bem, algo que na realidade de Vitória da Conquista, pelo que podemos apreender das falas, ainda se mantém como expressão de *status social*.

A utilização do transporte próprio individual como meio de distinção e valorização social é uma condição a ser considerada ao analisar as práticas espaciais do lazer, mas, sobretudo, devemos observar a relação entre as condições de mobilidade e o ato de apropriação do espaço. Ao sopesar o perfil dos nossos sujeitos, tanto de modo mais qualitativo (entrevistas) como quantitativo (*enquetes*), vimos que as diferenças socioeconômicas são bastante evidenciadas quando se percebe o grau de dependência que o sujeito tem em relação ao transporte e, logo, tem seu espaço de apropriação limitado.

Vasconcelos (2000), ao debater sobre os transportes urbanos, afirma que as desigualdades dos meios de circulação expressa, entre outros, a capacidade de consumo das pessoas, pois, aquelas que possuem meios de transporte próprios têm condições

---

<sup>27</sup> VALÉRIA (nome fictício). Mulher; 38 anos; casada; ensino superior completo; professora da educação básica; moradora de área pericentral; renda entre 3-6 salários mínimos; não possui meios próprios de deslocamento. Entrevista aos sujeitos sociais. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014.

mais alargadas de consumo do espaço. Para esse autor, o 'monopólio' do transporte motorizado pelos grupos dominantes reproduz as desigualdades socioeconômicas e cria uma iniquidade no uso do espaço.

As variações nas condições de mobilidade definidas pelo meio de transporte utilizado na prática do lazer por nossos sujeitos podem expressar, também, as condições de acessibilidade ao conjunto da cidade em sua totalidade, na medida em que não é a distância em si que as define, mas antes, a relação entre distância/tempo, a qualidade desse deslocamento, o investimento financeiro, o que implica considerar qual meio de transporte é usado no deslocamento pela cidade (SPOSITO;GÓES, 2013).

Whitacker e Souza (2014) analisaram a acessibilidade e a mobilidade, tomando como escalas a estrutura urbana e dos sistemas de transporte. No primeiro, entendem que a acessibilidade distinta e a mobilidade diferencial dos sujeitos podem sugerir uma separação entre os espaços em que se realizam as atividades da vida e os que se voltam às atividades capitalistas, denotando processos como diferenciação, segregação e fragmentação socioespacial.

No segundo, a mobilidade indica o deslocamento entre áreas de interesse dos cidadãos, expressa pela relação de viagem por habitante num corte de tempo. Tal deslocamento normalmente dá-se em virtude da dinâmica de localização dos serviços, equipamentos urbanos desigualmente distribuídos os quais, ao passo que fomentam tal desigualdade, podem resultar da formação desses processos de segregação socioespacial e não integração entre áreas de interesse como as de cunho residencial, de lazer, do trabalho. Para esses autores:

A análise dos deslocamentos populares deve ser considerada tanto na dimensão analítica das lógicas que implicam na estruturação do espaço urbano, quanto nas práticas espaciais que desta decorrem e, ao mesmo tempo, a reconfiguram. É, portanto, uma dimensão a se compreender na produção do espaço urbano, quanto se impõe como uma questão a ser enfrentada nas ações de gestão e do planejamento dos espaços urbanos. (WHITACKER; SOUZA, 2014, não paginado).

Ao relatarem suas experiências em atividades praticadas no tempo de lazer, nossos entrevistados ratificaram as dificuldades encontradas para realizar tal ação, considerando sua localização residencial e condição financeira familiar (Mapa 4), e a escolha pelo uso do automóvel como modo de garantir minimamente a prática, conforme expuseram:

O *shopping* é meio longe daqui, mas dá para irmos. [...] A última vez que eu fui a pé e aí, eu fui com uns amigos. Nós fomos a pé, num sol quente, mas foi divertido! Nós fomos brincando, chegamos lá, nos divertimos e viemos de táxi. [...] Nós saímos daqui umas onze horas, chegamos lá umas cinco, quatro, por aí. Nós ainda erramos o caminho [...] Gostaria de ir mais vezes! Agora, ir de carro, porque a pé de novo, quero não. (PERFIL 1.2)<sup>28</sup>

A primeira questão, tipo assim, se a gente quiser ir para essas áreas de ônibus é meio complicado, temos que pegar mais de uma condução, então, já é complicado. Talvez ir diretamente de ônibus não seria uma opção, teria que pegar um ônibus e depois pegar um táxi. Questão de preço, essas coisas, tem uma diferença de preço, que é normal. Mas do lado de lá [bairro Candeias] não é acessível, não! O que a gente gastaria em dois finais de semana cá [bairro Brasil], a gente gastaria em um lá. (PERFIL 2.1)<sup>29</sup>

Porque como o meu namorado tem meio de transporte próprio ele me pega todo dia, ele me busca e deixa em casa, então isso facilita [...] É menos estressante! Porque assim, o transporte aqui, o meio de locomoção em Vitória da Conquista, a acessibilidade, o ônibus, as condições em si, você leva em consideração até mesmo o tratamento motorista, cobrador, está todo mundo estressado. (PERFIL 4.1)<sup>30</sup>

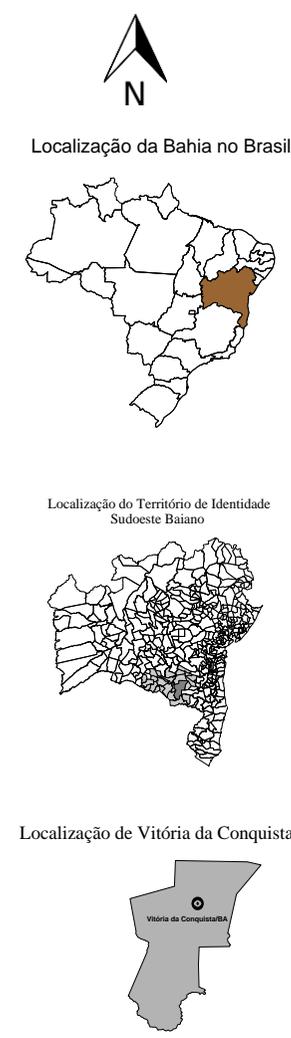
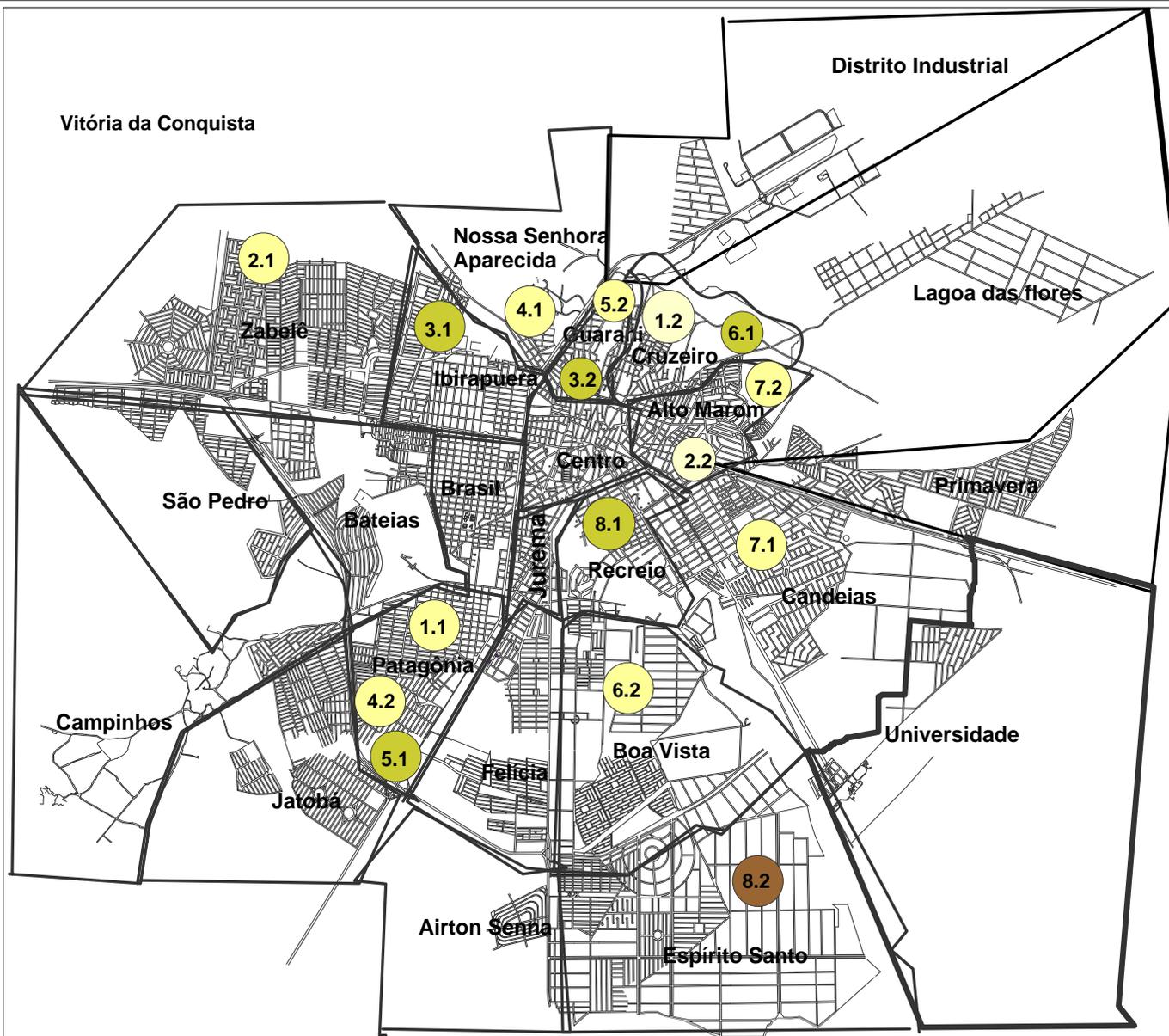
A questão é você poder ter um recurso para ter um carro para se locomover. Tem ônibus? tem. Demora! Demora mais tempo, então você acaba se atrasando, isso aí faz, às vezes, que você até desista de ir, entendeu? Locomoção, táxi, é caro! Eu acredito que para solucionar esse problema aí, a gente deveria ganhar um pouco mais, ter uma qualidade de vida melhor no sentido financeiro. [...] Você demora muito para se deslocar de uma determinada área para outra, aí isso causa um pouco de transtorno. Eu me programo bem antes. Quando eu quero ir ao *shopping* já me programo antes: oh, amanhã vamos ao *shopping*, pronto! Então, se arruma e tal. Ai você espera o ônibus até um determinado horário, viu que não deu, vamos de táxi. A questão é só locomoção, pelo menos a parte que cabe a mim julgar, entendeu? Eu moro também mais próximo, não é? Aí as coisas ficam mais fáceis, mas, vir para cá [Centro] é mais complicado e aí a gente tenta de várias formas, tentar suprir essa necessidade aí. (PERFIL 4.2)

---

<sup>28</sup> JOÃO (nome fictício). Homem; 15 anos; solteiro; cursando o ensino fundamental; não trabalha; morador de área pericentral; renda familiar de até um salário mínimo; não possui meios próprios de deslocamento. Entrevista aos sujeitos sociais. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014.

<sup>29</sup> LUCAS (nome fictício). Homem; 33 anos; solteiro; nível superior completo; engenheiro agrônomo; morador de área periférica; renda entre 2-3 salários mínimos; possui meios próprios de deslocamento. Entrevista aos sujeitos sociais. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014.

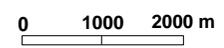
<sup>30</sup> LAIZA (nome fictício). Mulher; 35 anos; solteira; ensino superior completo; secretária; moradora de área periférica; renda entre 2-3 salários mínimos; não possui meios próprios de locomoção. Entrevista aos sujeitos sociais. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014.



**Legenda**

- Até um salário mínimo
- Entre 3-6 salários mínimos
- Entre 2-3 salários mínimos
- Acima de 6 salários mínimos

Localização da residência dos entrevistados (perfis)



Elaboração:  
Rizia Mendes Mares  
Fonte:  
Trabalho de campo, 2013.  
Base Cartográfica  
Malha municipal, 2011



Mapa 4: Localização residencial dos entrevistados (perfis) e classificação por faixa de renda. Vitória da Conquista/BA, 2014.

As exposições dos sujeitos da pesquisa evidenciam uma clara dificuldade na realização do lazer se nos pautarmos no par mobilidade-acessibilidade, em que pese uma dificuldade maior em acessar espaços de lazer se considerarmos a localização residencial e as condições financeiras da família. Contudo, concomitante a imposição do que se deve fazer no tempo do lazer, há, também, uma ideia massificada de que deve ser realizado dentro de padrões e comportamentos estabelecidos, inclusive no que tange ao modo de acesso.

Há uma ideia de que o lazer se localiza em espaços específicos onde existe oferta de atributos, para tanto, é preciso deslocar-se, acessar tais espaços, pois, sem isso não há possibilidade de realização do lazer. Por essa ideia, algumas áreas da cidade ficam em evidência pela venda da imagem do lazer, ao passo que desqualifica as demais por não conter tais recursos.

Essa massificação é propagada pelos meios de comunicação através da manipulação de signos (BAUDRILLARD, 2003), os quais escondem a função e intenção real desses meios de comunicação e informação. A problemática desse recurso, na verdade, não se restringe ao conteúdo transmitido em si, mas as mudanças estruturais que impõem ao ditar os novos modos de relação e vivência, hábitos, modelos, enfim, agindo profundamente nas relações humanas.

Além disso, é importante considerar o contexto histórico e prática social da época, seus condicionantes políticos, econômicos, culturais, trabalhistas até religiosos se considerarmos o quão o tempo destinado ao lazer era evitado, em algumas formações sociais. Como exemplo, Ferreira (1959) desenvolveu um estudo sobre o lazer operário, em um cenário de debates sobre leis trabalhistas, intervenções políticas etc. verificou que as únicas aquisições da “grande massa” foram o futebol e o cinema, o que denominou de “diversões comercializadas”.

Na sociedade capitalista o lazer deixa de ser uma atividade criadora e passa a ser programado, vendido pronto, supondo uma incapacidade do sujeito para tal função. O que ocorre de fato é que, ao reproduzir um cotidiano programado, o sujeito é destituído dessa habilidade criadora, devendo usufruir do lazer útil ao grande capital regulador da vida social. Para Padilha (2006a) essa regulação se dá mantendo o sujeito como coadjuvante na produção das próprias relações ao pontuar que

O lazer oferecido pela indústria da cultura é, então, um lazer compensatório, para que o trabalhador possa divertir-se um pouco e

voltar ao trabalho em condições de suportá-los por mais um período de tempo. No entanto, o trabalhador torna-se um espectador que não precisa pensar nem imaginar nem ser criativo diante da cultura industrializada, que evita qualquer esforço intelectual. (PADILHA, 2006a, p.113)

De modo que o sujeito permanece no contínuo processo de alienação, preso às amarras do processo produtivo. Para Ferreira (1959), o problema não é se há uma prática de lazer em atividades úteis ao indivíduo, mas que a questão principal é a eliminação do prazer e da espontaneidade, sendo esse o problema a corrigir.

Com o desenvolvimento do período técnico-científico-informacional, os espaços de lazer que não se inserem nesses parâmetros tonam-se de pouco uso. Espaços que priorizam o lazer voltado a atividades físicas e esportivas, como caminhadas e corridas, por exemplo, na visão do Secretário Municipal de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer de Vitória da Conquista, são "espaços do passado", porque a demanda agora impõe não a sua obsolescência definitiva, mas que precisam ser adaptados, sobretudo, ao uso das novas tecnologias de comunicação, uso de *internet* etc.

Ao afirmar que há uma demanda por espaços mais “conectados e modernos”, o referido secretário afirmou, em entrevista<sup>31</sup>, haver críticas ao poder público municipal por não se investir na prática de esporte como ocorria em tempos pretéritos, na década de 1980: torneios, campeonatos, estudantis e profissionais. Contudo, assevera que o “modelo hoje é outro” e que é preciso repensar sobre o que a nova geração está entendendo como lazer.

Não se deve abrir mão de uma análise que considere as alterações ocorridas em cada tempo histórico para se compreender a prática social no presente, do que já foi uma evidência ou dos parâmetros norteadores e do que se apresenta no horizonte como mudança e/ou permanências. Este é o segundo aspecto abordado por Dumazedier (1973), sobre as resistências e permanências. O mesmo autor assevera que seria um erro analisar o avanço tecnológico sobre os lazeres considerando uma linearidade temporal e espacial, que tal análise deve ponderar as estruturas, tradições, necessidades de cada

---

<sup>31</sup> VITÓRIA DA CONQUISTA/BA. Secretário Municipal de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer. Entrevista a agentes bem informados. [dez/2013]. Entrevistadora: Rizia Mendes Mares. Vitória da Conquista/BA. Transcrição de áudio. Pesquisa de campo, 2013.

Obs.: No ano de 2014 houve mudança na coordenação dessa secretaria. A entrevista foi realizada com o Sr. Gildelson Felício de Jesus. A partir do ano de 2014, a secretaria passou à coordenação do Sr. Nagib Pereira.

formação social e seu tempo.

Mediante os hábitos de consumo propagados pela sociedade homônima que sugerem novos modos de se praticar o lazer, assim como, novos espaços produzidos para esse fim, uma representação dessa condição é a ênfase dada ao uso de *shopping centers*, sobre isso, faremos uma abordagem mais detalhada nos capítulos II e III dessa dissertação.

Considerando que a ampliação do consumo se dá concomitante à ampliação da esfera privada (SERPA, 2003) e que essa lógica é extensiva à prática do lazer, o uso do *shopping center* como espaço para a prática do lazer foi destacado por nossos sujeitos com mais de 70% dos inquiridos<sup>32</sup> indicando esse empreendimento não apenas como um dos principais espaços de lazer, mas como sendo a única opção para esse fim.

Contudo, apesar dessa prevalência no uso do *shopping center* ao menos no plano do discurso, outros espaços e atividades se destacaram, como o uso de praças e a participação em festas públicas, no centro principal de Vitória da Conquista que, por muito tempo, concentrou as atividades de lazer e entretenimento, mormente as que se voltavam a atividades religiosas e cívicas.

Essa área, sobretudo, a Praça Tancredo Neves, foi apontada como opção de lazer por cerca de 20% dos inquiridos<sup>33</sup>, no mesmo espaço constam, ainda, um museu regional e realização de eventos públicos, atividades religiosas e cívicas, manifestações de natureza diversa etc.

Como fatores que justifiquem a escolha pelo lazer no centro principal<sup>34</sup> (Mapa 5), nossos inquiridos afirmam não haver outro espaço na cidade com as mesmas características e infraestrutura. Destacaram que, espaços públicos em que é possível seu uso sem, necessariamente, pagar por eles quase não existem como a Praça Tancredo Neves e o centro tradicional em condições de uso contínuo, proximidade com a natureza, possibilidade de sair em família, com amigos sem que isso seja muito oneroso ao orçamento familiar<sup>35</sup>.

---

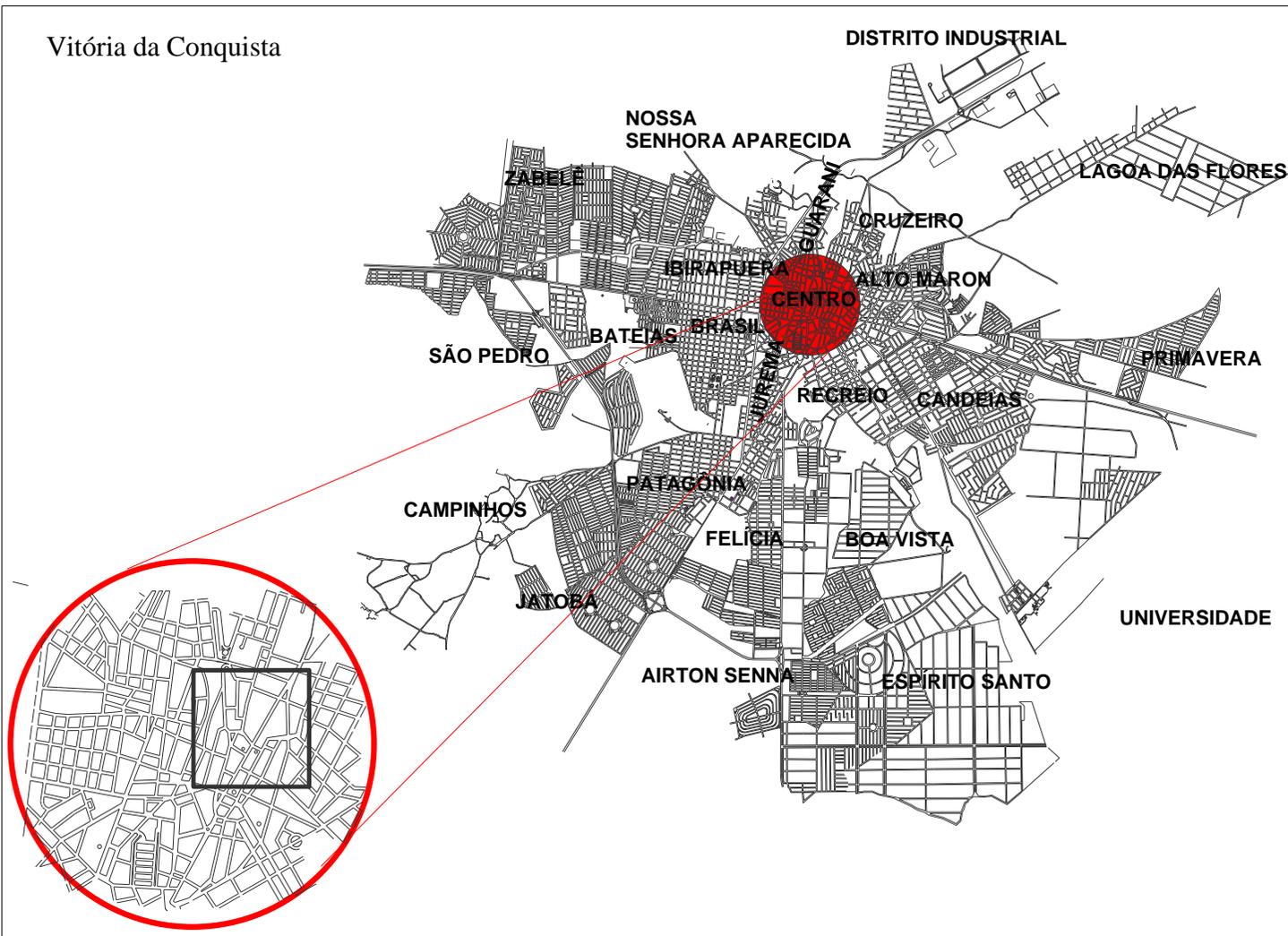
<sup>32</sup> Fonte: pesquisa de campo. *Aplicação de enquetes*. Total de 270. Vitória da Conquista/BA, 2013.

<sup>33</sup> Fonte: pesquisa de campo. *Aplicação de enquetes*. Total de 270. Vitória da Conquista/BA, 2013. Obs.: um mesmo inquirido indicou mais de um espaço e/ou atividade de lazer.

<sup>34</sup> (WHITACKER, 2013b) observar capítulo II.

<sup>35</sup> Observar capítulo III.

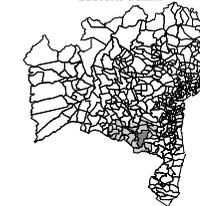
Vitória da Conquista



Localização da Bahia no Brasil



Localização do Território de Identidade Sudoeste Baiano



Localização de Vitória da Conquista/BA



Legenda



Centro principal



Área de nucleação mais antiga

0 1000 2000 m



Elaboração:  
Rizia Mendes Mares

Fonte:  
Trabalho de campo,  
2013.

Base Cartográfica  
Malha municipal, 2011



Mapa 5: Localização do Centro principal, Vitória da Conquista/BA, 2015.

O uso da Praça Tancredo Neves para a prática de lazer permaneceu ao longo do processo de estruturação da cidade de Vitória da Conquista mesmo frente aos novos hábitos urbanos. Assim, entendemos que houve em certa medida, permanência nas representações e sentido nas práticas tradicionais, algo que para Dumazedier (1973) pode ser compreendido como um fator de equilíbrio na relação com os lazeres mecanizados do mundo atual. Para esse mesmo autor, outro fator que influencia na prática do lazer é de ordem socioeconômica, propriamente dita. Primeiramente, porque praticar o lazer supõe investimento financeiro, sobretudo, na contemporaneidade, ou seja, o lazer tem um preço. Depois, porque para grande parte da população o recurso financeiro destinado ao lazer pode estar na condição de “bens de luxo”, logo atrás das despesas com saúde, alimentação, habitação, e ratifica que as atividades de lazer são condicionadas por possibilidades e hábitos de consumo. Observamos isso na fala de nossos sujeitos ao discorrerem sobre sua prática de lazer em que, dentre outras demandas e opiniões, compareceu a questão financeira como sendo um condicionador do modo como usam o tempo-espço de lazer (Quadro II).

Esse quadro será explorado com maior profundidade no decorrer da dissertação, mas podemos apreender de início que, em certo grau, um dos principais entraves na execução de atividades no uso do tempo do lazer é o fator econômico, em virtude da insuficiência de renda, como já iniciamos a discussão. Outra questão notável é que há demandas específicas de atividades e/ou espaços para o lazer segundo idade e perfil socioeconômico, por exemplo, que não estão contempladas na oferta do mercado. Para esses sujeitos resta o consumo daquilo que é massificadamente produzido ou aniquilação da prática.

Com a homogeneização e massificação na produção e consumo houve um relativo aumento no número de consumidores, porém, isso não indica necessariamente um acesso irrestrito e equitativo aos produtos da sociedade de consumo e, especialmente, uma interação entre diferentes grupos sociais. Fatores concernentes à localização residencial, por exemplo, atribuem experiências e maneiras de se praticar o espaço de modos distintos, como apontamos na primeira seção, e deste, as condições de tempo no deslocamento, duração da prática em alguma atividade, disponibilidade financeira que condicionará tanto o tempo (deslocamento) como o tempo (duração da prática).

**QUADRO II**  
**AVALIAÇÃO SOBRE A PRÁTICA DO LAZER**  
**VITÓRIA DA CONQUISTA/BA, 2014**

Perfil 1.1	“É...gastar...é tipo...ter pouco dinheiro para poder gastar, as coisas não serem tão caras como são”
Perfil 1.2	“Deixe-me ver, acho que tudo que eu já faço aqui já tem. Não pratico muito esporte, não. Só jogo bola, só”
Perfil 2.1	“Olha, vou falar que aqui em Conquista precisa realmente de mais espaços de lazer. Eu sinto falta aqui de uma boate, com algo...que você vá lá para ouvir música eletrônica e aqui não tem isso, e eu adoro e não tem boate em Conquista e sinto muita falta aqui. [...] Então está faltando espaços que fossem mais para o público em geral, um espaço para todos os públicos que não tem aqui em Conquista. É...tinha muito, mas agora está tendo pouco, tinha muito esses espaços de rock, ainda tem, mas, está mais elitizado, não é? Tem uns espaços, mas estão tão elitizado que quando você entra lá dentro, você não acha que está num show de rock, você está em outro lugar? É um rock “mauricinho/patricinha”, porque não tem esse lugar democrático. É isso, locais mais democráticos e mais locais, porque nossa cidade é mais barzinho, ela já está tachada de barzinho, mas, não tem essas outras, não é? Uma praça que você possa ir fazer outras atividades, não é? Que não seja ir para os barzinhos. Tem praça? tem! Mas, não é usada para esse fim, não é? não é usada e não tem a segurança devida para você ficar até umas dez da noite na praça, não é? Que passou de nove...nove?... passou das seis da tarde já é algo perigoso ficar numa praça, não é. Então isso aí faz falta, deveria ter e não tem, faz falta.”
Perfil 2.2	“Mais um espaço, assim, bem legal, principalmente para crianças, não é? Um espaço que tenha parque, que tenha comidas variadas, um espaço, assim, evangélico que está falando, porque se você vai num restaurante, você vai escutar a música que está passando no restaurante e a música é do mundo, não é? Então, um espaço evangélico, um espaço assim, com um som ao vivo evangélico, porque não? tem som ao vivo do mundo, porque não? Então, com uma comida bem legal, assim, um espaço bem legal para crianças, um lazer assim, bem saudável, seria isso.”
Perfil 3.1	“Eu acho assim, que eles tentam realmente fazer um trabalho bom nesse sentido, agora, muitas vezes limita porque eles travam regiões, as vezes tem muita a questão de bairro mesmo, tem certos eventos que eles fazem num determinado bairro e não existe uma divulgação maior para interagir entre os bairros, fica restrito a cada, o objetivo deles, não é interagir todo mundo, o objetivo deles é para aquele bairro, então várias praças da cidade acontece esses eventos, de vez em quando, as vezes, a gente aqui não está sabendo, mas no outro bairro está. [...] Tem duas datas específicas, o Natal e o São João que eles interagem toda a cidade, eu acho que eles tentam um pouco, talvez seja pouco para o tamanho da necessidade da cidade, realmente que a necessidade é muito maior, mas de uma certa forma eles tentam fazer algum trabalho nesse sentido, mas ainda deixa a desejar porque não abarcar toda a população. Aí tem essas duas datas com essas deficiências que a gente citou a pouco, a exemplo dessa praça que fizeram agora, né? é da juventude ali. Eu achei um projeto bem interessante, de uma área que estava, entre aspas, “desperdiçada”, e que fez uma diferença ali, valorizou num sentido o bairro e realmente deu um lazer a mais e não ficou restrito só ao pessoal do bairro. Ali realmente é muita gente que está indo para lá, então eu achei que nesse sentido aí, realmente, melhorou bastante, mas é claro que falta muito ainda para fazer.”
Perfil 3.2	“Eu vou falar aqui do nosso bairro principalmente, não é? Uma área de recreação, um parque, alguma coisa assim que preenchesse, entendeu? Para a gente não ter esse deslocamento, se tivesse mais próximo seria melhor.”

Perfil 4.1	<p>“Eu não vejo outra opção! Você sai para comer ou para beber! Você não tem outra opção, até mesmo porque a cidade não te oferece isso. Vamos nos tornar alcoólatras e gordos! Não oferece uma opção cultural, porque a cultura de Conquista acontece apenas em dezembro e junho! Parece que a secretaria de cultura de Conquista só trabalha nesse período! Não existe um trabalho cultural com frequência, são trabalhos pontuais! O Natal da Cidade ou então o São João do Periperi, só e exclusivo! [...] Você não vê em Conquista ser apresentado teatro, por exemplo, e tem muito para ser oferecido nessa cidade. Essa cidade tem uma riqueza enorme de cultura e que infelizmente a gente não conhece, não conhece porque não tem nem público e nem privado. Os shows que acontecem em Conquista, quando é um nível considerado cultural maior, são um absurdo! É para nobres! Hoje, graças a Deus, ainda tem o Natal da Cidade que eu vejo um nível de cultura bom, consideravelmente é valorizado e a gente ainda se questiona o quanto o poder público está pagando, não é? E será que em Conquista nós não temos pessoas com nível cultural para estar apresentando? Porque não valorizar tudo isso? Porque a gente sabe que em Conquista têm vários cantores, compositores, mas, até mesmo esses compositores, cantores e atores quando fazem um evento colocam distante, num local distante, sem acessibilidade. Aí a gente fala agora da acessibilidade...sem acessibilidade nenhuma! Como acontece na Casa dos Carneiros que eu nem sei onde fica essa casa do carneiro! Um dia eu perguntei e disseram para mim, a casa dos carneiros é realmente a casa dos carneiros, é escondida! Porque ...gente! É um programa que todo mundo fala muitíssimo bem, mas pergunta quem frequenta a Casa dos Carneiros? E é um local que apresenta muito a cultura de Conquista, mas a gente não conhece, porque são para nobres, e onde estão os pobres, não é? Qual é o tipo de cultura que o pobre consome nessa cidade?”</p>
Perfil 4.2	<p>“Olha só, aqui em Conquista é ótimo para se morar só faltava uma praia, infelizmente não tem. Aí as vezes você fica preso, aí eu saio para fora, muito para fora! Tem um lugarzinho ali em Cândido Sales que se chama “O Porto”, essa semana mesmo eu fui lá, aí encheu lá, maravilha! Eu gosto muito de água, então eu levo e tal... Aí assim, aqui dentro o que faltava mesmo é isso, faltava mais coisas assim, ginásio de esportes que eu gosto muito, é...campo tem muito, essa parte assim de futebol tem muito aqui, aqui atende à demanda, mas a parte de lazer no sentido de tomar um banho de sol, não tem. [...]Tem um <i>shopping</i> que eles colocaram um próximo à Barra, <i>shopping</i> não!! É...um clube: “Águas do Catolé”. Se ele fosse centralizado aqui na cidade aí eu iria, dava um jeitinho, mas a gente ia. Mas, como é longe, tem essa questão do deslocamento, aí a gente acaba descartando, não é? Não dá! Vai uma vez ou outra.”</p>
Perfil 5.1	<p>“Como a cidade está crescendo muito, acho que deveria fazer alguma coisa, porque tem outras cidades que têm, que oferece clubes, tem áreas, tem parques, aqui não tem nada. Não tem um museu que preste, que você sinta vontade de ir, não é? Que é coisa boa você ir num museu apreciar obras de arte, apreciar as coisas bonitas. Eu já fui em museus fora da cidade, fora daqui. Aqui não tem! O museu daqui, ainda bem que tem esse museu, é alguma coisa, mas assim, eu já fui, pronto! Vou ficar indo ver sempre a mesma coisa? Não é? Tem que mudar alguma coisa, tem que ter outras opções.”</p>
Perfil 5.2	<p>“Eu gostaria, mas não por mim, não é? Mas pela juventude, pelos jovens, precisam ter mais lazer, não é? Não por mim, não. Não sou muito de estar saindo, não importo muito com isso, não. Mais os jovens, não é? [...] Para os jovens? Sei lá, nem sei mais o que falta, uma praiazinha seria bom, praças mais seguras, mais para o centro da cidade, porque tem da Juventude ali, mas não acho muito seguro aquilo ali não.”</p>
Perfil 6.1	<p>“Assim, como eu não sou muito de sair, não vejo muito assim... é, se tivesse mais coisas seria bom, não é? Sair assim, eu já fui no Parque de Exposições, não é? Deixe-me ver...uma vez também, fui na pracinha aqui do natal, não é? Só, que eu não sou muito de sair também, não é? Faz tempo que eu fui no cinema. [...] Na verdade, não é porque não gosta assim, não é? Mas, é dinheiro, não é? Agora eu estou querendo sair mais, poder ter dinheiro agora que é gasto, sair assim... É, tem que sobrar mais dinheiro, no caso. [...] É, isso! Sinto mais, mas não posso por causa do dinheiro.”</p>

Perfil 6.2	“Conquista está faltando ainda muita natureza, não tem área nenhuma. Área verde em Conquista não existe, está pensando só no imobiliário, em vender terreno. [...] Falta hoje em dia, o que está faltando mais é ter segurança; parque com área verde, bonito, todo mundo quer. Shopping é lazer quando você vai gastar. Hoje os lugares tem que ter preço, atendimento e qualidade, segurança, infraestrutura, deslocamento facilitado. É igual lá no Cristo, nunca tinha ido, fomos a família inteira, só fui assim também. O Cristo pode melhorar é uma área boa, com vista da cidade muito bonita à noite. Podia ser um bom lugar para ir também, mas falta estrutura e segurança”
Perfil 7.1	“Rapaz, assim, outra forma de lazer... A questão do cinema ainda caberia, um cinema assim de rua, na minha opinião. E eu acho que no mais, para mim, eu não sinto muita falta não. lazer...esse negócio temporário, como o São João por exemplo, que eu gosto...carnaval, micareta acabou para mim não fez falta que eu nunca fui de frequentar, para muita gente também não faz, mas para outros, diz que falta. E o São João que é a época assim que eu mais gosto, em termos de lazer, se fosse pegar assim o ano, é a época que eu tenho uma expectativa. Assim...passou o carnaval para mim já é São João que eu gosto de ouvir...eu não sou de sair para festa que é da minha própria natureza de não sair para festa nem em época nenhuma. Mas atividade de lazer que mais me dá prazer...e engraçado é que eu não preciso sair para lugar nenhum, eu gosto mesmo é que chegue gente! Se não chegar também...! Tem São João que eu passo...para mim, eu acendi uma fogueira, tendo ali, as vezes os meninos estão ali soltando fogos, uma comida, uma canjica, uma coisa assim e eu ouvindo a música, o forró...Rapaz, sinceramente, para mim é o êxtase está ali na beira da fogueira ouvindo aquela música, só em ouvir o forró eu já me lembro daquela época, aí para mim é o ponto alto em termos de ....se fosse para falar assim você quer fazer alguma coisa para preparar para o São João? Se eu pudesse me prepararia tudo em termos assim, de custo financeiro, se eu tivesse que ter um trabalho fora eu não vou, eu quero estar em casa, e é em casa! Junto com mãe, não é? Então, para mim é a atividade que mais eu sinto prazer, o que mais me dá expectativa é a festa junina.”
Perfil 7.2	“Lazer em Conquista hoje é o Shopping Conquista Sul, só! Você não tem uma praça que se possa ir com um filho e tal, fazer um piquenique uma coisa assim. Nada de novo, nada de previsão para o futuro. Só o shopping que na realidade a gente sabe que é um comércio, mas, muitos acabam usando... a maioria, não é? Como espaço de lazer. [...]Ah, pelo menos assim, um parque equipado, sabe? Com área para fazer, por exemplo, um piquenique, equipados com brinquedos para as crianças. Pelo menos alguma coisa desse tipo, que não tem.”
Perfil 8.1	“Bom, hoje, infelizmente, Conquista não tem assim, opção de lazer, não é? o que tem? Tem o Clube Social que você tem de desembolsar, você tem de pagar para você ter esse lazer que é o Clube Social, o clube particular. Mas, sobre Vitória da Conquista não tem, não tem lazer de maneira nenhuma. Foi construído esse centro aqui, mas um centrinho lá que é só para jogar bola, só isso aí, então. Então, para uma cidade de quanto? Quatrocentos e tantos mil habitantes para ficar só isso? Não, teria que ter muitas e muitas coisas, não é isso? Falta! Não temos lazer. Podemos dizer que é nove por cento a menos, não tem, de maneira nenhuma, é baixo! [...]
Perfil 8.2	“Eu me sinto, que eu não vejo nada mais para fazer, estou velha. Para os jovens lá eu não vejo nada, não. Só tem um pouco para os jovens da URBIS VI, tem bola, não é? quadra, tem quadra, tem bola, tem campo, a atividade deles lá é essa e tem academia para quem faz, não é? é isso. [...] As vezes eu navego, <i>youtube</i> e só umas besteirinhas aí; igreja essas coisas assim, futebol, de vez em quando eu olho uma coisa assim, mas não...eu não posso estar ligar essas coisa assim, não é? Mas eu gosto de ligar mesmo é no <i>youtube</i> para ver essas coisas que passa, não é? vídeo, filme. Aí eu baixo o filme, eu já sei baixar, não é? Eu não sabia nada de computador, mas eu aprendi aqui no trabalho, meu chefe me ensinou. Na hora que eu estou assim sem querer fazer nada eu vou ali e me divirto no computador. Eu divirto no meu trabalho, saio vou ali dar um recado, vou ali no lanche, converso um pouquinho ali no banco do jardim. É o lazer! “
Fonte: pesquisa de campo. Entrevistas aos sujeitos sociais, 2014. Organização dos dados: Rizia M. Mares	

Do contrário, percebemos um reforço às clivagens e a busca por uma diferenciação e evitamento ao diferente, visto que, a ideia de homogeneizar espaços e práticas, transverte-se em condição para criar espaços exclusivos, atendendo a uma seleta minoria.

Os limites entre os diferentes grupos sociais, apesar de tênue não deixam de existir (LEFEBVRE, 1991) e que se expressa em diversos âmbitos da vida cotidiana, inclusive na prática do lazer. Para esse autor, a diferença não é apenas quantitativa, como a renda, mas qualitativa ao se referir ao modo como se usa e distribui nas necessidades cotidianas como trabalho, moradia e o próprio lazer, elementos que tendem a uma separação espacial e influem em como os sujeitos praticam o espaço.

Ratificamos o fato de que a insuficiência de renda é um fator limitador para o desenvolvimento das práticas de lazer, como destacaram os sujeitos da pesquisa retratados no Quadro II, orientando os modos de consumo e, por conseguinte, as despesas. Na medida em que o investimento necessário para tal prática ultrapassa os limites destinados ao consumo do lazer, via de regra, a prática não se efetiva ou ocorre em uma periodicidade reduzida.

Para Dumazedier (1973) os condicionamentos sociais dos lazeres se expressam, também, pela função a qual se direcionam, pois, em muitos casos há práticas que priorizam certa evasão em oposição as práticas que levam à reflexão, a exemplo: divertimento, entretenimento, recreação. Outro ponto é que pela condição de oposição à atividade reflexiva, tais práticas podem ser criadas para forjarem uma realidade ilusória, programada. Um terceiro problema é a supervalorização da mercadoria, sobretudo, pelos meios de comunicação, a atividade de lazer é vendida como se a necessidade do sujeito se restringisse aos instintos e as possibilidades financeiras (DUMAZEDIER, 1973).

Esse mesmo autor chama a atenção para o fato de que a intenção dos grandes meios de comunicação é sempre buscar um modo de fazer do sujeito um cliente de fácil manobra para oferecer-lhe a ideia de um mundo limitado, sem reflexão, impedindo não só o seu desenvolvimento humano, como também, mantendo-o numa estagnação ou até regressão (DUMAZEDIER, 1973).

Os condicionamentos sociais e econômicos marcam a experiência espacial dos nossos sujeitos e expressam o grau do relacionamento estabelecido, bem como, o acesso

às necessidades cotidianas. Quanto mais insuficientes forem as condições socioeconômicas do cidadão, maiores são as suas dificuldades no uso do espaço, seja no deslocamento diário casa-trabalho, seja em uso esporádico dos espaços de lazer, e assim, o acesso à totalidade do espaço cidadão torna-se limitado e pouco conhecido a seu morador por não haver uma experiência espacial profunda, por não se praticar o espaço.

## **Capítulo II**

### **Vitória da Conquista em fragmentos: a produção social dos espaços de lazer**

O modo como a estruturação espacial se realiza na atualidade, expressa maior complexidade e especificidades como fruto de lógicas de produção que geram formas urbanas distintas, bem como, denotam novos conteúdos. Tal ação mostra-se como estratégia do capital na medida em que esse sistema necessita se expandir para novas áreas em busca de outras formas exploração e fonte de riqueza, ou seja, o capitalismo desenvolvendo-se desimpedidamente para sua sobrevivência (HARVEY, 2005).

Esse debate é desenvolvido nesse segundo capítulo em quatro seções que inicia pelo processo de expansão urbana em Vitória da Conquista em que o lazer se articula como meio e produto da formação de novas áreas centrais, e um caminho para compreender a formação de processos socioespaciais que tendem a segmentar a sociabilidade, fator verificado através de práticas espaciais do lazer distintas conforme o perfil socioeconômico do sujeito.

## **2.1 Expansão urbana em Vitória da Conquista/BA**

*“Vitória da Conquista cresce para todos os lados e cresce de uma forma desestruturada”<sup>36</sup>*

---

<sup>36</sup> LAIZA (nome fictício). Mulher; 35 anos; solteira; ensino superior completo; secretária; moradora de área periférica; renda entre 2-3 salários mínimos; não possui meios próprios de deslocamento. Entrevista aos sujeitos sociais. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014.

Essa fala reflete o pensamento dos nossos entrevistados ao se referirem aos novos padrões de crescimento observados em Vitória da Conquista<sup>37</sup> destacando, por vezes, práticas que se modificaram nos últimos anos em consequência das mudanças ocorridas na cidade. Cabe-nos avaliar se essas mudanças se realizaram para além do discurso e se, em certo grau, houve afirmação de permanências.

Por seu turno, também, foram motivações econômicas e políticas que direcionaram o início da ocupação e configuração territorial da cidade de Vitória da Conquista, tendo os bandeirantes como os formadores dos primeiros núcleos urbanos, em uma disputa perversa com os indígenas que habitavam a região na busca por minas de metais preciosos e por terras.

Um espaço que foi se constituindo, primeiramente, pelos aspectos de seu sítio, isto é, no entorno do rio Verruga com nascente localizada ao norte da cidade, na Serra do Periperi. No decurso desse rio foram construídas casas, ruas, praças direcionando o crescimento urbano e promovendo o adensamento na área que, com a estruturação da cidade ao longo das décadas, tornou-se central e pericentral (MEDEIROS, 1998).

Como pontuamos no item anterior, ao analisar a relação entre urbanização e o lazer na configuração do urbano em Vitória da Conquista vimos que, a partir de 1940, as mudanças no espaço urbano se intensificaram para adequação às necessidades de reprodução da vida e do capital que vinha ocorrendo, também, em nível nacional, como exemplos: dinamização do setor agrícola, transformações nas relações de trabalho, crescimento populacional. Intervenções urbanísticas foram realizadas, especialmente na área central alterando sua forma pretérita. O resultado desse processo está expresso num espaço estruturado sob interesses econômicos, a favor de uma lógica de extensão do tecido do urbano (BOTELHO, 2007).

Ferraz (2001), ao analisar o processo de urbanização em Vitória da Conquista, destacou que o período compreendido entre 1940 a 1970 foi de intensas transformações na base territorial dessa cidade, sobretudo, com o desenvolvimento do comércio e abertura de estradas estaduais e federais que se entrecruzavam no perímetro urbano. Esta característica, para a mesma autora, impulsionou a expansão urbana que se dava

---

<sup>37</sup> Das 16 entrevistas realizadas, mais de 50% dos entrevistados relacionaram os problemas de mobilidade, acessibilidade, bem como, fatores como insegurança, trânsito conturbado, precariedade na estrutura física à expansão do tecido urbano e crescimento demográfico e à má gestão pelo poder público para lidar com todo esse fluxo. Fonte: pesquisa de campo, 2014.

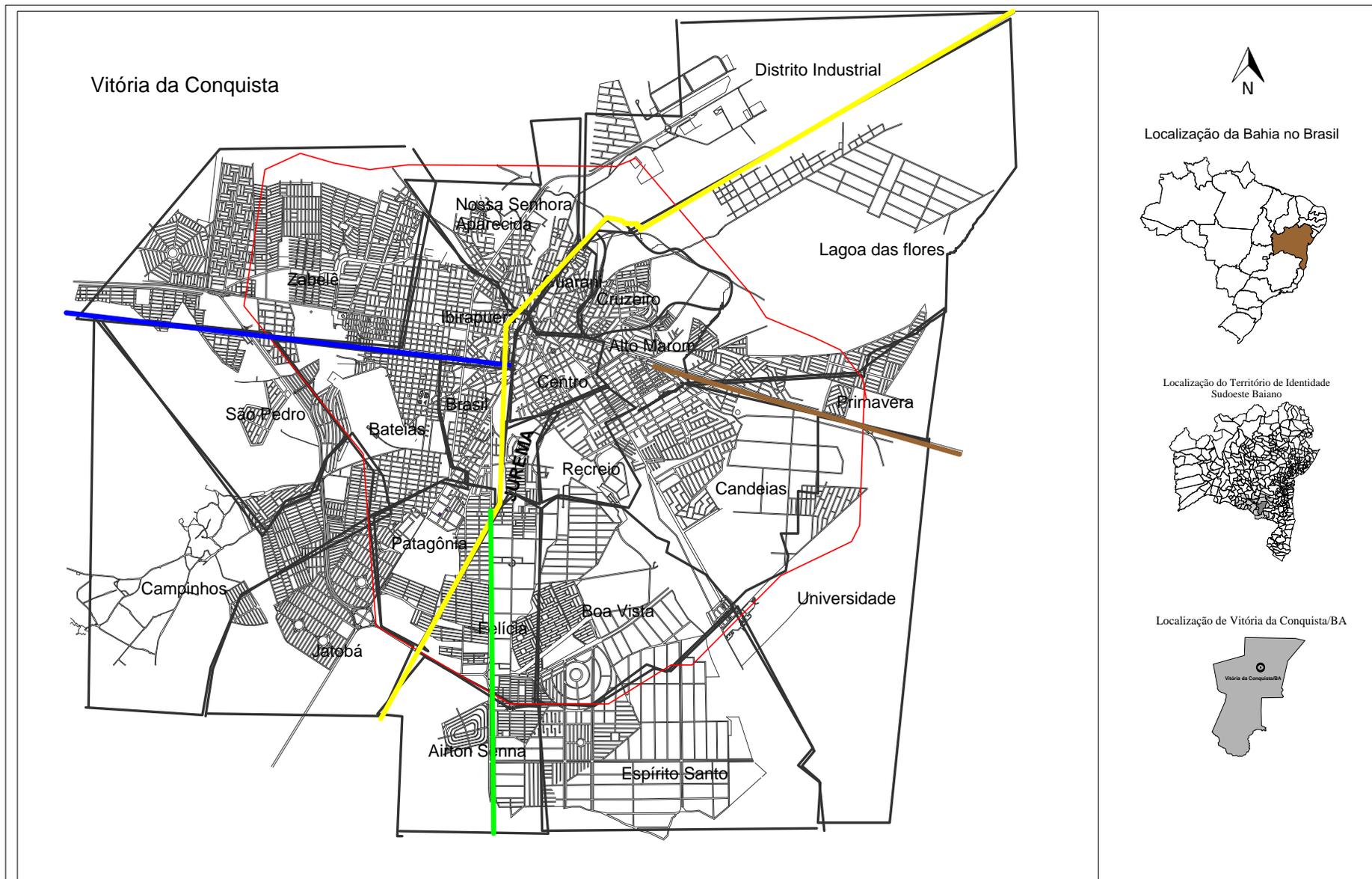
nas proximidades das rodovias.

Assim, diferentemente do direcionamento que se tinha em 1940, em que a expansão se dava por uma malha urbana contínua no sentido sudoeste seguindo a direção da nascente do rio Verruga, a partir de 1955 a meados da década de 1980 as rodovias são expressivas desse direcionamento, destacando-se as BRs 116 e 415, as BAs 262, 265. Na atualidade, a parte das rodovias que estão no perímetro urbano foi transformada em avenidas como, por exemplo, a Avenida da Integração (BR 116), Avenida Brumado (BA 262), Avenida Juracy Magalhães (415) (FERRAZ, 2001) (Mapa 6).

Vitória da Conquista integrou um conjunto de localidades que recebeu grandes investimentos do governo federal por volta de 1970, objetivando a expansão da lavoura cafeeira. Como consequência, houve uma intensificação do comércio de terras para a produção do café, valorização do preço do solo, inviabilizando o acesso por parte dos pequenos proprietários e sua permanência em seu local de vivência (FERRAZ, 2001).

Realidade resultante do processo de urbanização em função da própria industrialização brasileira, em que ficavam claras as intenções capitalistas em expandir-se através de novos investimentos promovendo alterações na relação espaço-temporal e, por conseguinte, em nova articulação regional. Nesses termos, vivenciou-se em Vitória da Conquista uma redefinição da divisão técnica, social e territorial do trabalho.

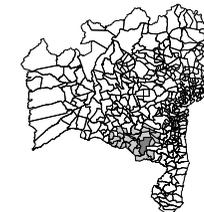
Na mesma década, 1970, houve uma mudança no perfil demográfico, a população urbana se sobressaiu ao quantitativo rural (Tabela 2), um fator que por si só não dá conta da amplitude do processo, mas pode ser um indicador de suas alterações, haja vista, que a dinâmica dos processos sociais passou a se materializar e a produzir uma nova forma como marca das relações ali estabelecidas.



Localização da Bahia no Brasil



Localização do Território de Identidade Sudoeste Baiano



Localização de Vitória da Conquista/BA



Legenda

- █ Rodovia BA 262 - Av. Brumado
- █ Rodovia BR 116 Rod. Presidente Dutra/Rio-Bahia "Av. da Integração"
- █ Rodovia BA 415 - Av. Juracy Magalhães
- █ Rodovia BA 265 - "Estrada da Barra"
- █ Anel Rodoviário

0 1000 2000 m

Mapa 6: Principais rodovias (estaduais e federais) no perímetro urbano de Vitória da Conquista/BA.

Elaboração:  
Rizia Mendes Mares

Fonte:  
Trabalho de campo,  
2013.

Base Cartográfica  
Malha municipal, 2011



**Tabela 2**  
**Vitória da Conquista/BA**  
**População urbana, rural e total - 1940/2010**

<b>Ano</b>	<b>População Urbana</b>	<b>População Rural</b>	<b>População Total</b>
1940	11.884	62.559	74.443
1950	23.553	73.111	96.664
1960	53.429	90.057	143.486
1970	84,053	41.520	125.573
1980	127.512	43.107	170.619
1990	188.351	36.740	225.091
2000	225.545	36.949	262.494
2010	274.805	31.569	306.374

Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 1940-2010.  
 Organização: Rizia M. Mares

Ainda nas décadas entre 1960 e 1970 ocorreu a ampliação de serviços (educação, saúde), passando a atrair um número crescente de pessoas que antes apenas passavam pela cidade, mas que ao buscarem por esses serviços passaram a se fixar.

Ferraz (2001) apontou que, até meados 1980, intensificou-se a abertura de assentamentos, conjuntos habitacionais para várias dimensões da cidade, configurando uma forma dispersa, quando coloca que:

De 1970 a 1986 [...], a cidade de Vitória da Conquista expande-se em todas as direções. As rodovias, como nos períodos anteriores, são os vetores de crescimento: a BR 116, principalmente a sudoeste; a BA 415, no sentido sul; a BA 265 a leste; a BA 262 a oeste e noroeste, e a 1ª parte do anel rodoviário, a sudeste. O crescimento caracteriza-se pela abertura de loteamentos realizada por particulares e aprovada pela municipalidade (a maior parte desses loteamentos foi implantada sem infraestrutura, mas atendeu à demanda por lotes na cidade). Há, ainda, no contexto desse crescimento a edificação de grandes conjuntos habitacionais e introdução de construções verticais para fins residenciais, principalmente no centro da cidade e bairros adjacentes (FERRAZ, 2001, p. 45/46).

A expansão urbana influenciada pela abertura de loteamentos e conjuntos habitacionais tomou a direção das áreas periféricas da cidade priorizadas para valorização imobiliária e para onde se direcionam atividades voltadas ao comércio e serviço, muitas delas saídas do centro principal. Uma ocupação que priorizou as grandes

áreas vazias como resultado da descontinuidade territorial<sup>38</sup> atendendo, mormente, aos interesses do capital especulativo e imobiliário (FERRAZ, 2001).

Um processo de desconcentração relativamente recente, pois, o centro principal mantinha-se como localização basilar de atividades e centralização de processos. Contudo, se até meados de 1980, a economia centrava-se na lavoura cafeeira e na indústria, após quase duas décadas, com a crise do café, o setor de serviços se destaca fazendo da cidade um centro de atração regional, alterando as relações interurbanas (FERRAZ, 2001).

O setor terciário se expandiu com maior intensidade a partir de 1990, alterando o perfil econômico de Vitória da Conquista, a expansão desse setor foi um dos principais indutores do processo de reestruturação econômica iniciado na mesma década, quando a oferta do comércio e serviços se diversifica e ampliam-se no município de Vitória da Conquista, aumentando sua centralidade na rede urbana (FERRAZ, 2009)<sup>39</sup>.

Fatores como o aperfeiçoamento da técnica, o uso da internet, a municipalização da saúde, a diversificação do sistema educacional e a crescente oferta de serviços, marcaram esse período. Para Ferraz:

[...] o aumento populacional, a implantação da lavoura cafeeira e as mudanças nas relações de trabalho, impulsionaram o crescimento urbano e contribuíram para ao estabelecimento de novos nós nas redes, nas últimas décadas do século XX. [...] Foi nesse contexto que ocorreram transformações nas relações sociais, econômicas, políticas e culturais, além de mudanças infraestruturais, que, associadas a novas tecnologias, permitiram o dinamismo das redes aí estabelecidas. A cidade continuou a crescer e a modificar sua configuração territorial. Além das transformações ocorridas no campo, que influenciaram a construção do espaço urbano, aportes nos setores de educação e saúde estimularam a chegada e a permanência de profissionais especializados, ocasionando a criação de novos nós. (FERRAZ, 2009, p, 56/57).

---

<sup>38</sup> Nesse caso, considerando a descontinuidade territorial referente ao ambiente construído, mesmo que as relações estejam embutidas nessa. Enquanto que descontinuidade espacial pode ser pensada em termos de relações per se. (SPOSITO, 2004b).

<sup>39</sup> Segundo Ferraz (2009) a partir da década de 1980 e, mais efetivamente, a partir de 1990, houve uma intensificação no uso de recursos tecnológicos (expansão da telefonia; *internet*), a municipalização da saúde (1998), bem como, aumento de investimentos privados nesse setor, dinamização da educação com o aumento no número de cursos na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB e abertura de outras instituições particulares de ensino superior e, especialmente, pelas mudanças nas relações políticas, sociais, culturais possibilitando maior dinamismo à rede.

Segundo dados do IBGE, o município apresentou no ano de 2011, um PIB – Produto Interno Bruto *per capita* de R\$ 12.370,65, destacando como principal atividade econômica e de maior incremento no PIB o setor de serviços, assim como acontece em nível estadual e nacional (Gráfico 3).

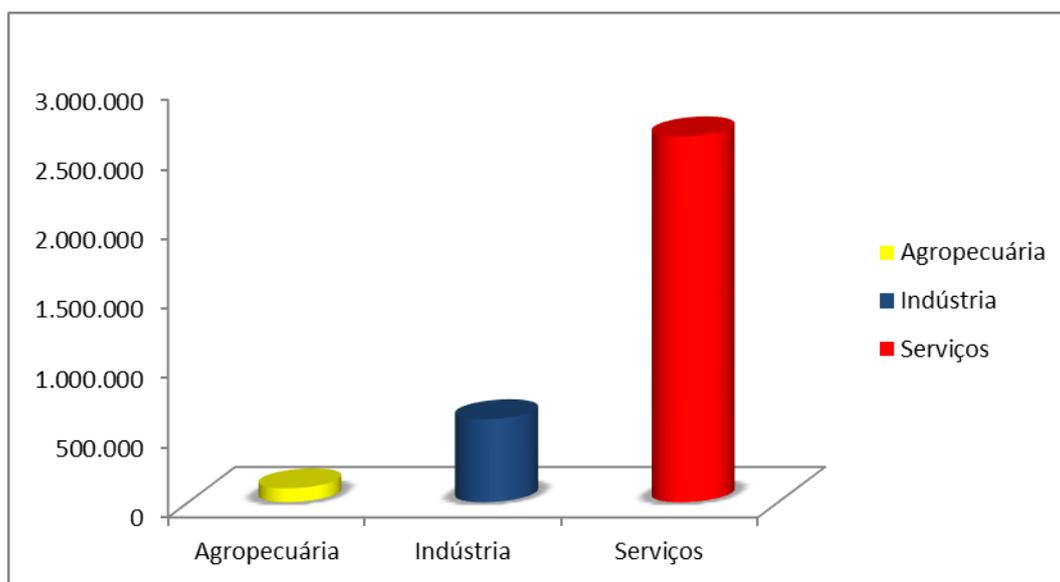


Gráfico 3: Vitória da Conquista/BA – Produto Interno Bruto (valor adicionado), 2011.

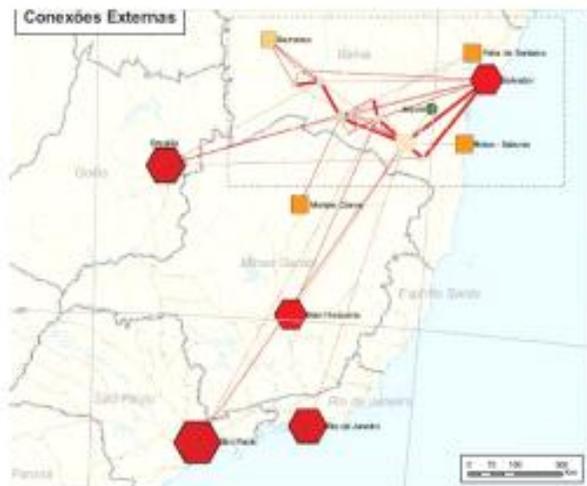
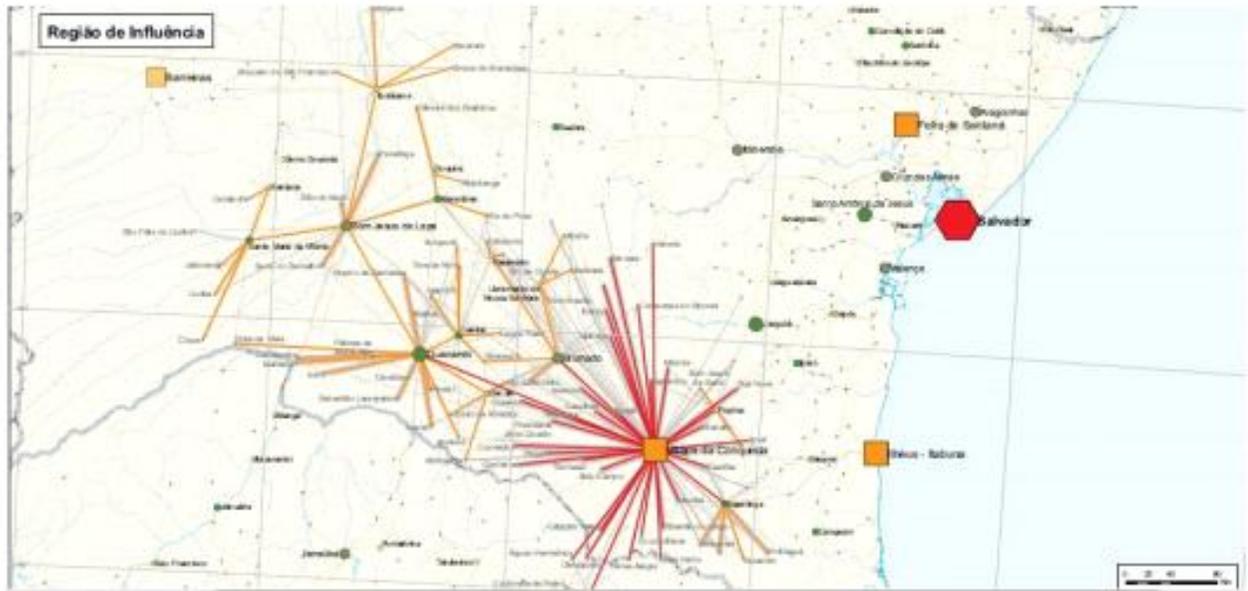
Fonte: IBGE, em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus - SUFRAMA.

Organização: Rizia M. Mares

Ainda segundo pesquisas do IBGE (2008), Vitória da Conquista foi classificada como Capital Regional B integrada à rede urbana de Salvador, polarizando mais 90 municípios no interior da Bahia e de Minas Gerais e relaciona-se com outros centros urbanos (Mapa 7), estendendo sua área de influência, de forma considerável, com uma população que ultrapassa os dois milhões de habitantes.

Nesse instrumento de pesquisa, o IBGE avaliou o grau de centralidade (administrativo, jurídico, econômico) dos centros urbanos, estabeleceu uma hierarquização destas, bem como, as áreas de influência expressando o modo como o território se articula em rede (IBGE, 2008). Por esses pressupostos, Vitória da Conquista desenvolve uma importante função interurbana, no que tange à sua área de abrangência e nos serviços que oferece.

# Vitória da Conquista (BA) - Capital regional B (2B)



## Características Região de influência de Vitória da Conquista

População total (2007) 2 121 638  
 Área (km²) 145 962,64  
 Densidade demográfica (hab./km²) 14,54  
 Número de municípios 97  
 Intensidade de relacionamento 1 009  
 PIB 2005 total (1 000 R\$) 7 403 460  
 PIB per capita (R\$) 3 490

Centros identificados: Centro Subregional A: Guanambi (BA);  
 Centros Subregionais B: Bom Jesus da Lapa e Brumado (BA);  
 Centros de Zona A: Caetité, Itapetinga, Macaúbas e Santa Maria da Vitória (BA);  
 Centros de Zona B: Boquira, Caculé, Ibotirama, Livramento de Nossa Senhora, Paramirim, Poções e Santana (BA) e Pedra Azul (MG).



Localização da Bahia no Brasil



Localização do Território de Identidade Sudoeste Baiano na Bahia



Localização de Vitória da Conquista/BA



Organização dos dados:  
Rizia Mendes Mares



Fonte: REGIC.  
Regiões de Influência  
-IBGE/2008



Mapa 7: Vitória da Conquista/BA. Regiões de Influência. REGIC. Fonte: IGBE/2008.

O debate sobre as cidades médias no Brasil não é recente, remonta a década de 1970, com trabalhos de Amorim Filho (1973) que em seus estudos propunha que as cidades médias seriam capazes de se relacionar, em certo grau de intensidade e qualidade, com seu espaço regional, como também, com outros aglomerados de hierarquia superior e com seu espaço rural; que apresentasse certa autonomia no que tange a produção de, ao menos, alguns equipamentos de relações externas; uma estrutura morfológica que fosse condizente com sua posição, entre outras características.

Para o mesmo autor, a função de intermediação na relação em rede, sua posição geográfica, por exemplo, é relevante tanto quanto é o tamanho demográfico, também considerado na tentativa de conceituação das cidades médias (AMORIM FILHO, 2007). De modo geral, são entendidas como cidades médias aquelas não integrantes às áreas metropolitanas mantendo-se a uma distância relativa destas, com população variando entre cem a quinhentos mil habitantes<sup>40</sup>, que considere sua abrangência regional, as funções que desenvolve e a sua influência pelos serviços prestados.

Muito se tem avançado nesse debate, sobremaneira, pela possibilidade de elaboração de um conceito acerca dessas cidades que amplie o campo de compreensão para além do padrão quantitativo, abrindo-se para outros elementos inseridos na abordagem de cidades nessa escala<sup>41</sup>. Entre outras funções, Trindade Jr (2007) destaca a função de ser a ligação dos fluxos (pessoas, mercadorias, informações, decisões políticas, etc.) que por essas cidades ganham concretude. Para esse autor:

São produtoras/distribuidoras de bens e serviços exigidos por elas e por um conjunto de cidades menores que existem em seu entorno; são espaços de mediação política, econômica e social entre as pequenas cidades de sua mesorregião e os grandes centros aos quais estão subordinadas; são fóruns regionais de decisões políticas e debates, em torno das necessidades da região na qual estão inseridas, ao mesmo tempo em que são lócus de formação de opinião e exercem certa liderança regional frente às cidades de menor porte; desempenha papel de centro de crescimento regional econômico regional, cujas atividades econômicas preponderantes são as de produção e distribuição de bens e serviços e que empregam a maioria de sua População Economicamente Ativa (PEA); apresentam-se como atrativas para receber e ficar migrantes de cidades menores ou da zona

---

<sup>40</sup> Porém, isso não é um consenso entre os que se dedicam a esse estudo, visto que pesquisadores e outros órgãos de instituição variam esse número, entre 50 a 500 mil habitantes (Andrade e Serra, Cidades Médias Brasileiras, 2001) e entre 100 mil a 1 milhão de habitantes (Beatriz Soares Ribeiro e ONU/1991), adaptando o teto para 500 mil em 1960. Entre 50 a 500 mil habitantes (SPOSITO, 2006).

<sup>41</sup> Observar, por exemplo, as pesquisas desenvolvidas pela Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias-RECIME; Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias e Pequenas da Bahia – Rede CMP.

rural, através da expectativa que criam em relação à oferta de postos de trabalho, servindo de anteparo aos fluxos migratórios direcionados aos grandes centros. (TRINDADE JR, 2007, p. 316).

Do ponto de vista funcional, sua classificação relaciona-se a definição de seus papéis regionais e as possibilidades de articulação e comunicação pela sua posição geográfica, assim como, destacou Sposito (2001a), em que o consumo tem maior dimensão que a produção na estruturação dos fluxos que as caracterizam como intermediárias. Seu espaço define-se tanto, “com o mercado regional (o quanto as pessoas estavam dispostas a deslocar-se para ter acesso a certos bens e serviços) e com os espaços urbanos de maior ou mesma importância”. (SPOSITO, 2001a, p. 637).

Em virtude de sua posição geográfica, as cidades médias são o campo imediato mais propício ao investimento do capital em diversas esferas, alterando o conteúdo de relações entre cidades de diferentes escalas:

Num contexto como esse, as relações entre a cidade média e seu espaço rural e regional deixam de ser suficientes para compreender o contexto em que ela se insere. Ampliaram-se suas relações hierárquicas com as cidades maiores da mesma rede, sobretudo com as metrópoles que a articulam com a escala internacional; estabelecem-se relações de complementariedade com outras cidades de importância semelhante; alteram-se suas relações com as cidades pequenas, pois esse processo veio acompanhado de modernização da agricultura que gerou movimentos migratórios do campo para as cidades e das cidades pequenas para as médias e grandes. (SPOSITO, 2007, p. 236/237).

O que passa a acontecer nessas cidades é uma sobreposição de escalas em que ensejam novos modos de estabelecimento de relações. Seus papéis são alterados e, considerando sua posição geográfica com um elemento motivador aos investimentos e ações, tanto interna como externamente, têm uma capacidade ampla e cambiante de inserir novas maneiras de conduzir as relações em múltiplas escalas, em que pese de modos distintos, a redefinição da divisão regional e internacional do trabalho (SPOSITO, 2007).

No desenvolvimento de suas pesquisas sobre o tema, Sposito (2014) afirma que a expressão cidade média ainda não tem *status* de conceito por julgar necessária uma articulação a outros conceitos para constituição de uma teoria, algo que é processual e demanda amadurecimento nos estudos. Reafirma o uso da expressão cidade média em suas pesquisas e indica uma “tipologia plural” que, em seu entendimento, pode abarcar a multiplicidade e diversidade apreendidas quando na análise dos papéis e funções dessas cidades:

Para caminhar nesta direção, ressalto quatro pontos essenciais, entre muitos outros que devem ser considerados com menor peso: observar a situação geográfica da cidade ou das cidades em análise; não esquecer de notar a natureza das relações da cidade média e da cidade pequena com o campo; delimitar o ponto de vista que será privilegiado na análise (econômico, político, social etc.); apreender as articulações interescolares que aquele ponto – cidade média – é capaz de estabelecer no âmbito de sua rede urbana e, eventualmente, além dela (SPOSITO, 2014, p. 29).

Um conjunto de elementos que podem elucidar a natureza dessas cidades, das suas funções e papéis. De modo que, mais que classificá-las pelo tamanho demográfico é preciso entender suas especificidades, desvelar o cotidiano que se realiza nesses espaços, das funções e formas produzidas.

A produção espacial se realiza em diversas escalas, o de que se deve ressaltar nesses estudos são as particularidades que se somam ao quadro maior e mais geral de compreensão da produção do espaço urbano. Uma produção que, na contemporaneidade, alia novos elementos à dinâmica das cidades e, como estamos defendendo em relação à prática do lazer, pode ser indicativa de mudanças na forma urbana e no modo de interação social. Levando-nos a identificar contextos mais profundos de desigualdades e formação de processos socioespaciais mais complexos.

## **2.2. Vitória da conquista: uma cidade em fragmentos - o lado de cá e o lado de lá**

No âmbito geral, as cidades passaram a ser o local propício para o desenvolvimento das relações de produção, haja vista, as possibilidades de reconfiguração de arranjos espaciais como condição para maior dinamicidade e rapidez na reprodução capitalista, assumindo novas configurações e lógicas que garantam tal finalidade.

O sistema capitalista transforma os elementos da sociedade, subordinando a seus comandos não só as antigas estruturas (sociais/espaciais), mas também, produzindo novas ou redefinindo seu uso com o discurso da novidade, por meio de estratégias de produção e consumo. Como modo de analisar a dimensão desse processo, Lefebvre (1973) afirma:

Não é apenas toda a sociedade que se torna o lugar da reprodução (das relações de produção e não apenas dos meios de produção): é todo o espaço. Ocupado pelo neo-capitalismo, sectorizado, reduzido a um meio homogêneo e, contudo, fragmentado, reduzido a pedaços (só se vendem pedaços de espaços às <<clletelas>>), o espaço transforma-se nos espaços do poder. (LEFEBVRE, 1973, p. 95)

Tais estratégias estão além do simples fatiamento do espaço e sua comercialização, pois o objetivo não é apenas inserir o espaço na produção da mais valia, mas, principalmente, promover uma reorganização geral da produção subordinada aos centros de comando e de informação. (LEFEBVRE, 2008a).

Desse modo, o que há de novo na produção do espaço? Para o mesmo autor, os grupos dominantes sempre agiram produzindo um espaço específico, entretanto, a diferença encontra-se na dimensão desse processo, isto é, no capitalismo há uma produção global e total do espaço social em que sua realização versa sobre os interesses daqueles que a promovem e gerenciam. Afirma, ainda, que o capitalismo “encontrou um novo alento na conquista do espaço em termos triviais, na especulação imobiliária, nas grandes obras (dentro e fora das cidades), na compra e na venda do espaço. E isso à escala mundial.”( LEFEBVRE, 2008a, p. 140).

Essa realidade é expressiva de um aprofundamento e ampliação das mudanças que orientam os processos de estruturação urbana e da cidade (SPOSITO, 2007), em que no primeiro caso, Vitória da Conquista é produzida na escala regional como um importante entreposto comercial e de serviços que, como exposto no item anterior, constitui-se como um centro regional que abarca mais de noventa municípios não restritos ao seu Território de Identidade, mas também outros municípios dos Estados da Bahia e de Minas Gerais, como analisamos na seção anterior.

Na segunda acepção, essa cidade tem sua estrutura intraurbana alterada, a exemplo, por influência das novas estratégias de localização, do modo como o comércio e serviço se constituem ao redor dos novos eixos, dos novos hábitos de consumo, da atuação do setor imobiliário na valorização de áreas específicas da cidade direcionando sua expansão, assim como observamos no primeiro capítulo sobre a constituição do centro principal e, de novas áreas centrais como será debatido no item seguinte. Pesquisas recentes sobre esse processo em Vitória da Conquista<sup>42</sup> concluem que:

---

<sup>42</sup> ABREU (2011a; 2011b), SILVA (2007), RODRIGUES (2010), NOVAIS (2010);

Nesse sentido, pode-se ressaltar que a cidade possui características que envolvem e reproduzem as relações capitalistas. Assim, os impactos vindos do processo de reestruturação, com o advento dos novos equipamentos comerciais e de serviços que se instalam no interior das cidades médias, mais que impactam toda uma realidade tanto no sentido intra-urbano quanto inter urbano, mudam a própria vida cotidiana. (NOVAIS, 2010, p. 45)

Para Santos, J. (2009), esse contexto resulta do amadurecimento nas relações capitalistas numa fase mais complexa da urbanização que gera novas relações de trabalho e de produção do espaço, influenciando diretamente no modo de vida dos cidadãos. Uma atuação que, de um lado, se realiza em articulação com agentes como o Estado, em suas esferas representativas: municipal, estadual e federal, através de ações políticas as quais acarretam um movimento de reordenamento do território.

Do outro lado, os ditames do capital (industrial, comercial, agrário, imobiliário) que, por seu movimento em busca de novos meios de produção e de realização de mais-valia para garantia do sistema reprodutivo, influem diretamente nas dinâmicas e processos econômicos que alteram a lógica, a forma e a estrutura urbanas. E ainda, que as modificações na mobilidade do trabalho, na relação tempo-espaço e, por conseguinte, na reprodução da vida cotidiana refletem o urbano contemporâneo (SANTOS, J., 2009).

O que pode ser exemplificado com base na estruturação urbana de Vitória da Conquista, em que o interesse envolvido na dinâmica de parcelamento do solo manteve a propriedade da terra em domínio de determinados grupos e ordenou o crescimento da cidade aos interesses destes. Um contínuo processo de expansão de forma dispersa e segregada, evidenciando as diferenças e desigualdades socioeconômicas demarcando, sobremaneira, os espaços-tempos dos ricos e os espaços-tempos dos pobres (FERRAZ, 2001).

Assim, a outra face desse processo de estruturação do urbano revela grandes problemas no acesso a serviços básicos, equipamentos urbanos coletivos, mobilidade, carência em infraestrutura, precarizando o cotidiano cidadão, que é posto em uma situação onde inexitem condições favoráveis de trabalho, de moradia e dos demais elementos da vida.

Vimos, em seção anterior, que no processo de expansão urbana de Vitória da Conquista, as rodovias foram vetores importantes no arranjo espacial, haja vista que esse elemento técnico direcionou a expansão e se configurou, também, como elemento simbólico no que tange às representações do espaço. Contudo, do mesmo modo como a implantação das rodovias pode representar certo grau de crescimento, principalmente,

econômico, pode também promover desqualificação e estigmatização da área em que se insere ao considerarmos as representações do espaço.

Um exemplo é a BR 116 (Mapa 6, página 76), que representava um obstáculo à circulação intraurbana, haja vista, que o tráfego interurbano crescente tornava essa via perigosa e, sobretudo, dispendiosa (tempo e dinheiro) para quem necessitava deslocar-se por ela diariamente. Para quem morava a oeste da BR 116, a acessibilidade ao centro era deficitária, desvalorizando seus terrenos (SANTOS, R., 2013).

Uma intervenção que agrega interesses de muitos agentes, mas é o poder público quem institui, legalmente, o tempo-espaço dos ricos e dos pobres, espacialmente expressa pela BR 116, um muro imaginário separando aqueles com acesso aos bens e serviços, daqueles sujeitos à precariedades e mazelas. Uma rodovia federal, que no perímetro urbano de Vitória de Conquista, é informalmente denominada pela prefeitura municipal de Avenida da Integração, uma contradição se considerarmos a separação social que historicamente foi alimentada com base nesse elemento técnico.

Nos relatos sobre a história de Vitória da Conquista, Tanajura (1992) discorreu sobre o tipo de atividade econômica desenvolvida na área, algumas, vistas de modo pejorativo à sociedade da época (e ainda nos dias atuais):

Com a abertura da Rio - Bahia no ano de 1940, surgiram às margens desta rodovia várias casas noturnas de péssima qualidade para atender ao tráfego constante de paus-de-arara e à população da cidade que se deslocava para o bairro em formação. Formigava ali um submundo de assassinos, prostitutas, gigolôs, homens afeminados, viciados e ladrões, misturados com as famílias que se deslocavam também para as margens da rodovia, onde mantinham pensões ou casas de negócios. O meretrício corria livremente nas espeluncas armadas e nos quartos nauseabundos (TANAJURA, 1992, p. 166).

Uma consequência desses usos foi a desvalorização social do setor oeste da cidade e rejeição por parte dos grupos sociais de médio e alto padrão, dando abertura à ocupação para usos comerciais e, para a população de baixa renda, o uso residencial. As ações do poder público, mediante interesses privados que direcionaram a expansão urbana com base na rodovia dotando com infraestrutura, equipamentos e serviços urbanos, promoveu e formalizou, por meio da legislação municipal, uma segmentação espacial e social aprofundando as desigualdades entre grupos sociais distintos, produzindo o “lado de cá” e o “lado de lá” da BR 116. (SANTOS, R., 2013).

Esse espaço carrega contradições específicas que, historicamente, estiveram presentes na produção do urbano em Vitória da Conquista, mas assim como afirmou

Lefebvre (2000), em cada novo espaço criado, as antigas contradições provenientes do tempo histórico se alteram, ora atenuadas, ora aprofundadas, ora constituem novas contradições. Do mesmo modo, a reprodução das relações sociais de produção segue a mesma dinâmica, ora sendo atenuadas ou criados novas.

O *novo* espaço criado e que é vivido no contexto atual dessa cidade, tendencialmente produzido por uma lógica de homogeneização em que pese a redução das diferenças, contraditoriamente, é produzido acentuando as diferenças. No capitalismo, a diferenciação é um elemento inevitável e necessário, pois, se constitui como condição, meio, e resultado do funcionamento e reprodução capitalista (CORRÊA, 2007).

A diferenciação é uma característica inerente à cidade e tema central na Geografia (CARLOS, 2007; MOREIRA, 2007), contudo, a expressão diferenciação socioespacial imprime uma “qualidade” ao elemento observado, isto é, ao analisar a diferenciação socioespacial articula-se a teoria acerca da diferenciação espacial e a sua realização enquanto produção espacial como prática da sociedade. Um caminho interpretativo sobre a produção social do espaço, tendo como base a contradição entre a produção coletiva e sua apropriação privada (CARLOS, 2007).<sup>43</sup>

Nessa condição, o desenvolvimento histórico da propriedade indica a reprodução do valor de troca permeando às relações sociais, condicionando o uso como possibilidade de apropriação que se realiza como diferença e, desse modo, contemplando a negatividade. A desigualdade torna-se o centro explicativo da diferenciação, pois, o capitalismo, ao operar por comparação, reduz as diferenças aprofundando as desigualdades.

Desse modo, a produção do espaço urbano em Vitória da Conquista indica um processo de diferenciação socioespacial que pode ter culminado em processos mais complexos como segregação socioespacial (SANTOS, V., 1999), (FERRAZ, 2001; 2009), (FERRAZ E ALMEIDA, 2007; 2012), (ALMEIDA, 2005), (SANTOS, R., 2013), e deste, direcionando para fragmentação socioespacial, abordagem que será desenvolvida na última seção desse capítulo.

Esses são alguns fatores que, nesse contexto, levam-nos a enxergar a cidade atual como um campo mais complexificado no seu processo de estruturação, pois,

---

<sup>43</sup> Ver também *Contribuição para o debate sobre processos e formas socioespaciais* (VASCONCELOS, 2013).

simultaneamente, observamos um aumento das lógicas indutoras de desigualdade espacial no mesmo compasso com que se realizam clivagens socioeconômicas no uso de determinadas áreas. Realidade que torna questionável o acesso aos bens e serviços produzidos na cidade, do próprio direito à cidade de modo ampliado, ao submeter o cidadão aos comandos do sistema produtivo em que seu direito só se realiza mediante a troca, isto é, pelo consumo.

### **2.3 Novos espaços, novos lazeres em Vitória da Conquista/BA**

Na perspectiva teórica Lefebvriana da produção do espaço, entendemos que os fenômenos socioespaciais são simultaneamente, produtos e produtores, ou seja, ao passo que resultam de lógicas de produção são também indutores das mesmas. O processo de reestruturação econômica verificado em Vitória da Conquista com maior expressividade no início da década de 1990 pode ser visto como um resultado do desenvolvimento das novas lógicas econômicas assim como indutor das mesmas, operando modificações no plano espacial e no conteúdo social da cidade.

Um processo amplo, com rebatimento nas práticas espaciais as quais são orientadas de acordo às alterações contemporâneas ocorridas na cidade de Vitória da Conquista, sem desconsiderar seu caráter dialético como um processo que reage a outros processos (GOTTDIENER, 2010).

O objetivo em ratificar essas mudanças na forma da cidade pelo processo de reestruturação econômica ocorrido na cidade de Vitória da Conquista se faz necessário para a análise dos processos indutores deste, pois, foram alterações que atingiram também, o uso do tempo de lazer. A partir da década de 1990 e, mais expressivamente, a partir dos anos 2000, verificou-se uma orientação diferente no uso do tempo do lazer e, especialmente, na produção de espaços voltados para esse fim.

Como abordamos no capítulo I, as práticas espaciais do lazer em Vitória da Conquista tinham o centro principal como referência por conter certa primazia na oferta desse elemento. Uma prática que se firmou por ações públicas e privadas respondendo à demanda da elite econômica da época que residia na área central, mas também, por seguir as lógicas de produção que se davam noutras escalas.

Vimos que nos estudos preliminares para a elaboração do primeiro PDU da cidade e sua efetivação em 1976, a demanda por áreas de lazer compareceu de forma tímida, mas o que é pertinente para nossa investigação é a disposição dos objetos voltados ao lazer que primava pela valorização de áreas de interesse imobiliário, visando a expansão urbana e valorização imobiliária.

As atividades praticadas no uso do tempo de lazer eram, mormente, as que se voltavam ao uso das praças no centro, sobretudo, em fins de semana, com mais destaque para a Praça Tancredo Neves; atividades voltadas ao entretenimento mediadas pelo consumo, como cinema, restaurantes, eventos em casas privadas e eventos de ruas. Outra atividade empregada no uso do tempo de lazer, além daquelas direcionadas ao entretenimento, relacionavam-se à questão física, saúde, principalmente, por parte do poder público municipal com a criação de ginásios, campos e quadras poliesportivas, promoção de torneios, profissionais e estudantis etc.<sup>44</sup>.

Com a expansão do tecido urbano, com direcionamento das atividades de serviço, comércio, moradia pelos novos vetores de crescimento da cidade, os espaços destinados ao lazer passaram a ser produzidos e orientados pela mesma lógica, também visando a valorização imobiliária, fato que anunciamos no primeiro capítulo.

Assim, observamos um movimento de desconcentração de espaços voltados à prática lazer, tanto pela iniciativa privada como pelo poder público municipal. Segundo nos informou, em entrevista, o Secretário Municipal de Turismo, Cultura, Esporte e Lazer<sup>45</sup>, as ações públicas visam produzir espaços e/ou atividades a serem desenvolvidas no tempo de lazer no interior dos próprios bairros voltadas ao entretenimento, questões físicas/saúde, geralmente, aos finais de semana.

Também, com a construção e/ou reconstrução de praças no interior dos bairros e proximidades daqueles com grande contingente populacional. Um modo de diminuir o fluxo e a concentração próprios ao centro, sem que haja perda da relação entre centro e os bairros e, também, um modo de minimizar os gastos públicos que seriam investidos no deslocamento dos cidadãos dos bairros de origem até o centro.

---

<sup>44</sup> Fonte: pesquisa de campo 2013/2014 (Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista; entrevistas a agentes bem informados).

<sup>45</sup> VITÓRIA DA CONQUISTA/BA. Secretário Municipal de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer. Entrevista a agentes bem informados. [dez/2013]. Entrevistadora: Rizia Mendes Mares. Vitória da Conquista/BA. Transcrição de áudio. Pesquisa de campo, 2013.

Ações que confirmam o caráter diferencial com que o poder público age, ao delimitar as áreas de aplicação de serviços, diversidade e oferta das atividades, o tratamento distinto a cada grupo social, reforçando a cisão na dimensão espacial, projetos específicos no bairro de moradia, limitação da mobilidade, e na dimensão social, evitamento ao diferente, já que a proposta é trabalhar a homogeneidade social. A nosso ver, uma realidade que confirma e intensifica o processo de fragmentação socioespacial.

No processo de desconcentração é preciso considerar a constituição de novas áreas centrais que abarquem o novo fluxo e direcionamento, seja dos agentes econômicos ou dos consumidores que passarão a acessar tais áreas. Um processo que, em tese, atenua a acessibilidade ao centro principal e aumenta a acessibilidade às novas áreas centrais, sempre em termos relativos.

Já as novas áreas centrais são analisadas como complementariedade ao centro, mas também, como uma relação de concorrência e hierarquia (WHITACKER, 2013a). Áreas como a que se insere a Avenida Olívia Flores, no bairro Candeias e a Avenida Frei Benjamim, no bairro Brasil, por exemplo, vêm sendo produzidas de modo a atrair o fluxo que se direcionava, majoritariamente, ao centro principal, contendo alguns processos e funções que eram realizados apenas no segundo e que nas últimas décadas já são encontradas nas primeiras. Além de, em alguns casos, produzirem objetos específicos ou com caráter de exclusividade, entrando numa relação de relativa hierarquia com o centro principal.

Temos verificado em Vitória da Conquista a formação de novas áreas centrais nas quais são constituídos espaços voltados à prática do lazer que se somam ou atraem outras atividades comerciais e de serviços, reorientando o fluxo populacional ao desempenhar certo grau de atração. Nessas áreas são introduzidos estabelecimentos e equipamentos que promovem essa dinâmica, seja pelos objetos diferenciados que produz, pelo público alvo, pelo poder de consumo estabelecido, conformando também, centralidades lúdicas e simbólicas (WHITACKER, 2013b).

De acordo com Anjos (2014)

É notório que esse processo ultrapassou os limites do Centro Tradicional chegando a bairros distantes. Alguns dos principais motivos dessa expansão são dados ao crescimento do Setor Terciário, que fez com que o Centro Tradicional não suportasse a quantidade de estabelecimentos, dificultando a absorção dos produtos por eles oferecidos. As novas áreas foram formadas para que as novas instalações fossem absorvidas e as antigas expandissem sua marca,

produtos e serviços, já que o número de filiais também aumentou com a expansão do centro (ANJOS, 2014, p. 7).

Tem-se, assim, um processo de desconcentração que se dá por eixos, sendo os mais expressivos as áreas constituídas nos setores leste e oeste da cidade, separação expressa pela já citada BR 116 que, além de um elemento técnico é, também, um marco simbólico de divisão espacial e social em Vitória da Conquista. Ratifica o processo de diferenciação socioespacial que, ao longo do tempo histórico, estruturou sua forma urbana e que, na atualidade, traduz-se em um processo mais profundo de separação espacial e social.

Para o setor oeste, a prática do lazer se dá pelo uso de objetos instalados na Avenida Frei Benjamim que se constituiu como um espaço importante na cidade em um dos bairros mais tradicionais, o bairro Brasil, indicado por cerca de 11%<sup>46</sup> dos inquiridos para a prática do lazer (Figura 3).



Figura 3: Avenida Frei Benjamim, bairro Brasil, Vitória da Conquista/BA. Fonte: Pesquisa de campo, 2013/2014.

O bairro Brasil (Mapa 8, página 98) constitui-se como um subcentro permitindo que haja, relativamente, pouca demanda para o deslocamento a outras áreas

<sup>46</sup> Fonte: pesquisa de campo. Aplicação de enquetes, 2013.

da cidade por conter equipamentos, bens e serviços em seu interior, pois, “o subcentro consiste, portanto, numa réplica em tamanho menor do centro principal, com o qual concorre em parte sem, entretanto, a ele se igualar.” (VILLAÇA, 2001, p. 293). Como pode ser identificado na fala de nosso entrevistado morador do bairro:

É bom, porque aqui é perto de tudo, tem uma farmácia ali perto, tem um mercado, ótica, posto de saúde também é perto, hospital também não é muito longe, então eu acho bom. (PERFIL, 1.1)<sup>47</sup>

O subcentro insere-se na análise das formas espaciais como um resultado dos processos de concentração/desconcentração e centralização/descentralização expressando estruturas urbanas monocêntricas ou policêntricas (WHITACKER; SOUZA, 2014) admitindo distintas conformações como em áreas centrais. De modo que o subcentro é, assim, entendido enquanto conformação de áreas centrais, na medida em que o centro passa a não comportar a condição de única área em que se desenvolvem atividades de comércio e serviços, estando o primeiro ligado à expansão do segundo (SPOSITO, 1991).

Alguns elementos podem indicar distinções entre subcentro e outras áreas de concentração de atividades econômicas entendidas como centrais. Whitacker (2013b) aponta indicadores da origem do subcentro como a própria expansão territorial urbana, certo padrão de mobilidade e acessibilidade, processos de segregação e segmentação entre os espaços de moradia, os mesmos elementos que denotariam o surgimento de novas áreas centrais.

O bairro Brasil enquadra-se nessa definição, constituído a partir do centro, reúne grande parte dos serviços e do contingente populacional que, a partir da década de 1960, tornou-se um vetor de crescimento e expansão urbana muito influenciada pela abertura da BR 116, da Avenida Brumado e acesso com a BA 262. Elementos que direcionaram a expansão do tecido urbano de Vitória da Conquista, considerando sempre que os mesmos não têm, em si, poder de promover o crescimento de uma cidade, antes, de condicionar o padrão espacial de crescimento (VILLAÇA, 2001).

A Avenida Frei Benjamim, no bairro Brasil, apresenta um perfil mais popular no uso dos espaços e atividades voltadas ao lazer, predominantemente, da esfera privada e de diversão noturna. É uma área que tem infraestrutura regular nas avenidas principais como a citada Frei Benjamim, possui cobertura do transporte público coletivo com

---

<sup>47</sup> TAHIS (Nome fictício) Perfil 1.1. Entrevista aos sujeitos sociais. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014. Vide síntese das características no quadro 2, página 30.

acesso aos principais pontos da cidade. Sobre essa avenida, o supracitado secretário municipal de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer faz uma análise comparativa com outras áreas como “polos diferentes de desenvolvimento”<sup>48</sup> ao abordar suas funções enquanto áreas de lazer, direcionadas a atividades que envolvem o entretenimento, pontuando que:

A Frei Benjamim é outra cidade comercial e que as pessoas que convivem no bairro Brasil, Patagônia, Ibirapuera necessariamente não precisam vir pra Olívia Flores. Então, são polos diferentes de desenvolvimento que a cidade circula também. Tem gente daqui que vai frequentar restaurantes e pizzarias do lado de lá e vice-versa, então isso faz parte do turismo interno. (VITÓRIA DA CONQUISTA/BA. Secretário Municipal de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer.)<sup>49</sup>

No segundo semestre do ano de 2014, intervenções urbanísticas foram realizadas no bairro para reorientação do trânsito e implantação de ciclovias nas principais avenidas, dado ao grande fluxo circundante de pedestres, veículos automotivos, ciclistas, objetivando organizar o tráfego. Uma das ações empreendidas foi a implantação de sistemas binários, em que algumas ruas e avenidas, como a Av. Brumado, passaram a operar em sentido único e, de ciclovias e ciclofaixas que ao, todo, somam 25 quilômetros em toda a cidade, haja vista, ser um corredor de acesso aos bairros populares da cidade onde residem a classe trabalhadora.

Essas mudanças causaram alteração na rotina dos que circulam pela área e movimento contrário à sua implantação. No primeiro caso, a implantação do sistema binário não foi acompanhada de uma correta sinalização, o que ocasionou diversos acidentes e infrações às leis de trânsito, algo que está sendo corrigido gradativamente.

No segundo caso e que mais chamou nossa atenção, foram as várias manifestações contrárias à implantação das ciclovias pelos empresários e comerciantes locais. Viram-se “desamparados” por quem sempre lhe assegurou privilegiadas condições. Essas manifestações (Figuras 4 e 5) foram acompanhadas pela mídia local e *sites* de notícias da cidade os quais registraram todas as ações desses empresários e discorreram sobre o fato.

Em entrevistas a *blogs* da cidade, uma comissão informou que apresentaria ao poder público municipal, alternativas para as ações realizadas, sobretudo, na Avenida

---

<sup>48</sup> Compreende-se que houve equívoco do entrevistado no uso deste conceito geográfico.

<sup>49</sup> VITÓRIA DA CONQUISTA/BA. Secretário Municipal de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer. Entrevista a agentes bem informados. [dez/2013]. Entrevistadora: Rizia Mendes Mares. Vitória da Conquista/BA. Transcrição de áudio. Pesquisa de campo, 2013.

Brumado, para as partes entrarem em “consenso”. Entre as sugestões apresentadas por essa comissão, estariam a relocação da ciclofaixa para outra avenida e a criação de mais uma faixa para veículos o que, segundo essa comissão, daria maior fluidez ao trânsito e segurança aos ciclistas. Alegam ter havido queda nas vendas e aumento no número de profissionais demitidos e, segundo um dos empresários:

Empresas constituídas há décadas na av. Brumado estão com os dias contados. Mas o maior problema é a falta de sensibilidade do Secretário de Mobilidade Urbana, o qual tive o desprazer de conhecer. Pessoa arrogante, despreparado, insensível, se acha o mestre em Trânsito e **não admite mudanças. Ou seja, o que está feito ninguém mexe**, devido a um capricho pessoal dele. Ora estamos falando de administração! **Interesse coletivo de uma sociedade, e não de ideias insanas e pirracentas de um ser só.** (grifo nosso).<sup>50</sup>

Suas palavras contraditórias referindo-se ao representante do poder público municipal como intransigente por não aceitar as mudanças de interesse privado, em não atender ao “coletivo”, reflete a própria condição desse grupo de poder que não aceita contrariedades em seus objetivos privados de acumulação de capital.



Figura 4: Manifestação dos comerciantes da Avenida Brumado contra a implantação das ciclofaixas. Vitória da Conquista/BA, 2014. Fonte: Blog da Resenha Geral.

<sup>50</sup> André Pales, empresário, referindo-se ao Secretário Municipal de Mobilidade Urbana, Luis Alberto Sellmann. Fonte: Blog da Resenha Geral, 2014.



Figura 5: Manifestação dos comerciantes da Avenida Brumado contra a implantação de ciclo faixas. Vitória da Conquista/BA, 2014.  
Fonte: Blog do Rodrigo Ferraz.

Nesse sentido, concordamos com Amorim (2014), ao tratar da relação entre o setor imobiliário e políticas públicas na produção do espaço urbano, que nos serve de exemplo ao referirmo-nos à elite local de Vitória da Conquista que, atua em várias vertentes do capital (imobiliário, fundiários, comercial etc.):

A presença das elites locais na definição das políticas urbanas e, principalmente, na estruturação das cidades e na acumulação urbana, possui centralidade na compreensão da urbanização brasileira, sobretudo naquelas cidades cujos “localismos” são reforçados pela “personificação” da cidade como objeto de enriquecimento patrimonial pelos interesses constituídos nos circuitos da acumulação urbana. Essas heranças continuam a definir o tipo de cidade e urbanismo produzidos, ensejando a produção do espaço segundo os interesses historicamente construídos, num arranjo de forças locais, e também extralocais, que imprimiu as características fundamentais à estrutura urbana e ao modus operandi do chamado mercado imobiliário local. (AMORIM, 2014, p.2).

Trata-se da disputa pela dominação na produção espaço dialeticamente relacionado com sua apropriação, pois, o Estado ao agir constrói uma imagem de ser o poder capaz de reduzir as contradições, mesmo que isso não ultrapasse o plano das aparências, por ser essa contradição um produto da sociedade constituída sob o capitalismo e do espaço por ela produzido (SOBARZO, 2004).

Um fato que demonstra os conflitos de interesse e contradições na produção do espaço urbano, pois, ao analisar esse processo com base nas práticas espaciais, o espaço

não é somente a projeção das relações sociais (LEFEBVRE, 2000), mas, onde as suas estratégias (de produção, dominação, apropriação) entram em confronto (LEFEBVRE, 2008a).

O processo de desconcentração ocorreu, também, por eixos para o setor leste da cidade em direção aos bairros Recreio e Candeias (Mapa 8, página 98), os quais foram incorporados no PDU/1976 como áreas de intenção imobiliária para valorização do solo urbano. Para essa área, já havia se direcionado grupos de maior poder aquisitivo visando à moradia, deixando de residir no centro principal.

Nessa área, localiza-se a Avenida Olívia Fores, apontada por cerca de 17%<sup>51</sup> dos inquiridos como sendo um espaço onde realizam suas práticas de lazer. A Avenida Olívia Flores está localizada no bairro mais valorizado da cidade, o bairro Candeias, que passa por intenso processo de verticalização, recebendo investimento público e privado em dotação de infraestrutura, localização de prédios de serviços públicos, universidades, faculdades, demais instituições de ensino públicas e privadas, e onde está sendo construído o segundo *shopping center*<sup>52</sup> (Figuras 6 e 7)



Figura 6: Vista do bairro Candeias com a Avenida Olívia Flores ao fundo. Vitória da Conquista/BA. Fonte: Jornal A Tarde.

<sup>51</sup> Fonte: pesquisa de campo (Aplicação de enquetes), 2013, Vitória da Conquista/BA.

<sup>52</sup> Boulevard Shopping Vitória da Conquista. Disponível em <<http://www.boulevardconquista.com.br/shopping.php>>.



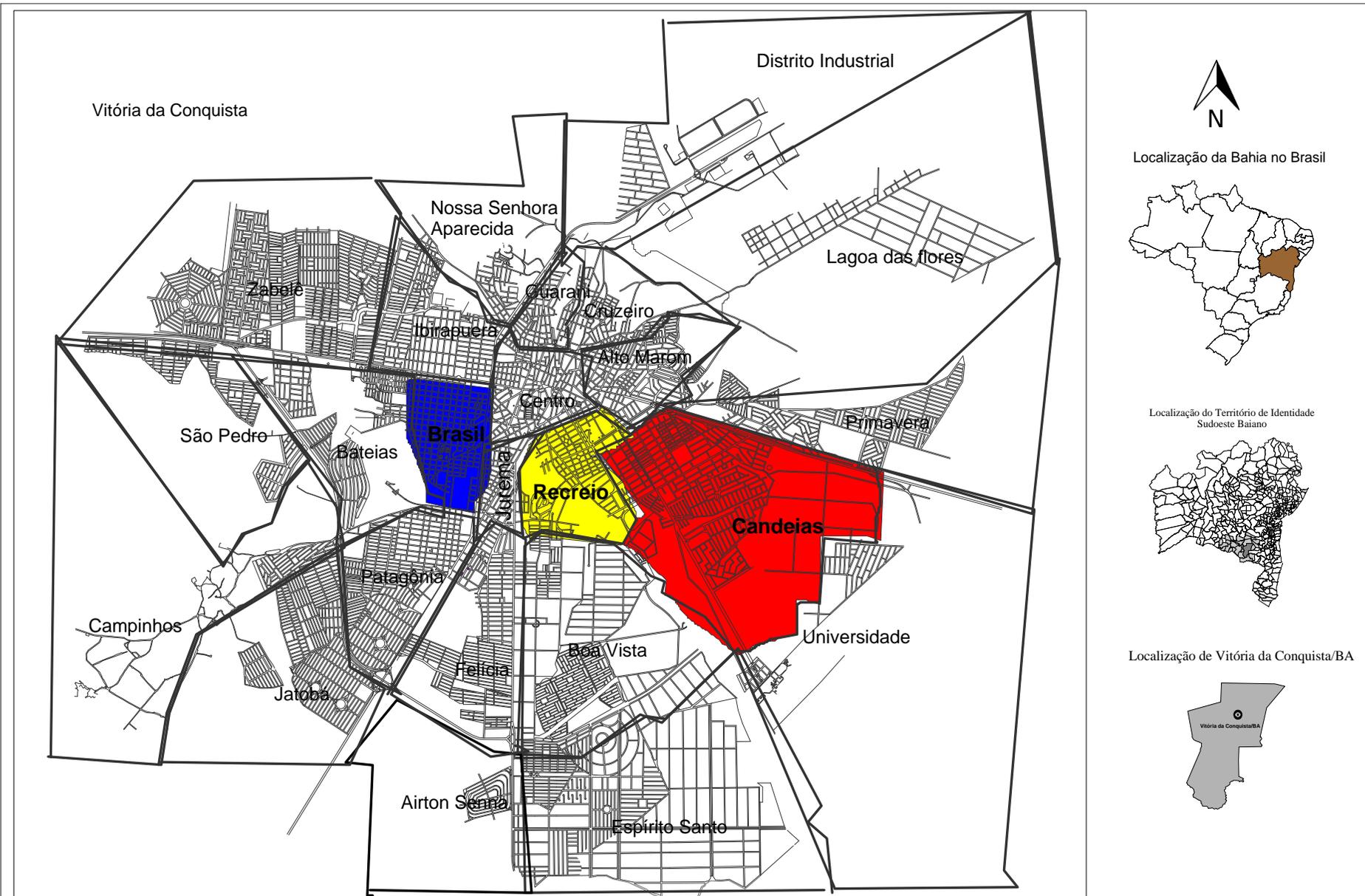
Figura 7: Avenida Olívia Flores, bairro Candeias, Vitória da Conquista/BA. Fonte: pesquisa de campo, 2014.

A implantação do segundo *shopping center*, conforme anunciam em seu *site* de apresentação, é uma iniciativa de empresários da região, os quais escolheram um dos principais vetores de crescimento da atualidade. Apresenta-o como sendo um marco para a construção de um bairro planejado, o qual, além desse empreendimento, contará com segmento residencial, empresarial e hoteleiro compondo, um complexo *mixed use*. Informam ainda que, junto ao complexo será implantado um parque público e uma nova avenida perimetral.

O projeto de bairro planejado, além de conter a Avenida Olívia Flores com boa infraestrutura, coberta por muitos itinerários do transporte público coletivo, hipermercados, liga-se aos principais serviços públicos e instituições de ensino superior<sup>53</sup>. Esse último, além do fato de contribuir para desenvolvimento educacional, cultural, constitui-se, também, como elemento que se soma ao contexto econômico e político ativo na produção espaço urbano. Isto é, a implantação de universidades na realidade de Vitória da Conquista dinamiza sua estrutura educacional, econômica, morfológica e ainda, sua representação em termos hierárquicos na escala da rede urbana (HENRIQUE, 2014).

---

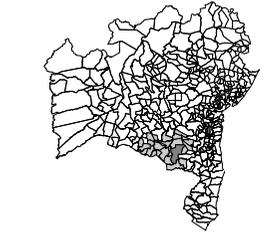
<sup>53</sup> UFBA – Universidade Federal da Bahia; UESB – Universidade Estadual da Bahia; FAINOR - Faculdade Independente do Nordeste; FTC – Faculdade de Tecnologia e Ciências; Coelba; Fórum Eleitoral e Judicial; Justiça do Trabalho e Justiça Federal.



Localização da Bahia no Brasil



Localização do Território de Identidade Sudoeste Baiano



Localização de Vitória da Conquista/BA



Legenda

- Bairro Brasil
- Bairro Recreio
- Bairro Candeias



0 1000 2000 m

Elaboração:  
Rizia Mendes Mares  
Fonte:  
Trabalho de campo, 2013.  
Base Cartográfica  
Malha municipal, 2011



Mapa 8: Localização dos bairros: Brasil, Candeias e Recreio, Vitória da Conquista/BA.

São recursos investidos no projeto de bairro voltado aos interesses de um público de alto padrão, que passa por constantes obras de infraestrutura, é mais equipada que áreas mais tradicionais da cidade, as quais apresentam insuficiência em equipamentos e serviços básicos para seus moradores. As mesmas que, em tese, são prioridades para atuação do poder público municipal, entretanto, ficam à margem deste, pois, o interesse é tão logo favorecer à reprodução do capital e, fazendo-o expressa rebatimentos distintos na valorização do solo, bem como, (re)distribuição do fluxo da população, de mercadorias, empresas para bairros melhor servidos, objetivando maior investimento e lucratividade.

As duas Avenidas citadas, Olívia Flores e Frei Benjamim, representam a separação leste/oeste respectivamente, tendo como marco divisor a BR 116. Essa separação é um produto histórico da atuação conjunta entre o mercado e o poder público, ancorada nas representações sociais e reforçada na produção contemporânea de espaços (novos) de diversão. Nos dias atuais, essa caracterização e especialização se consolidaram, diversificou-se e ampliou-se, integrando os itinerários dos consumidores que praticam tais atividades. Na visão do poder público, as principais atividades de lazer nessas áreas estão ligadas ao consumo alimentício, posição reiterada pelos entrevistados a pontuarem que:

E não tem outra opção, eu não vejo outra opção! Você sai para comer, é para comer ou para beber! Você não tem outra opção, até mesmo porque a cidade não te oferece isso. (PERFIL 4.1<sup>54</sup>)

A gente vai no bairro Brasil, no Recreio, onde tem restaurantes, não é? Tem o Candeias, que tem restaurantes também, bom para ir, vai no bairro Brasil também tem pizzaria que a gente gosta, tem churrascaria que a gente gosta. O meio de lazer que a gente tem aqui é isso, sair para comer. Os restaurantes, pizzarias, são o que a gente tem. Churrascaria. O lazer fica restrito à comida. (PERFIL 5.1<sup>55</sup>)

O Secretário Municipal de Turismo, Cultura, Esporte e Lazer, Vitória da Conquista referenda a fala dos cidadãos quando afirma que Vitória da Conquista tornou-se um “parque gastronômico”, com cozinhas de várias nacionalidades,

---

<sup>54</sup> LAÍZA (nome fictício). Mulher; 35 anos solteira; ensino médio completo; secretária; moradora de área periférica; renda entre 2-3 salários mínimos; não possui meios próprios de locomoção. Entrevista aos sujeitos sociais. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014.

<sup>55</sup> EUNICE (nome fictício). Mulher; 50 anos; viúva; ensino médio completo; dona de casa; renda entre 3-6 salários mínimos; possui meios próprios de locomoção. Entrevista aos sujeitos sociais. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014.

resguardando também a culinária regional (baiana, mineira), como que uma “capital reduzida” por ser “muito bem dotada dessa infraestrutura”<sup>56</sup>.

Enfatizando a questão de que a abertura de um novo estabelecimento comercial não influi, necessariamente, no público consumidor do outro, mesmo que seja do mesmo ramo de negócios, pois “tem lugar e público para todos”. E que, apesar de haver uma predominância desses serviços na Avenida Olívia Flores e adjacências, não se restringe a esta. Afirma ainda, que é preciso repensar a produção desses espaços de lazer que também se mostra como um desafio para o poder público.

Em outras palavras, o lazer incorporado como elemento de troca à sociedade de consumo, num espaço também transformado em mercadoria, torna ainda mais complexo e conflituoso a sua apropriação para a prática do lazer, sobretudo, quando se incorporam outros elementos que se somam às distinções criadas para seccionar o uso desse espaço e determinar os modos de sociabilidade.

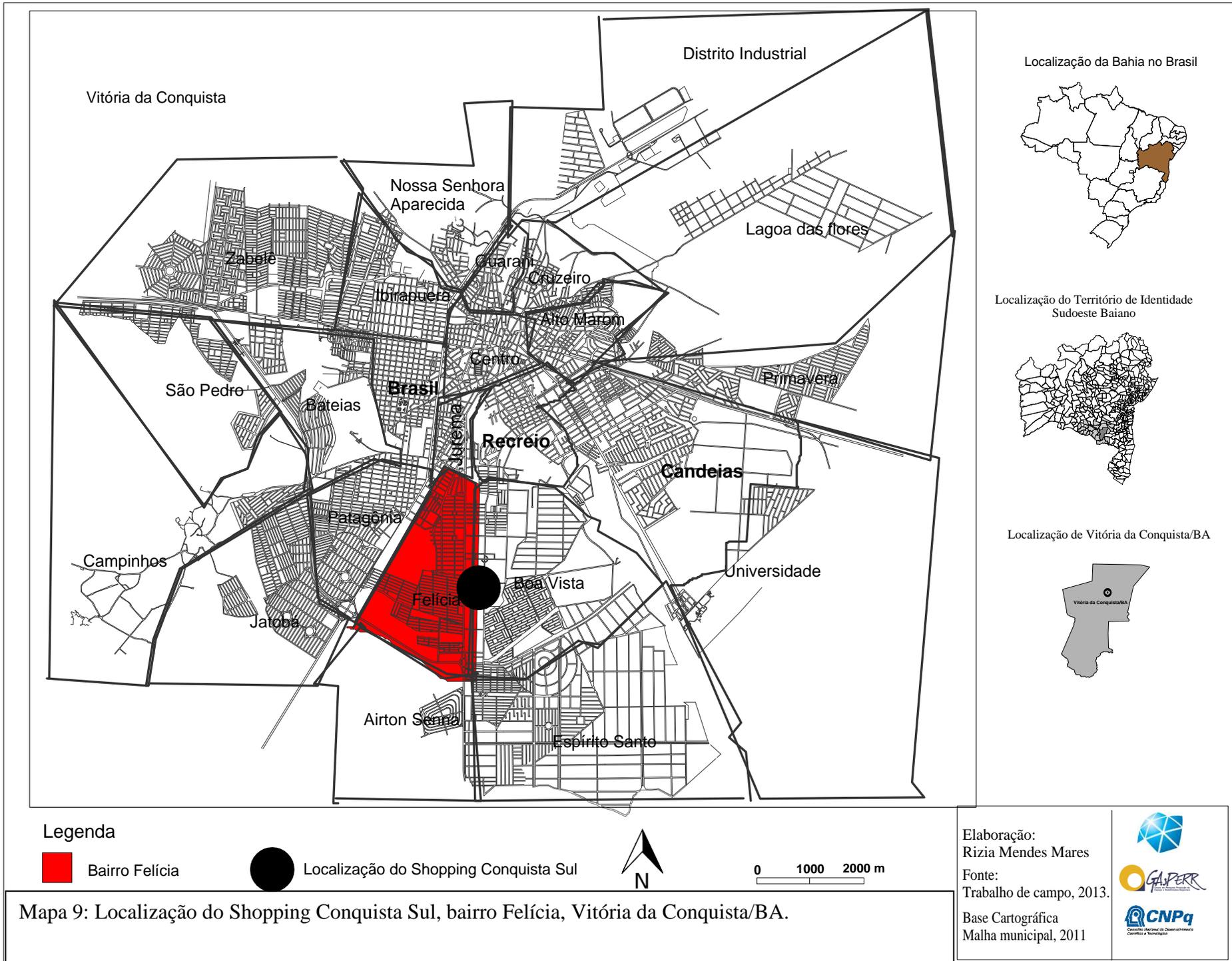
Com essas alterações na lógica de produção dos espaços de lazer em Vitória da Conquista e aprofundamento das novas formas de consumo, percebe-se uma diminuição no uso de espaços em que o lazer não se submeteu, completamente, ao valor de troca. É para onde se direcionam os cidadãos que não estão inseridos no circuito principal do consumo capitalista, ou seja, para esses é destinada a cidade aberta, pública. Em contrapartida, como o consumo do espaço se diferencia entre os grupos sociais, o uso de espaços fechados e concebidos como espaço de lazer se destaca em um momento em que as cidades vêm “praticando o *shopping*”. Isso foi evidenciando por nossos inquiridos ao responderem sobre qual era o lazer em Vitória da Conquista, onde mais de 70% das respostas<sup>57</sup> indicaram o *shopping center*.

O Shopping Conquista Sul, localizado ao sul (Mapa 9) de Vitória da Conquista, foi inaugurado em 2006 e, desde então, vem fortalecendo o papel da cidade na rede urbana e promovendo alterações em sua forma espacial. Sua construção vincula-se, também, ao processo de desconcentração de atividades a partir do centro principal, como estamos discutindo, intensificando a valorização da área em que se insere, a qual vem se constituindo como um eixo comercial e de serviços.

---

<sup>56</sup> VITÓRIA DA CONQUISTA/BA. Secretário Municipal de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer. Entrevista a agentes bem informados. [dez/2013]. Entrevistadora: Rizia Mendes Mares. Vitória da Conquista/BA. Transcrição de áudio. Pesquisa de campo, 2013.

<sup>57</sup> Pesquisa de campo. Aplicação de enquetes, 2013.



O *shopping center* localiza-se no bairro Felícia, o qual se tornou um importante elemento no processo de expansão e valorização do solo urbano, recebendo dotação de infraestrutura, serviços, meios de transporte, pois, estão sendo construídos condomínios fechados, grandes conjuntos habitacionais, hipermercados, hotéis e, ainda, encontra-se relativamente próximo do terminal rodoviário e do aeroporto<sup>58</sup>.

De fato, a abertura desse empreendimento e sua conformação como área de oferta de mercadorias e serviços, assim como oferta do lazer, estenderam a cidade para fora dela (SPOSITO, 2007b), promovendo uma redefinição de sua estrutura interna e das relações mantidas entre outras cidades que foram diversificadas e ampliadas. Na medida em que esse centro de consumo foi implantado passou a atrair pessoas de outras cidades, assim como demonstrado no exemplo de nosso entrevistado.

Talvez não tenha, mas, olhando por outro lado, Planalto mesmo, as meninas saem de Planalto para passear em Conquista. Talvez não tenha para a gente que está...não valoriza realmente a cidade, não é? Mas, o pessoal de fora realmente vem, vem no natal de Conquista, no *shopping*, que esse *shopping* é falado! Lá só se fala nesse *shopping*. Eu falei, oh gente! Vocês vão toda semana? Toda semana. Eu falei: meu Deus! Vocês gastam, viu! Porque eles se deslocam, porque lá eles pagam van, entendeu? Lá de Planalto, eles fretam van e vem aquele grupo, toda semana. Aí vem para comprar, vem para um cinema, fica ali tal e tal, é toda semana. Já tem a van certinha dos jovens, principalmente. O lazer deles é virem para cá, já tem o transporte certinho, aí você pensa na parte financeira, porque tem que pagar uma van, porque o custo é alto e ainda o que gastar, como é que vai?(PERFIL 3.2<sup>59</sup>)

O poder de atração desse empreendimento é interna e externamente à cidade, assim como destacado no depoimento sobre a posição de Vitória da Conquista na escala regional, o que é bastante expressivo. A prevalência do uso de espaços como o *shopping center*, ou ainda, dos espaços privados nas Avenidas Frei Benjamim e Olívia Flores, como pontuamos linhas atrás, expõe a condição de subordinação da cidade ao valor de troca posto que os espaços para a prática do lazer, do encontro, da sociabilidade estão majoritariamente circunscritos aos espaços privados, normatizados, controlados como

---

<sup>58</sup> Entretanto, haverá uma mudança na localização do aeroporto que está sendo construído num povoado localizado a 7 km da cidade, conforme anunciou a prefeitura. Disponível em: <http://www.pmvc.ba.gov.br/v2/noticias/comecam-as-obras-do-novo-aeroporto-de-vitoria-da-conq/> > último acesso em junho/2014.

<sup>59</sup> VALÉRIA (nome fictício). Mulher; 38 anos; casada; ensino superior completo; professora da educação básica; moradora de área pericentral; renda entre 3-6 salários mínimos; não possui meios próprios de deslocamento. Entrevista aos sujeitos sociais. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014.

novo signo de consumo, *status*. Ou seja, há uma oferta, predominantemente, privada, em que o acesso ao lazer passa pelo consumo do e no espaço.

Trata-se da emergência de espaços de uso coletivo em que o caráter público não se realiza, reverberando em questões como a relação público-privado e da sociabilidade segmentada. Uma separação espacial e evitamento social que expressam distanciamento entre os cidadãos, assim como, uma profunda desigualdade no que tange ao acesso a equipamentos, bens e serviços urbanos, uma vida cotidiana constituída como “lugar social de uma exploração refinada e de uma passividade cuidadosamente controlada” (LEFEBVRE, 2008a).

As três áreas assinaladas são as mais expressivas quando nos referimos ao processo de descentralização que ocorre em Vitória da Conquista, pois, foram os locais de direcionamento de grande parte das atividades que saíram do centro principal para as novas áreas centrais. Segundo Anjos (2014) um dos fatores que motivaram tal deslocamento é o alto índice de consumidores residente em áreas que passam por especulação como favoráveis ao crescimento e implementação de mercado. Para essa autora, ocorre um processo de “capilaridade”, sobretudo do setor terciário, pois, há tanto uma demanda por serviços como a formação de mercado consumidor.

Ancorando-nos em levantamentos estatísticos de Anjos (2014) sobre a atuação do terciário e a forte influência desse setor na vida econômica da cidade e região, confirma a consolidação das novas áreas centrais constituídas no processo de descentralização. Esta autora, ao realizar um levantamento junto a Câmara de Dirigentes Lojistas de Vitória da Conquista – CDL verificou que cerca de 1.700 estabelecimentos empresariais se instalaram no Bairro Brasil e adjacências, sobretudo, na Avenida Frei Benjamim; no bairro Candeias, cerca de 570 estabelecimentos empresariais foram instalados, considerando a presença de universidades, faculdades e outras instituições de ensino.

Ainda, da área de formação mais recente em que se localiza o Shopping Conquista Sul, esse empreendimento conta com 190 lojas entre âncoras e franquias, sendo que estas últimas aumentaram quantitativamente desde a instalação do *shopping center* em 2006. As novas franquias que se instalaram na cidade buscaram espaço de atuação no Shopping Conquista Sul, prioritariamente. Também, nesse mesmo espaço se encontram a maioria das filiais que têm a matriz ou âncora no centro principal, seguido pelo bairro Brasil e depois pelo bairro Candeias (ANJOS, 2014).

A expansão urbana dá-se assim, tanto como extensão das atividades do centro principal, como também por novos investimentos (capitais) que chegaram recentemente, como no caso do *shopping center*. Segundo Santos, J. (2008), os *shopping centers* tornaram-se ícones idiossincráticos de uma sociedade em que o consumo é basilar. Emergindo como novos espaços de lazer, é concebido como o ápice de sua realização, produz uma imagem padronizada de sociedade, a sociedade urbana ideal, transformando o sujeito em mero consumidor.

Por outro lado, espaços como as praças e as demais áreas públicas perdem certa atração por conta das precariedades em que se encontram e pela presença dos novos espaços voltados ao lazer. O lazer dos cidadãos, especialmente, a população pobre com maior carência em termos de mobilidade e acessibilidade, é limitado, ou mesmo nulo, pois, não o encontra de modo satisfatório no próprio bairro e nem têm condições para fazê-lo noutros espaços.

Posto que o itinerário que os serve para o ambiente de trabalho não é o mesmo que os permite acesso ao lazer, tornando evidente a restrição da sua mobilidade e uma acessibilidade dirigida, assim como afirmou Vicente (2011). Foi o que apreendemos em pesquisa de campo quando inquiridos<sup>60</sup>, moradores dos bairros Campinhos, a sudoeste e, do Distrito Industrial e Lagoa das Flores, ao norte da cidade, expuseram a carência de espaços de lazer em seu local de moradia e o não uso frequente do centro e novas áreas centrais em que essa prática é incentivada.

No primeiro caso, por não haver uma ação eficaz do poder público em dotar essas áreas de equipamentos para essa finalidade e, no segundo caso, além da ineficácia na oferta de transporte público para essas áreas, há a insuficiência de renda que não lhes permitem investir em práticas de lazer que se realizem nas novas áreas centrais. Justificam não haver horários de ônibus compatíveis com suas necessidades, especialmente à noite e fins de semana e que os valores cobrados no deslocamento por outros meios (táxi) são onerosos para a renda familiar. Assim, isolam-se nos bairros, frequentando o centro principal, mormente, em épocas festivas como as festas tradicionais realizadas nos meses de junho e dezembro.

Compreendemos, assim, que a prática do lazer mais frequente num dado espaço pode ser resultado de determinações de ordem econômica, social, política, cultural e advém, também, da percepção construída sobre tal espaço, refletindo no modo

---

<sup>60</sup> Pesquisa de campo: informação obtida na aplicação de enquetes na área central (Inquirido do Distrito Industrial) e no bairro Brasil (inquirido dos Campinhos), 2013.

como de fato se pratica o lazer, o que inclui a questão das representações construídas. À medida que a cidade vai sendo produzida para uma parcela minoritária da população, resta aos grupos sociais de menor poder aquisitivo encontrar outros modos de uso para que a realização da vida aconteça.

A análise desses elementos nos aproxima da compreensão de como se articulam o centro e novas áreas centrais, da relação entre a formação de processos de diferenciação socioespacial aos processos de dispersão que, para Whitacker (2013b), expressam uma especialização comercial e de serviços. Assim, não se deve abrir mão de uma análise que considere as alterações ocorridas em cada tempo histórico para se compreender a prática social no presente, do que já foi uma evidência ou dos parâmetros norteadores do que se apresenta no horizonte como mudança e/ou permanências.

Sobretudo, quando tais alterações são indicativas não apenas de novas formas urbanas, mas também, quando denotam modificações na própria estrutura social, no modo como as relações sociais se desenrolam no cotidiano cidadão marcado por rupturas e cisões, apontamentos que serão enfrentados na próxima seção.

#### **2.4 Sociabilidade segmentada: a prática do lazer em Vitória da Conquista/BA**

O processo de formação de novas áreas centrais e uso destas como espaços para a prática do lazer observado até o momento, expressa uma clara mudança na forma urbana como produto e meio de realização para o mesmo processo. Contudo, o que esse movimento tem provocado nos modos de sociabilidade? Houve mudança no conteúdo das práticas espaciais tradicionais? Houve permanências destas frente aos novos habitats de consumo? Quais as demandas por espaço e/ou atividades para o uso do tempo de lazer apresentadas pelos cidadãos? São questionamentos pertinentes que permeiam nossa investigação.

Necessário se faz resgatar alguns apontamentos abordados até aqui objetivando orientar a linha de compreensão. Ao longo do segundo capítulo, tratamos de como as mudanças ocorridas na cidade de Vitória da Conquista no processo de reestruturação vêm se intensificando desde a década de 1990, expresso numa expansão territorial e de especialização comercial e de serviços. Com isso, conformam-se novas formas

espaciais, destacando-se a dimensão funcional e socioeconômica e são elementos que elucidam a formação de novas áreas centrais e como esses processos tornam ainda mais complexa a cidade por indicar mudanças em sua estrutura (WHITACKER, 2013b).

A formação das novas áreas centrais impactou de modo expressivo no cotidiano citadino, haja vista o movimento demasiado que se deu em direção aos novos espaços, seja para produção, distribuição ou consumo. Um processo que a cada dia se fortalece e se amplifica dada a necessidade do próprio capital, através do incremento de empreendimentos somados a projetos já existentes na cidade de igual ou maior envergadura, reforçando ou retroalimentando o processo de desconcentração em que a questão do lazer figura, mesmo que de modo acessório.

A exemplo, os já citados Parque Logístico do Sudoeste, a construção do novo aeroporto e do segundo *shopping center* o Boulevard Shopping Vitória da Conquista. Com exceção do último empreendimento citado, o Shopping Boulevard, os demais projetos têm, dentre outros fatores um ponto comum: a localização. Estão inseridos nas proximidades da BR 116, um importante elemento técnico que, além de ter influenciado a estruturação espacial dessa cidade, está sendo reutilizado como elemento integrante do processo de reestruturação.

A cidade de Vitória da Conquista está numa posição geográfica estratégica se pensarmos o eixo norte-sul do país, constituindo-se como uma área de entroncamento importante, sobretudo, para as relações econômicas e comerciais. Esses projetos citados além dos objetivos claros de obtenção de lucros da iniciativa privada realizam um processo de “mão-dupla”, pois, ao passo que reforçam e ampliam a centralidade urbana e regional da cidade, valem-se da mesma “qualidade” para concretização de seus objetivos de lucratividade.

Por essa nova lógica de produção do espaço, cria-se um mercado consumidor para os novos produtos do capital, sobretudo, imobiliário. A cidade vai sendo (re)construída e novos espaços surgem em descontinuidade tensionando as áreas constituídas em tempos pretéritos. Nessa ótica, os espaços destinados à prática do lazer seguem a mesma orientação e, na medida em que é idealizado como novo signo do consumo na cidade contemporânea, influi diretamente na reprodução espacial.

Nesse sentido, Carlos (2001a) pontua que:

A criação de espaços turísticos e de lazer a partir de novas estratégias interfere na produção de novas centralidades, no sentido em que produzem polos de atração que redimensionam o fluxo das pessoas

num espaço mais amplo. O fato de que o espaço se transforma em mercadoria produz uma mobilização frenética desencadeada pelos promotores imobiliários e pode levar à deterioração ou mesmo destruição de antigos lugares em função da realização de interesses imediatos, em nome de um presente programado e lucrativo, que traz, como consequência, a destruição de áreas imensas que passam a fazer parte do fluxo de realização do valor de troca. (CARLOS, 2001a, p. 67).

Um exemplo destacado na seção anterior foi a implantação do Shopping Conquista Sul em 2006. De fato, a abertura desse empreendimento e sua conformação como área de oferta de mercadorias e serviços, sobretudo, do lazer, e símbolo de distinção social, estenderam a cidade para fora dela (SPOSITO, 2007b) promovendo uma redefinição de sua estrutura interna e das relações mantidas entre outras cidades que foram diversificadas e ampliadas. Na medida em que esse centro de consumo foi implantado passou a atrair pessoas de outras cidades e a atrair o fluxo intraurbano.

Ao passo que as possibilidades de reprodução capitalista se estendem por todo o espaço citadino, criam-se políticas que fomentam suas condições de crescimento. As ações empreendidas na cidade devem, então, cumprir uma função econômica e, por isso, gerar lucro atraindo o capital para seu interior. Uma ação concretizada, por exemplo, na atuação do Estado, na figura do poder público local, quando promove eventos projetando a obtenção de recursos que serão introduzidos, sobretudo na economia; quando da implantação de equipamento urbanos, infraestrutura e leis de uso e ordenamento do solo urbano que determinam não só o uso, mas quem o como o farão.

Ainda, de agentes como promotores imobiliários, empresários e elite local em que, amparados pelas facilidades e anuência do poder público realizam ações que alteram substancialmente a dinâmica e estrutura da cidade, seja na conformação de pequenos eixos de especialização, ou na implantação de grandes empreendimentos como condomínios e loteamentos fechados e *shopping centers*.

A cidade afirma-se como mercadoria e passa a ser apropriada através da repartição promovida pelo mercado imobiliário, como realização da acumulação capitalista, produzida como um bem externo ao citadino. Essa forma de produção causa-lhe um estranhamento, pois, não se relaciona com a cidade na totalidade, sua interação é definida pelas leis do mercado conduzindo a uma nova urbanidade. Carlos (2013b) analisa os conteúdos dessa nova urbanidade, tendo como foco o direito à cidade e destaca alguns elementos:

a) como produto da crítica radical ao planejamento e a produção de um conhecimento sobre a cidade que supere a redução da problemática urbana àquela da gestão do espaço da cidade com o objetivo de restituir a coerência do processo de crescimento (apoiado no saber técnico que instrumentaliza o planejamento estratégico realizado sob a batuta do Estado, justificando sua política); b) como movimento da práxis, na medida em que o cotidiano os homens os relacionam com um conjunto de objetos que, cada vez mais, regem as suas relações e são convertidos em elementos distinguidores na construção da sociabilidade ou de sua negação, na medida em que as relações com os objetos substitui cada vez mais as relações diretas entre as pessoas produzindo um mundo do espetáculo permanente, da celebração do objeto. Aqui o homem está envolto num ambiente saturado de objetos que acaba provocando a inércia e a sua subjugação - ocultação do sujeito posto que o triunfo do objeto faz desaparecer. Isto é, na resplandecência do objeto, o homem torna-se ausente e aí o objeto aparece como sujeito. (CARLOS, 2013b, não paginado).

Um contexto que ganha dimensões alargadas no seio da sociedade de consumo, pois, é produzida segundo normatizações que fomentam a satisfação individual cindindo a relação entre os cidadãos no plano da sociabilidade. Essas ações ganham concretude quando a forma urbana já é produzida como uma barreira, em que a interação em sociedade tende a acontecer em espaços produzidos no âmbito privado.

Por outro lado, como uma condição para a realização da interação entre diferentes sujeitos, têm-se os espaços públicos. Contudo, como a outra face do processo, perdem, relativamente, conteúdo e significância, dada aos novos produtos da sociedade de consumo que padroniza espaços e práticas. Para Carlos (2013b), os espaços públicos dão sentido à vida como produção de uma história coletiva e por esse entendimento, é que fazemos tal proposição.

Loboda (2008) nos chama a atenção para o fato de que uma análise que se pretenda sobre o espaço público deve revelar o processo de produção deste, destacando as formas específicas de apropriação e diferenciação, articuladas na relação conflituosa entre público e privado. Entendemos que os modos de uso e apropriação da cidade ligam-se, cada vez mais, ao consumo e à mercadoria, ou antes, que a vida cotidiana se organiza tendo como foco a lógica consumista.

No mesmo contexto, Lavalle (2005) afirma que é preciso empreender uma análise historicizada do espaço público para dar condições de abordá-lo em distintas dimensões de maneira articulada. De modo a abarcar a dimensão *política* associada à configuração do espaço público como o comum e o geral; a dimensão *social* como o aberto, acessível e coletivo e; a dimensão *comunicativa* como manifesto e ostentável.

Partindo de sua construção histórica, tem-se o espaço público como produto de relações advindas dessas dimensões e suas respectivas problemáticas, as quais não recaem, nem tão poucos são oriundos desse ou aquele sujeito, agente de produção, mas sim, por sua ação conjunta:

A configuração do espaço público parece ser produzida na conjunção de capacidades e processos históricos em que coincidem e se descompassam a universalização institucional do Estado, a auto-organização da sociedade como determinação permanente da ordem pública e as formas de intermediação comunicativa com sentido público. No cerne de tais coincidências e descompassos cristaliza-se historicamente aquilo que sintetiza toda a relevância do espaço público: quem tem direito a ter direitos e como conquista, realiza e preserva esses direitos. (LAVALLE, 2005, p. 42).

Ao abordar os espaços públicos em acréscimo à proposição de Gomes (2002), Serpa (2004) afirma que é necessário articular as noções de cidadania, ação política e de acessibilidade. A acessibilidade, nesse contexto, deve ser analisada sob as dimensões materiais e imateriais já que o acesso físico não assegura, necessariamente, a apropriação simbólica de certo espaço, pois, para o autor:

A acessibilidade não é somente física, mas também simbólica, e a apropriação social dos espaços públicos urbanos tem implicações que ultrapassam o *design* físico de ruas, praças, parques, largos, *shopping* e prédios públicos. Se é certo que o adjetivo “público” diz respeito a uma acessibilidade generalizada e irrestrita, um espaço acessível a todos deve significar, por outro lado, algo mais do que o simples acesso físico a espaços “abertos” de uso coletivo. (SERPA, 2004, p. 22).

Tomando como base a produção de espaços, como as Avenidas Olívia Flores e Frei Benjamim e, mesmo, o centro tradicional acreditamos que na contemporaneidade, esses espaços são produzidos como meio de controle social (SERPA, 2013), especialmente da elite local para quem o poder público direciona as ações políticas garantindo-lhe consumo e valorização dos locais que apropria.

No caso da Avenida Olívia Flores, trata-se de um elemento importante que atua na valorização fundiária da cidade recebendo investimentos de ordem pública e privada para transformá-lo em objeto de consumo, despertando o interesse pelo acesso a essas áreas não apenas para o uso da rua, de modo estrito, mas principalmente, ao comércio e serviço que está localizado na rua.

Desse modo, desperta o desejo de apropriação mesmo daqueles que sua condição socioeconômica não lhes permite acesso direto pelo consumo do/no espaço.

Em contrapartida, os cidadãos excluídos desse processo são direcionados às áreas próprias à sua posição na divisão social e territorial do trabalho historicamente constituída nessa cidade.

Fazendo a leitura pela produção dos espaços de lazer, as intervenções políticas (privadas) na estruturação da cidade, estão convergindo em processos de segmentação socioespacial colocando em evidência a dimensão simbólica dos processos que repercutem no modo de produção e reprodução do/no espaço de forma ampliada (SERPA, 2013). Percebemos a emergência de espaços em que a vida cotidiana tende a se realizar em espaços privados que preza pela homogeneidade e, ao esvaziamento, degradação, perda de significado dos espaços públicos nos quais o encontro, a troca, a sociabilidade com o diferente é a marca.

Sobre isso, Sobarzo alerta que:

A tendência é que, se não tomarmos uma providência no que diz respeito à reabilitação dos espaços públicos na cidade, não somente suas estruturas físicas, mas, sobretudo, suas funções sociais, os espaços de uso coletivo tendem a ser cada vez mais privados (*shopping centers*, condomínios residenciais fechados, edifícios polifuncionais) em detrimento das praças, parques e vias públicas, e sua possibilidade de locais de encontro e interações socioespaciais, mesmo que essas se expressem, cada vez mais, enquanto locais das diferenças e, por isso mesmo, das contradições e dos conflitos, retratando parte da vida na cidade. (SOBARZO, 2004, p. 81).

A realidade que se expressa nas lógicas e práticas espaciais do lazer, em termos concretos de sua realização em Vitória da Conquista, aponta para uma hierarquização social e segmentação espacial definidoras do acesso aos espaços da cidade em que o lazer se realiza, como apontou nosso entrevistado ao relatar a exclusão da participação de munícipes em atividades de cunho reflexivo que integra a contexto cultural da cidade, ao pontuar que:

[...] A gente sabe que em Vitória da Conquista têm vários cantores, compositores, mas, até mesmo esses compositores, cantores e atores quando fazem um evento, colocam distante, num local distante, sem acessibilidade, sem acessibilidade nenhuma! Como acontece na Casa dos Carneiros que eu nem sei onde fica essa casa do carneiro! [...] É um programa que todo mundo fala muitíssimo bem, mas pergunta quem frequenta a Casa dos Carneiros<sup>61</sup>? E é um local que apresenta

---

<sup>61</sup> Fundação Casa dos Carneiros – Distrito do Iguá, a 20 km de Vitória da Conquista. Informações do site: “A Fundação Casa dos Carneiros é uma associação cultural que prevê a administração, preservação e propagação da obra lítero-musical de Elomar Figueira Mello, bem como a pesquisa, preservação e disseminação da arte verdadeira, da música culta e erudita produzida no Brasil. Partindo da obra de Elomar, vem trabalhando desde 2007 com projetos de grande, médio e pequeno porte, reunindo em seu currículo ações nas mais variadas linguagens artísticas como exposições de artes plásticas, saraus e simpósios de literatura através do *Colégio da Província*, cinema, teatro e realização de concertos de

muito a cultura de Conquista, mas a gente não conhece, porque é para nobres, e onde estão os pobres, não é? Qual é o tipo de cultura que o pobre consome nessa cidade? (PERFIL, 4.1)<sup>62</sup>

Como privação advinda da relação conflituosa entre espaço público e privado, a prática de lazer que se torna, sobretudo, menos onerosa ao orçamento familiar, realizada por nossos entrevistados se dá no uso de espaços públicos, como praças e parques, como os já explorados nesse texto. Os quais carregam simbolismos e constituem-se nas representações sociais, como o lugar da coexistência de diferentes práticas e sujeitos de distintas posições sociais, apesar da efetividade desse encontro se limitar por vários fatores (período do ano, da semana, horários do dia etc.) e da insuficiência de espaços dessa natureza em Vitória da Conquista. Ainda, de que a prática se realiza nos lugares marcados pelo lúdico que compõem as representações individuais. Exemplos que podem ser observados nos depoimentos a seguir:

[...] Geralmente, tem duas datas específicas, o natal e o São João, que eles interagem toda a cidade. Talvez seja pouco para o tamanho da necessidade da cidade, realmente que a necessidade é muito maior, mas, de uma certa forma eles tentam fazer algum trabalho nesse sentido, a exemplo dessa praça que fizeram agora, é da Juventude ali. Eu achei um projeto bem interessante, de uma área que estava, entre aspas, “desperdiçada” e que fez uma diferença, valorizou num sentido o bairro e realmente deu um lazer a mais e não ficou restrito só ao pessoal do bairro. Ali realmente é muita gente que está indo para lá, então, eu achei que nesse sentido aí, realmente, melhorou bastante, mas é claro que falta muito ainda para fazer”. (PERFIL, 3.1)<sup>63</sup>

Uma praça que você possa ir fazer outras atividades, não é? Que não seja ir para os barzinhos. Tem praça tem! Mas, não é usada para esse fim, não é? Não é usada e não tem a segurança devida para você ficar até umas dez da noite na praça, não é? Que passou de nove...nove? Passou das seis da tarde já é algo perigoso ficar numa praça, não é?. Então, isso aí faz falta, deveria ter e não tem, faz falta. (PERFIL 2.1)<sup>64</sup>

---

música de câmara, recitais líricos, apresentação de violeiros, quartetos, cenas de ópera e música popular contemplando diversos outros autores espalhados por este imenso Brasil.” Fonte: <http://casadoscarneiros.org.br/autodacatingueira/dicas-e-informes.html>. Acesso em jun/2016.

<sup>62</sup> LAIZA (nome fictício). Mulher; 35 anos; solteira; ensino superior completo; secretária; moradora de área periférica;; renda entre 2-3 salários mínimos; não possui meios próprios de deslocamento. Entrevista aos sujeitos sociais. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014.

<sup>63</sup> PEDRO (nome fictício). Homem; 40 anos; casado;; ensino superior completo; comerciante; morador de área pericentral; renda entre 3-6 salários mínimos; possui meios próprios de locomoção. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014.

<sup>64</sup> 2.1 LUCAS (nome fictício). Homem; 33 anos; solteiro; ensino superior completo; engenheiro agrônomo; morador de área periférica; renda entre 2-3 salários mínimos; possui meios próprios de locomoção. Entrevista aos sujeitos sociais. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014.

[..] Eu, particularmente, acho que ir para a roça é um lazer, não é? Que eu vou com todos e é mais frequente. *Shopping*, eu falei, é de vez em quando, agora para mim, o meu lazer é ir para a roça levar as crianças. Tem espaço para brincar à vontade, andar a cavalo, entendeu? Tem ar puro, e aqui eu não encontro essas mesmas condições. Seis horas da tarde a gente tem que estar com os portões trancados pelo perigo e tudo. Na roça não, você deixa lá à vontade, não tem transporte nem nada, não tem muitos riscos. [...]. Pelas condições financeiras, você poderia estar viajando, no seu lazer, não é? Estar em outra cidade, conhecendo outras coisas. No momento você não ganha o suficiente. A alternativa para fazer o lazer satisfatório é o que eu te falo, é a roça toda semana, é o que satisfaz minha família. (PERFIL 3.2)<sup>65</sup>

Espaços cada vez mais escassos no cotidiano citadino, assim como o tempo dedicado às práticas neles realizadas, pois, vê-se que a cidade atual deixa em evidência uma prerrogativa de que o sujeito está destituído das capacidades criadoras e lúdicas de utilizar os tempos/espacos da cotidianidade de forma mais livre, interativa e menos programada.

Do contrário, a cidade expressa os conflitos que emergem do cotidiano fragmentando, da vida que se realiza em espaços cada vez mais segmentados sob discurso de novos modos de vida, alimentados e difundidos pela sociedade do consumo que nos leva a questionar o que é necessidade e o que é um desejo de consumo. Um contexto que abarca a sociedade em dimensões ampliada. Salgueiro (1998), ao analisar o espaço fragmentado na cidade pós-moderna, coloca que:

Assiste-se a uma a generalização dos modelos culturais, ou pelo menos de muitas das suas referências, mas também ao aprofundamento de especificidades e particularismos conduzindo, simultaneamente, a uma uniformização dos modelos e à diferenciação das práticas sociais. A conjunção dessas duas forças antagônicas parece conduzir à fragmentação dos territórios e das comunidades através de várias linhas de clivagem que formam um tecido complexo e difícil de decifrar.” (SALGUEIRO, 1998, p. 43).

Para essa autora a fragmentação<sup>66</sup> caracteriza-se como uma organização territorial policêntrica, pela presença de enclaves e a intensificação da diferenciação

---

<sup>65</sup> VALÉRIA (nome fictício). Mulher; 38 anos; casada; ensino superior completo; professora da educação básica; moradora de área pericentral; renda entre 3-6 salários mínimos; não possui meios próprios de deslocamento. Entrevista aos sujeitos sociais. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014.

<sup>66</sup> Outra contribuição relevante é desenvolvida por PRÉVÔT-SCHAPIRA (2001), a qual, ao abordar a realidade latino-americana, utiliza a noção de fragmentação para analisar: processos que promoveram cisões na unidade das cidades, a gestão fragmentada institucional de áreas metropolitanas, a ênfase das novas lógicas que orientam a gestão de serviços privatizados, a criação de territórios voltados às políticas sociais destinadas aos grupos de baixa renda, e para analisar a forma urbana marcada pela proximidade física entre ricos e pobres em espaços fechados.

entre os grupos sociais, denotando uma ruptura na continuidade do tecido urbano e mistura de usos nos novos empreendimentos imobiliários, exemplos já expostos em depoimentos dos nossos entrevistados os quais relataram o uso de equipamentos de lazer em condomínios fechados, residência de amigos, espaços para eventos sem acessibilidade (espacial e financeira) para a maior parte da população, o estranhamento pelo uso do/no espaço em que lazer volta-se a um grupo social específico.

Numa tentativa de elaborar uma abordagem que dê conta do processo de estruturação das cidades contemporâneas que tem gerado grandes mudanças em todas as dimensões da vida social e indicado aumento das desigualdades socioespaciais, Sposito (2013b) trabalha com a ideia de fragmentação socioespacial.

Isso porque reconhece um aprofundamento nas relações entre múltiplas formas de segmentação socioespacial que não se apresentam, apenas, como reforço a processos precedentes como a segregação socioespacial. Seria um processo mais amplo que se expande por todo o conjunto da cidade, enquanto que os processos de segregação e autosegregação seriam mais profundos porque implicam em formas de segmentação material e imaterial.

Para essa autora, tais processos acrescentam novos conteúdos à centralidade, sendo necessário repensar as questões relativas à acessibilidade ao espaço urbano em que a realização objetiva e subjetiva do centro, bem como, a constituição da centralidade, depende das possibilidades de acesso como garantia do direito de ir e vir. Se há uma distinção no acesso às áreas de consumo de bens e serviços para cada cidadão, a representação da centralidade torna-se mais difícil de ser construída. Segundo a mesma:

Estamos, deste modo, diante de um duplo movimento que fundamenta a fragmentação socioespacial, pois exige o entrecruzamento das dimensões espacial e temporal para ser compreendido. O afastamento dos cidadãos, gerando ou não segregação, resulta em desigualdades dos direitos de acesso à cidade, no sentido de dela se apropriar e de participar completamente, como compartilhamento de territórios e experiências comuns. Os tempos desiguais dos cidadãos, sobretudo em termos de mobilidade, tornam-se, deste modo, mais um plano que condiciona e orienta o processo de fragmentação socioespacial. (SPOSITO, 2013b, p.85).

Acreditamos ser relevante desenvolvermos essas ideias em nossa pesquisa, haja vista, serem processos que vem sendo percebidos na realidade baiana, em nosso caso particular, Vitória da Conquista como apresentamos até aqui, expressando mudanças no

cotidiano urbano pelo estímulo ao consumo em espaços privados, como condomínios fechados, *shopping centers*, construídos nas representações sociais como espaços elitizados, como “o lazer para nobres”, “os espaços elitizados”.

Por outro lado, os grupos sociais de menor poder aquisitivo tendem a limitar suas práticas o interior de seus bairros, muitos dos quais na periferia da cidade, sob o discurso da insegurança e da pobreza, o qual legitima esses estigmas em determinadas áreas da cidade nos aproximando, também, do que discute Magrini (2013) de enclaves estigmatizados. A ideia da insegurança é massificada para que o próprio sujeito morador da localidade a internalize, reproduzindo-a, colocando-a como barreira na realização da prática do lazer, ao mesmo tempo em que serve de “justificativa” para o não uso do mesmo espaço e sociabilidade com o sujeito morador, por um sujeito externo àquela área.

São as áreas públicas, sobretudo, parques e praças, o destino de grande parte dos cidadãos que não se inserem economicamente no perfil do mercado consumidor. Além da condição financeira que não lhes permite ultrapassar as barreiras e limites da forma concreta, há o imaginário de que não podem se apropriar de tais espaços, isto é, uma acessibilidade simbólica em que pese a articulação entre a diferença e a desigualdade no processo de apropriação do espaço (SERPA, 2011).

Nesse sentido, os enclaves estigmatizados não se referem apenas à ideia construída sobre os bairros pobres, aos espaços públicos pela insegurança e violência, mas também, como fomento ao consumo nos empreendimentos privados por oferecerem tudo que a “cidade aberta” não tem, sobretudo, segurança (MAGRINI, 2013). Uma construção simbólica que encontra apoio na publicidade a qual fomenta e confronta esses dois espaços, geralmente, caracterizando negativamente os espaços públicos (quando estes não são objetos de consumo da elite e valorização imobiliária) como violentos, inseguros, sujos, barulhentos etc,<sup>67</sup>) e influencia as representações dos sujeitos de modo tal, que os mesmos incorporam o mesmo “texto” publicitário ao qualificarem os espaços de lazer em Vitória da Conquista, como o entrevistado expôs em sua fala:

Conquista está faltando ainda muita natureza, não tem área nenhuma. Área verde em Conquista não existe, está pensando só no imobiliário, em vender terreno [...] Falta, hoje em dia, o que está faltando mais é ter segurança. Parque com área verde, bonito, todo mundo quer.

---

<sup>67</sup> Fonte: Informações obtidas através de entrevistas e *enquetes* sobre a condição dos espaços públicos de lazer em Vitória da Conquista/BA. Trabalho de campo, 2013/2014

Shopping é lazer quando você vai gastar. Hoje os lugares têm que ter preço, atendimento e qualidade, segurança, infraestrutura, deslocamento facilitado. É igual lá no Cristo, nunca tinha ido, fomos a família inteira, só fui assim também. O Cristo pode melhorar é uma área boa, com vista da cidade muito bonita à noite. Podia ser um bom lugar para ir também, mas falta estrutura e segurança. (PERFIL 6.2)<sup>68</sup>

Os novos empreendimentos, como símbolos do consumo numa sociedade pautada na espetacularização, distinguem o acesso entre os grupos sociais no acesso ao lazer-mercadoria, excluindo uma parcela considerável da população. Conformam-se como espaços de lazer alienados que influem na construção da identidade individual e coletiva tanto dos que frequentam tais espaços, como também, daqueles excluídos, mas que nutrem (via publicidade) o desejo de fazerem parte da cultura de consumo, por exemplo, no uso de *shopping center* (PADILHA, 2006a), realidade exposta por nosso entrevistado quando pontua:

O desejo de consumir em espaços como o *shopping center* muitas vezes pode estar ancorado em um discurso velado, como o do crime, o qual é simbólica e materialmente incorporado na prática do lazer que cada vez mais se realiza em enclaves. Justifica-se o consumo ou o desejo em consumir nesses espaços sob o medo da insegurança demarcada nos espaços públicos.

Contudo, pode mascarar a realidade social, da mudança que vem ocorrendo em sua estrutura e, principalmente, por aprofundar as desigualdades (CALDEIRA, 2000). Pois, os perigos reais que induzem a prática do lazer, especialmente em *shopping centers* é provavelmente o “das desigualdades sociais estampadas na dinâmica da vida real, do “mundo de fora” ao qual o *shopping center* não pode pertencer sob pena de perder seus maiores atrativos.” (PADILHA, 2006b, p. 54).

A opção em analisar esses processos pela prática do lazer é importante porque este vem sendo produzido e apropriado sob formas diferenciadas devido aos processos de segmentação espacial e social que vem se fortalecendo nessa cidade. Portanto, a análise com foco no consumo desigual do lazer evidencia as imposições dos ditames capitalistas que produzem formas díspares de apropriação do mesmo espaço, do mesmo

---

<sup>68</sup> VÍTOR (nome fictício). Homem; 37 anos; casado; ensino médio incompleto; morador de área periférica; renda entre 2-3 salários mínimos; possui meios próprios de locomoção. Entrevista aos sujeitos sociais. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014.

bem urbano aprofundando as desigualdades e a cisão nas relações urbanas, como pudemos avaliar na experiência dos sujeitos da pesquisa.

Um processo de apropriação que difere o usador/consumidor, contudo, baseia e intensifica uma ideia de alargamento e acesso irrestrito às formas de consumo e uso dos espaços de lazer, quando efetivamente, tem-se produtos específicos para os distintos grupos sociais, marcando os lados de cada um desses grupos na prática do lazer em Vitória da Conquista.

## **Capítulo III**

### **A produção do espaço urbano em Vitória da Conquista/BA: democratização ou elitização da prática do lazer?**

O modo como as cidades vêm sendo erigidas na contemporaneidade revela uma formação territorial cada vez mais complexa, descontínua, organizada social e espacialmente em enclaves, priorizando o cotidiano programado que tende a homogeneização, mas que se esfacela em um conjunto de fragmentos hierarquizados sob domínio da lógica do capital, como foi analisado nos capítulos anteriores, na produção do lazer em Vitória da Conquista.

Assim, a leitura que fazemos com base na realidade apresentada é que a produção espacial e as relações sociais que se desenrolam nessa cidade são marcadas por um processo triádico: homogeneização, fragmentação e hierarquização (LEFEBVRE, 2000), um esquema analítico de produção do espaço que, a nosso ver, pode ser aplicado na análise da vida cotidiana com base nas práticas espaciais do lazer, envolvendo não apenas a produção espacial resultante dessa dimensão do cotidiano, mas também, das relações sociais reproduzidas sob essa mesma lógica.

Sob esse prisma, não só a produção espacial se altera, mas também a estrutura dos tempos sociais, pois, com a redução da jornada de trabalho houve um relativo aumento do tempo livre que, por sua vez, passou por valorização através das práticas de lazer (SANTOS, N., 1999). O aumento do tempo de lazer motivou um crescente e diversificado uso dos lugares como espaços para o lazer, mas, será esse um processo universal como se apresenta? Será que o crescente aumento dessa atividade aumentou também os modos de acessibilidade? Promoveu a sociabilidade? De qual tempo e de qual espaço estamos tratando na cidade atual? São questões a serem enfrentadas nesse capítulo nas três seções que seguem.

### **3.1 Vitória da Conquista e o papel desigual dos lugares: a representação dos espaços-tempos de lazer**

Henri Lefebvre (1973) analisa criticamente os espaços de lazer como um Espaço que reproduz ativamente as relações de produção enquanto condição e meio

desse processo, isto é, o lazer se constitui como um elemento que relaciona a organização capitalista de produção e a conquista do espaço.

O modo como os espaços de lazer são produzidos, pela lógica da mercadoria, torna-os objeto de especulação pelos agentes de produção os quais vendem os fragmentos do espaço produzidos socialmente a altos preços aos cidadãos que buscam o gozo do tempo do não trabalho. Os fragmentos do espaço são hierarquizados e a sua apropriação se dá, via consumo, de modos distintos, entre os lugares para a massa e os lugares para a elite.

Por esse esquema interpretativo, Lefebvre (1973) conclui que o lazer entra na divisão social do trabalho não apenas pelo fato de ser convertido em atividades de recuperação da força de trabalho, mas também, em virtude da formação de uma indústria dos lazeres, da comercialização dos espaços especializados, da divisão social do trabalho expressa territorialmente.

A divisão social do trabalho, no capitalismo, se dá pelo mercado (LEFEBVRE, 2001a), assim, as relações espaciais estão sujeitas a contínuas mudanças como uma necessidade constante de adequação às novas lógicas de reprodução capitalista. Por essa condição, as transformações ocorridas no âmbito das cidades, pelo estágio atual de acumulação do capital, impõem nova fase ao desenvolvimento de seu ciclo, expresso na forma urbana, na redefinição de funções, mudanças nos usos, influenciando nas práticas espaciais. De maneira ampliada, é um processo que impõe novos padrões de realização da vida urbana (CARLOS, 2001b).

Nesse direcionamento, Góes (2013) afirma que há uma ampliação de contextos socioespaciais, de interação social, que implica em maior diversidade de práticas, aproximações e rompimentos no plano social, como resultado das alterações no quadro espacial urbano pelas dinâmicas econômicas vigentes. Isto é, presenciamos um cotidiano urbano marcado por novos conteúdos, por processos de clivagens socioespaciais, por usos distintos dos espaços tempos de realização da vida.

O retrato da vida na contemporaneidade expressa as múltiplas ações em que o sujeito social se insere, onde as esferas do cotidiano se relacionam através do consumo (SANTOS, N., 2008) que, para esse autor, reflete uma onipresença social. A prática do lazer, enquanto um dos elementos do cotidiano, está permeada pelas relações de consumo, a qual tem implicações diretas na produção do espaço urbano, como estamos desenvolvendo.

Assim, como pontuamos no capítulo I, no processo de produção espacial contemporâneo, o lazer foi cooptado como nova atividade produtiva (CARLOS,1999), uma demanda da sociedade de consumo que busca modos de uso diferenciados, especializados, como pudemos identificar em depoimentos de entrevistados do desejo de consumirem no/do espaço de áreas como a Avenida Olívia Flores por ser um lazer diferente.

Uma atividade que encontra terreno propício para desenvolver-se, pois, no atual contexto, a atividade econômica que mais se destaca é o comércio e serviços, assim como foi apresentado no capítulo II, no caso de Vitória da Conquista. Logo, o lazer inserido nessa categoria é produzido por uma articulação de estratégias: imobiliária, do capital (em variadas esferas de realização) e do Estado, fazendo com que o lazer, um elemento com importante valor de uso no cotidiano citadino, seja transformado em moeda de troca para acesso à cidade.

No capítulo I, identificamos em um período pretérito que, em relação à produção dos espaços de lazer, a cidade de Vitória da Conquista apresentava uma estrutura monocêntrica, isto é, as principais atividades e espaços de lazer localizavam-se no centro principal, local de uso predominante da elite local que até então, também residia na mesma área.

Contudo, a realidade muda quando se verifica na cidade um processo de reestruturação econômica, com maior expressividade a partir da década de 1990, em que passa a se constituir novas áreas centrais nas quais o lazer-mercadoria é produtor e produto, um elemento que institui e reforça o poder de abrangência destas novas áreas.

Com a descentralização dos espaços e atividades voltados ao lazer, sobretudo, para as áreas descritas no capítulo II como as avenidas Olívia Flores, Frei Benjamim e Juracy Magalhães (localização do Shopping Conquista Sul), houve um aumento em sua oferta e diversidade, contudo, são espaços que em sua maioria, passam pela mediação do mercado. Através de análise dos dados empíricos (entrevistas, enquetes e anotações de campo) observamos que as representações dos espaços dos sujeitos pesquisados são influenciadas pela produção dos espaços de lazer pelo viés mercadológico ao pontuarem que:

Assim, a maioria das atividades que a gente tem de lazer está ligada ao consumo, essa é a questão. Em Vitória da Conquista é assim, a maioria das atividades de lazer é ligada ao consumo. Você vai para o *shopping* você vai consumir, vai para um barzinho, vai consumir. Lazer por lazer praticamente é inexistente. [...] A gente nunca pode ir

para Olívia Flores porque o táxi da Olívia lá para casa é muito caro. Então a gente pegava o ônibus para o bairro Brasil e na volta pagava um táxi. Então pronto! Mais barato! E pensa aí você pagar um táxi lá de casa na Olívia e depois pagar um táxi de volta? Você não pode fazer toda vez....toda semana! É uma vez por mês e olhe lá! (PERFIL 2.1.<sup>69</sup>)

Bom, hoje, infelizmente, Vitória da Conquista não tem assim, opção de lazer, não é? O que tem? Tem o Clube Social que você tem de desembolsar, você tem de pagar para você ter esse lazer que é o Clube Social, um clube particular. (PERFIL 8.1<sup>70</sup>).

Alguns lugares são mais caros, não é? Principalmente no shopping, não é? Tudo é mais caro. Para mim, eu acho só isso, não tem muita noção assim, não. (PERFIL 1.1)<sup>71</sup>

O tempo de lazer assim, é estruturado e vivenciado nas práticas de consumo sob influência dos meios de produção no mesmo compasso em que é vinculado e influenciado pelo modo de vida contemporâneo (SANTOS, N., 1999).

Por essa vinculação do lazer à sua forma mercadoria, para alguns cidadãos torna-se difícil identificar a existência e possibilidade dessa prática se realizar na cidade de Vitória da Conquista. Isso ficou evidente pelo fato de que cerca de 11% dos inquiridos<sup>72</sup> afirmarem não haver lazer. Uma cidade que para seus municípios se sobressai em outros serviços, mas é carente em áreas de lazer, como pontuaram nossos entrevistados:

Vitória da Conquista é uma cidadezinha que não oferece muito lazer, não sei! Eu acho assim, que Conquista é uma cidade para estudante, eu vejo assim, não é? Para estudar, porque eu nunca vejo alguém falar eu vim em Conquista para passear, para conhecer os pontos turísticos, eu nunca vi ninguém falando isso. Geralmente: ah, eu vim fazer um curso; ah, eu passei na faculdade tal estou fazendo isso aqui; ah, eu estou morando em Conquista para fazer um curso A, B ou C, eu estou trabalhando. Porque é uma cidade maior que as vizinhas, aí requer

---

<sup>69</sup> LUCAS (nome fictício). Homem; 33 anos; solteiro; nível superior completo; engenheiro agrônomo; morador de área periférica; renda entre 2-3salários mínimos; possui meios próprios de deslocamento. Entrevista aos sujeitos sociais. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014.

<sup>70</sup> JOSE (Nome fictício). Homem; 75 anos; casado; ensino fundamental incompleto; empresário; morador de área pericentral; renda de 3-6 salários mínimos; possui meios próprios de locomoção. Entrevista aos sujeitos sociais. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014.

<sup>71</sup> TAHIS (Nome fictício). Mulher; 14 anos; solteira; cursando o ensino fundamental; oradora de área periférica; renda entre 2-3 salários mínimos; possui meios próprios de locomoção. Entrevista aos sujeitos sociais. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014.

<sup>72</sup> Fonte: pesquisa de campo. Aplicação de *enquetes*. Total de 270, 2013.

mais trabalho. Agora, para passear mesmo? Lazer? Não tem. (PERFIL 3.2<sup>73</sup>)

Bom, hoje, infelizmente, Vitória da Conquista não tem assim, opção de lazer, não é? [...] não tem lazer de maneira nenhuma. Foi construído esse centro aqui, mas um "centrozinho" lá que é só para jogar bola. Só isso aí, então? Então, para uma cidade de quanto? Quatrocentos e tantos mil habitantes para ficar só isso? Não, teria que ter muitas e muitas coisas, não é isso? Falta! Não temos lazer. Podemos dizer que é nove por cento a menos, não tem, de maneira nenhuma, é baixo! (PERFIL 8.1<sup>74</sup>)

Além da condição estabelecida de que, para se ter lazer ou acesso a este, é preciso a mediação pelo mercado através do consumo, os espaços de representação, aqueles ligados ao lado "clandestino" das relações de produção (LEFEBVRE, 2000), os quais carregam os simbolismos reais da experiência vivida dos sujeitos são subordinados, desvalorizados e não reconhecidos como uma rica experiência de vivência de uma cidade alternativa às imposições da cidade do capital. A perspectiva de dissociação entre tais espaços fica marcada no entendimento de nosso sujeito quando sugere que o lazer que pratica não é "normal".

Eu não tenho lazer normal como as pessoas geralmente fazem. Fora isso que eu faço com certa frequência: as vezes eu vou na casa de um parente, um irmão, um amigo, uma coisa assim. Basicamente é isso só que seria meu lazer, eu não tenho lazer assim específico como as pessoas normais geralmente têm (risos) eu não tenho. [...] O lazer normal, eu diria, basicamente o cinema por causa do *shopping center*, porque quando não tinha o *shopping* o cinema era bem fraco, veio melhorar depois do *shopping*; tem alguns bares para quem curte essa área barzinho e tal que eu acho que é bem sortido em Conquista, bem sortida essa área de barzinhos, embora eu não vá que eu não sou muito fã, mas para quem gosta de barzinho eu acho que tem muito. E têm acontecido com frequência muitos shows em Conquista, só que parte para uma parte meio diferenciada, são shows geralmente caros, então você exclui uma boa parte da população. Então tem o lazer nesse sentido. (PERFIL 3.1<sup>75</sup>)

---

<sup>73</sup> VALÉRIA (nome fictício). Mulher; 38 anos; casada; ensino superior completo; professora da educação básica; moradora de área pericentral; renda entre 3-6 salários mínimos; não possui meios próprios de deslocamento. Entrevista aos sujeitos sociais. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014.

<sup>74</sup> JOSE (Nome fictício). Homem; 75 anos; casado; ensino fundamental incompleto; empresário; morador de área pericentral; renda de 3-6 salários mínimos; possui meios próprios de locomoção. Entrevista aos sujeitos sociais. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014.

<sup>75</sup> PEDRO (nome fictício). Homem; 41 anos; casado; ensino superior completo; comerciante; morador de área pericentral; renda entre 3-6 salários mínimos; possui meios próprios de locomoção. Entrevista aos sujeitos sociais. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014.

Há uma latente condição de aniquilamento das capacidades lúdicas, criadoras, libertárias, de contemplação do sujeito em relação aos espaços-tempos de lazer, tanto no que diz respeito a atividade prática (há uma reprodução indefinida sem reflexão), como do que sejam os espaços-tempos de representação do lazer. Essa dissolução de referenciais é uma consequência do fato de que, cada vez mais, as dimensões, espaço e tempo, transformam-se em mercadoria em consonância com a padronização imposta pela lógica do capital. Assim, corroboramos com o pensamento de Santos, N., (1999, p.135) ao afirmar que "[...] o urbanismo comercial acaba por determinar, com importância crescente, os modos e tempos, tornando o espaço num produto para consumir e o consumo numa forma de lazer".

Mesmo diante de relativo aumento na oferta de espaço e tempo para a prática do lazer, vimos que não há um reconhecimento e usufruto efetivo destes por parte dos cidadãos, ora por haver uma subutilização do tempo do não trabalho para obtenção de renda extra, isto é, o tempo do não trabalho é revestido em outras atividades laborais para complementação da renda familiar. Também, por haver uma demanda por espaços e atividades de lazer que não é produzida na cidade, não está disponível ao cidadão.

O quadro 2 (página 67) no qual expomos a avaliação dos sujeitos da pesquisa sobre o lazer em Vitória da Conquista, representa a condição de insuficiência de espaços voltados a esse fim. Conforme análise de dados<sup>76</sup>, há demandas específicas de lazer segundo a idade, orientação religiosa, estrutura familiar, perfil econômico, cultural, nível de instrução, localização geográfica, grau de acessibilidade/mobilidade.

São demandas que sugerem mais espaços culturais, áreas verdes, praças, parques, que abarquem a diversidade de público e faixas etárias, estilos, gostos etc. O que se tem de fato e que não é satisfatório para os cidadãos são espaços e atividades que demandam um investimento financeiro muito grande, com uma padronização nas práticas (só comer e beber), *shopping center*, ações pontuais, esporádicas, e predominância da esfera privada<sup>77</sup>.

A racionalidade imposta à cidade e também às práticas espaciais tornam engessadas as relações e o conteúdo social passa a girar em torno das aparências, da standardização de [novos] hábitos para sentir-se integrante ao padrão social. É a emergência do *ter* subordinando o *ser*, numa fase de elevado controle da vida social

---

<sup>76</sup> Entrevista aos sujeitos sociais. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014. Vide síntese das características no quadro 2, página 30.

<sup>77</sup> Fonte: pesquisa de campo. Aplicação de *enquetes* (270) e entrevistas (16). Vitória da Conquista/BA, 2013, 2014.

pela economia capitalista, que acreditamos não só o consumo torna-se o estruturador social, como também sua dimensão de espetáculo (DEBORD, 1997).

O relativo aumento da oferta do lazer na cidade de Vitória da Conquista, além de não responder à demanda dos cidadãos, quantitativa e qualitativamente, torna questionável a condição de universalidade, acesso alargado e irrestrito, da capacidade de escolha quando, na verdade, somos induzidos a comprar uma ideia de liberdade de escolha, usar espaços refuncionalizados com o *status* de novidade. E, especialmente, as práticas de lazer na contemporaneidade são, dialeticamente, indutoras e reflexo de uma padronização e valorização comercial do tempo de lazer, concomitante com uma especialização e hierarquização de práticas e espaços.

Os depoimentos já apresentados de nossos sujeitos são expressivos dessa condição, um processo não restrito ao plano das representações, mas que integram sua prática cotidiana quando relatam o não uso de espaços para o lazer por não se sentirem integrados, como no caso da Avenida Olívia Flores, de optarem por áreas da cidade em que sua renda lhe permite um consumo mais frequente e condizente com seu perfil econômico, como destacado no uso da Avenida Frei Benjamim. Ainda, da condição de seletividade, exclusividade na realização de eventos e de espaços em que o acesso, seja do ponto de vista espacial ou socioeconômico, é limitado e voltado a uma minoria dos cidadãos, como alguns eventos culturais produzidos em Vitória da Conquista, destacados em depoimentos (Quadro II).

Sob essa perspectiva questiona-se ainda as relações de sociabilidade, pois, a estandardização, especialização e hierarquização dos espaços-tempos de lazer são constituídas mediante o processo de diferenciação socioespacial, neste caso, sendo a diferença uma "qualidade" (CARLOS, 2007) revestida de negatividade por envolver as relações de produção (separação, distinção), diferentemente da proposição Lefebvriana (2008a) para quem a diferença corresponde à relação, proximidade. Logo, a separação, a cisão rompe com as relações, complexificam os modos de sociabilidade. Em outra obra de referência, Lefebvre (2001b) afirma:

O mundo da mercadoria tem sua lógica imanente, a do dinheiro e do valor de troca generalizado sem limites. Uma tal forma, a da troca e da equivalência, só exprime indiferença diante da forma urbana; ela reduz a simultaneidade e os encontros à forma dos trocadores, e o lugar de encontro ao lugar onde se conclui o contrato ou quase-contrato de troca equivalente: o reduz ao mercado (LEFEBVRE, H, 2001b, p. 87).

Para o mesmo autor, o projeto de socialização da sociedade, um movimento que contém essencialmente a urbanização a caminho da transformação urbana, não foi bem compreendido. O que de fato se socializou foram os signos da realização da vida capturados pelo consumo sem que houvesse uma efetiva prática social que os tornassem integrados ao cotidiano.

Uma prática que carrega uma oposição clara: de um lado, a tentativa de integração via consumo e sua ideologia, através da difusão de valores pelo *marketing*, cultura, pela ação do Estado e, por outro lado, a mesma sociedade pratica a separação, a segregação com base nos mesmos artifícios. Como consequência, tem-se um movimento contraditório de "integração desintegrante" com rebatimento direto na realidade urbana (LEFEBVRE, 2001b).

### **3.2 As práticas espaciais do lazer em Vitória da Conquista: a emergência de espaços públicos**

*"Os espaços estão mais elitizados, não tem esse lugar democrático. É isso. Faltam locais mais democráticos."*<sup>78</sup>

Essa fala reflete o modo como os espaços de lazer estão sendo produzidos na cidade de Vitória da Conquista, majoritariamente no âmbito privado, em que sua apropriação se dá por relações de troca. Em contrapartida, o "lugar democrático" é o espaço público, aberto, de atividades gratuitas, sociável, são alguns adjetivos apontados pelos sujeitos da nossa pesquisa ao avaliarem a oferta e qualidade do lazer na cidade, como vem sendo ilustrado no decorrer do texto.

Se na contemporaneidade reconhece-se uma forma mais alargada de acesso ao lazer como um processo de democratização (SANTOS, N., 2008), os espaços públicos firmam-se como aqueles possíveis do encontro, da reunião, que possa se constituir

---

<sup>78</sup> LUCAS (nome fictício). Homem; 33 anos; solteiro; nível superior completo; engenheiro agrônomo; morador de área periférica; renda entre 2-3salários mínimos; possui meios próprios de deslocamento. Entrevista aos sujeitos sociais. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014.

como condição material da igualdade. Sobarzo (2014) salienta, contudo, que mesmo ansiando por espaços públicos que possibilitem tais condições, é preciso entender que não necessariamente as pessoas tenham uma experiência e socialização profunda nestes:

Assim, o espaço público moderno tem de ser contextualizado como uma instância que permite o encontro de diferenças, sem cair na idealização de intensa sociabilidade; pelo contrário, deve ser pensado no sentido de convivência civilizada dentro dos parâmetros da sociedade moderna, que do ponto de vista da política-eleitoral busca a igualdade, mas que é socialmente desigual. (SOBARZO, 2014, p. 4)<sup>79</sup>

A vida comum que tendencialmente é atribuída aos espaços públicos advém de seu caráter político, por terem relação direta com a vida pública (GOMES, 2012), viabilizando assim, o partilhar da vida comum, do encontro com o diferente e dos conflitos possíveis de surgir na coexistência de diferentes sujeitos, diferentes trajetórias, e que por isso:

Os espaços públicos são, nesse sentido, lugares onde os problemas são assinalados e significados, um terreno onde se exprimem tensões, o conflito se transforma em debate e a problematização da vida real é posta em cena. Ele constitui, por isso, uma arena de debate, mas também um terreno de reconhecimento e inscrição de conflitos sociais (GOMES, 2012, p. 24).

Assim, é preciso que a dimensão do espaço público não seja "romantizada", mas entendê-lo como um importante lugar onde seja possível fincar as bases que enseje uma transformação social, através de uma ação política iniciada pela própria politização do sujeito, mas que demanda um processo lento e contínuo.

Resguardadas as devidas proporções, os espaços públicos em que o lazer se realiza não fogem às mesmas condições e, principalmente, às mesmas contradições, conflitos. Nas representações dos sujeitos da nossa pesquisa são os lugares possíveis do encontro, da sociabilidade, do uso sem onerar a renda familiar, do uso capaz de integrar variados gostos, faixas etárias, a coletividade (membros da família, amigos etc.). Um espaço carregado de simbolismo, mas que, no plano material, afasta muitos cidadãos, sendo um dos motivos apontados, a insuficiência em espaços públicos de lazer e quando existentes, da falta de infraestrutura.

---

<sup>79</sup> SOBARZO, OSCAR. Espacio público y nuevas centralidades. In: CIUDADES 104, octubre-diciembre de 2014, RNIU, Puebla, México. Pp. 1-8.

No original: " Así, el espacio público moderno debe ser contextualizado como una instancia que posibilita el encuentro de las diferencias, sin caer en la idealización de una sociabilidad intensa; por el contrario, debe ser pensado en el sentido de una convivencia civilizada según los parámetros de la sociedad moderna, que desde el punto de vista político-electoral busca la igualdad pero que socialmente es desigual."

Um exemplo apontado pelos entrevistados foi o Parque das Bateias<sup>80</sup> (Figuras 8-11), localizado na área oeste de Vitória da Conquista. Além das deficiências de infraestrutura, foram apontados problemas em relação à segurança, um fator que limitaria seu uso a determinados horários, conforme comparece na fala a seguir:

A exemplo, que a gente vê é a Lagoa das bateias que a ideia é justamente essa, fazer como se fosse uma praça, na verdade, que é para dar para o pessoal da região de lá, ter facilidades, ter ciclovias e tudo, dá muita chance do pessoal se divertir um pouquinho ali, ser uma forma de lazer. Então, por enquanto ainda tem, mas, se limita no horário, depois de certo horário você já não confia mais. Fica um pouco perigoso. (PERFIL 3.1<sup>81</sup>)

Trata-se de uma área destinada à prática do lazer, indicada pelo Secretário Municipal de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer e também por entrevistados e inquiridos, ainda que timidamente, (cerca de 2% das indicações<sup>82</sup>), que não recebe a mesma atenção e cuidado do poder público quanto à sua infraestrutura como em outras áreas públicas da cidade, a saber, da área leste que, constantemente, é atendida por serviços públicos como limpeza, poda, ronda policial, iluminação. A falta de conservação do parque é reconhecida pelo próprio secretário que fez menção a uma depreciação causada pelos seus usuários e não, por falta de manutenção pelo poder público.

---

<sup>80</sup> O Parque Municipal Urbano da Lagoa das Bateias foi criado pelo poder público municipal em 05 de junho de 2007 através do Código Municipal do Meio Ambiente - Lei 1.410/2007 através do Art. 23º e inclui a Lagoa das Bateias e entorno compreendidos pela pista perimetral, que representa uma área de aproximadamente 53 háa. Fonte: ESTUDO DO PARQUE DA LAGOA DAS BATEIAS EM VITÓRIA DA CONQUISTA, BAHIA Edgar Borges Costa, Avaldo de Oliveira Soares Filho, Cristiane Queiroz de Almeida, Cláudio Gomes do Nascimento, Alexandre Cerrado . In: Anais do VII CBG, UFES, Vitória/ES, 2014.

<sup>81</sup> PEDRO (nome fictício). Homem; 40 anos; casado;; ensino superior completo; comerciante; morador de área pericentral; renda entre 3-6 salários mínimos; possui meios próprios de locomoção. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014.

<sup>82</sup> Fonte: pesquisa de campo. Aplicação de *enquetes* (270) e entrevistas (16). Vitória da Conquista/BA, 2013, 2014.



Figura 8. Parque Lagoa das Bateias, bairro Zabelê, Vitória da Conquista/BA. Fonte: pesquisa de campo, 2014.



Figura 9. Parque Lagoa das Bateias, bairro Zabelê, Vitória da Conquista/BA. Fonte: pesquisa de campo, 2014.



Figura 10. Parque Lagoa das Bateias, bairro Zabelê, Vitória da Conquista/BA. Fonte: pesquisa de campo, 2014.



Figura 11. Parque Lagoa das Bateias, bairro Zabelê, Vitória da Conquista/BA. Fonte: pesquisa de campo, 2014.

A atenção diferencial entre os espaços citados, a nosso ver, liga-se também à questão explorada no decorrer do texto de que o processo desigual de produção do espaço em Vitória da Conquista imprimiu uma valoração distinta das áreas leste e oeste, pois, o referido parque situa-se na área de ocupação popular, de classe trabalhadora, marcada pelo estigma da violência.

Outro exemplo citado pelos sujeitos da pesquisa foi o uso de praças, como um importante e necessário espaço público, a exemplo, a tradicional Praça Sá Barreto (Figuras 12 e 13) utilizada como lugar de desenvolvimento de atividades lúdicas, reunião e, sobretudo, atividades físicas, fazendo da praça um local frequentado por muitos cidadãos residentes nos bairros próximos como o Centro, Cruzeiro, Alto Marom e Guarani em que, nos três últimos, predominam famílias de baixa renda, conforme destacou Mares (2011) e as mesmas condições expressas pelo Parque das Bateias. Constatamos a falta de infraestrutura dessa praça que, há muitos anos, não recebe ações de melhoria do poder público municipal.



Figura 12. Praça Sá Barreto, bairro Cruzeiro, Vitória da Conquista/BA. Fonte: pesquisa de campo, 2014.



Figura 13. Praça Sá Barreto, bairro Cruzeiro, Vitória da Conquista/BA. Fonte: pesquisa de campo, 2014.

O uso da Praça Sá Barreto como espaço de lazer se estende ao longo do dia e da semana, pois, além de local para atividades físicas, presenciamos em nosso trabalho de campo, uso desta praça para fins lúdicos, para encontro, apesar da carência de infraestrutura e equipamentos. Está próxima ao Museu Pedagógico, utilizado como extensão da UESB, do antigo Colégio Diocesano, de propriedade da igreja católica, em que ocorrem frequentes eventos (não restritos aos religiosos) e a um grande espaço onde funcionava o Clube Social Conquista (apresentado no capítulo I) que agora foi comprado por empresários locais que projetam a construção de um *shopping center*<sup>83</sup>.

Como há uma tendência do poder público municipal em produzir espaços para o lazer no interior dos bairros, evidenciado no depoimento do secretário municipal de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer, as práticas espaciais dos cidadãos acompanham a mesma disposição e tendem a circunscreverem-se às áreas de apropriação mais próxima, o bairro, e, assim, a frequência se dá com maior periodicidade. Quando demanda

---

<sup>83</sup> Projeto da Construtora PEL, assinado pelo empresário Pedro Pithon. Em entrevista a blogs locais, informou que o projeto prevê uma área de 11 mil metros quadrados, 128 lojas, dois cinemas e praça de alimentação, dois andares de estacionamento subterrâneo, com mais de 1.100 vagas para veículos. O empresário à frente do empreendimento afirma que o *shopping center* será construído “para cumprir uma lacuna no centro da cidade que, atualmente, está sobrecarregado”. Ainda, que terá uma característica mais popular para que o lojista não arque com preços altos de aluguel. O projeto está em análise sobre o impacto ambiental e estima-se que após a liberação será construído em aproximadamente um ano. Fonte: Blog do Anderson e Megaradio, 2014.

investimento financeiro, deslocamento a áreas mais distantes, com quem e quantos membros será realizada e o meio de transporte utilizado, a frequência muda, passando de semanalmente para espaços de tempo de quinze e até superiores a trinta dias, como registramos em entrevistas.

A diminuição na periodicidade nessas áreas está ligada, também, a baixa qualidade da infraestrutura e dos equipamentos de diversão. Falta de limpeza e segurança pública, ausência de serviços nas proximidades que podem ser requisitados quando da sua utilização (venda de água, comida, local para descansar/sair com crianças como sorveteria etc.); ainda, que tais equipamentos, quando implantados, o são de forma incompleta ou em desacordo com as necessidades dos cidadãos (praças sem arborização ou mobiliário urbano que permita abrigo do sol e brinquedos infantis que esquentam ao sol e ficam inutilizados etc.).

O espaço mais recente instituído pelo poder público para a prática do lazer foi a Praça da Juventude. Inaugurada em 2013 vem se constituindo como uma opção de lazer e também turística, por articular-se à Reserva Florestal do Poço Escuro e ao Parque da Serra do Periperi. Desde então, vem se fortalecendo como destino dos cidadãos para encontros entre amigos/familiares, atividades esportivas, realização de eventos públicos e de organizações privadas quando em ações voltadas à população.



Figura 14. Praça da Juventude, bairro Guarani, Vitória da Conquista/BA. Fonte: pesquisa de campo, 2014.



Figura 15. Praça da Juventude, bairro Guarani, Vitória da Conquista/BA. Fonte: pesquisa de campo, 2014.



Figura 16. Praça da Juventude, bairro Guarani, Vitória da Conquista/BA. Fonte: pesquisa de campo, 2014.

Trata-se de um espaço público frequentado pelos moradores do entorno e também de outras áreas da cidade, como nos informou um inquirido morador do setor sul da cidade, mas que frequentava a praça que está ao norte. São frequentes também, atividades culturais promovidas pelo poder público, projetos universitários, manifestações religiosas, uso por instituições de ensino das proximidades, as quais não têm equipamentos como quadra poliesportiva em seu interior e levam os alunos para desenvolver essas e outras atividades de cunho pedagógico na Praça da Juventude, registros comparecidos no trabalho de campo.

A infraestrutura, elementos naturais, acessibilidade e forte simbolismo são características apresentadas pelos cidadãos como motivadores do uso de um dos principais símbolos da construção história de Vitória da Conquista, a Praça Tancredo Neves (Figuras 17-19), já apresentada no capítulo I. O uso do centro tradicional de Vitória da Conquista em que a referida praça se insere, expressa as permanências na forma e no conteúdo no âmbito do processo de produção espacial, haja vista, as estruturas mais antigas terem sido mantidas e as práticas de uso do tempo livre e do tempo de lazer também se manterem.



Figura 17. Praça Tancredo Neves, bairro Centro, Vitória da Conquista/BA. Fonte: pesquisa de campo, 2014.



Figura 18. Praça Tancredo Neves, bairro Centro, Vitória da Conquista/BA. Fonte: pesquisa de campo, 2014.

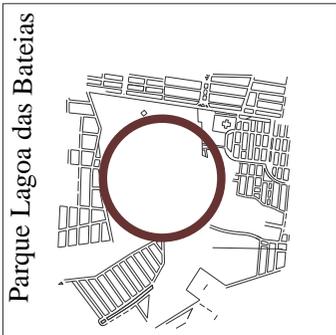
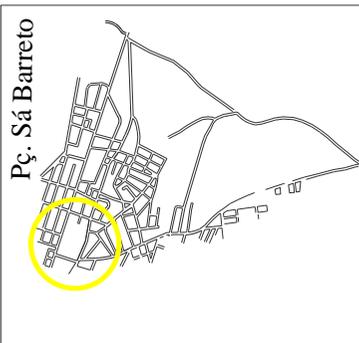
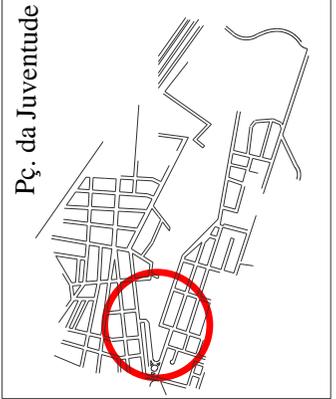
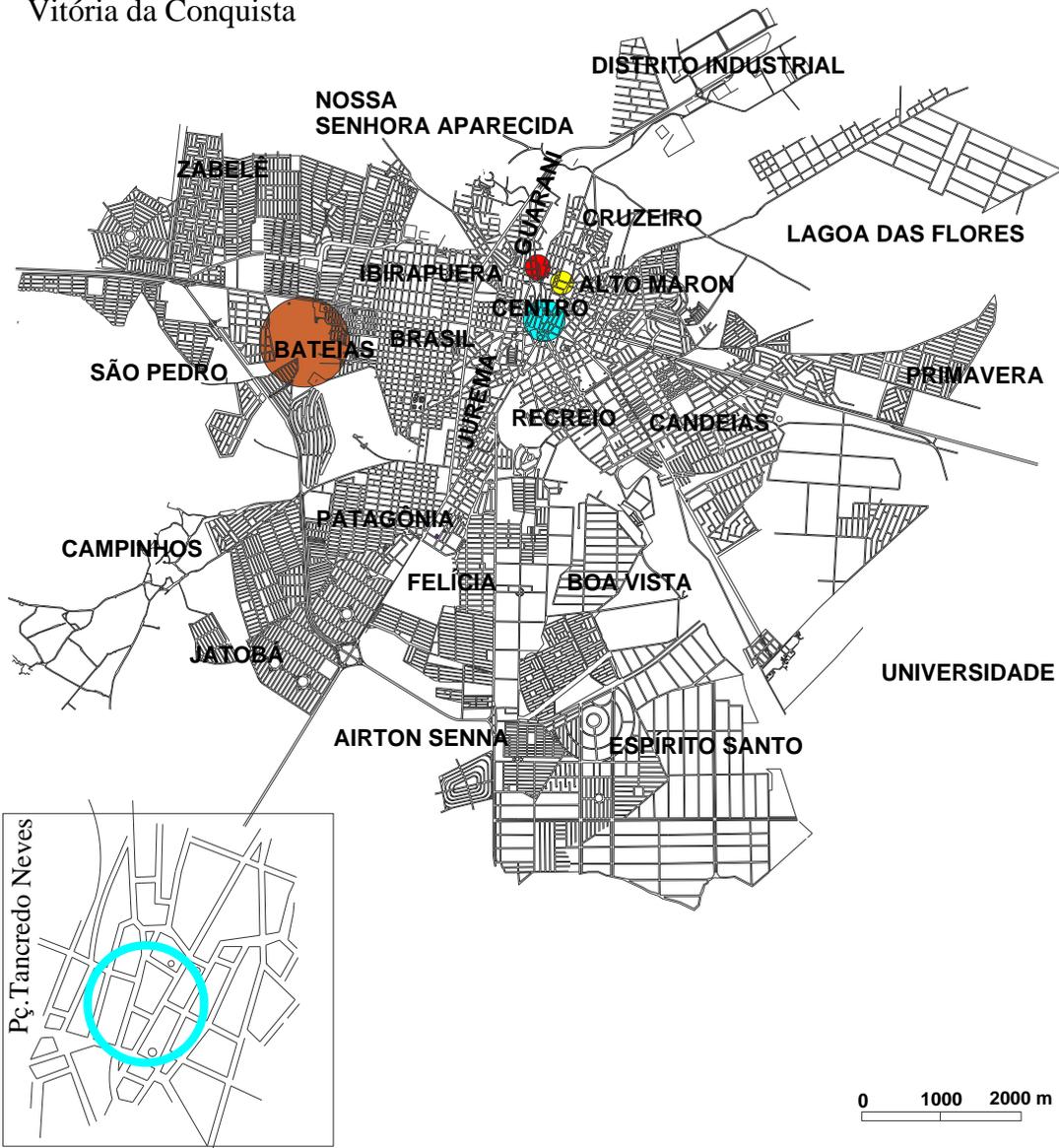


Figura 19. Praça Tancredo Neves, bairro Centro, Vitória da Conquista/BA. Fonte: pesquisa de campo, 2014.

Nas últimas décadas, um público mais diversificado tende a usar a praça, seja para encontro (amigos, familiares, namoros), leitura, passeio, contemplação, da relação com elementos naturais (crianças brincando com os animais), com maior concentração nos finais de semana, mas é um espaço bem frequentado durante toda a semana não só pelos munícipes como também de visitantes, por ser um cartão postal da cidade.

É um espaço que não dispõe de equipamentos diversos como no exemplo da Praça da Juventude, Parque das Bateias, mas carrega outros símbolos e significados que preenchem de conteúdo e satisfação aqueles que a frequentam, como evidenciado em depoimentos no segundo capítulo desse texto (Mapa 10).

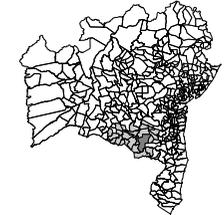
Vitória da Conquista



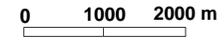
Localização da Bahia no Brasil



Localização do Território de Identidade Sudoeste Baiano



Localização de Vitória da Conquista/BA



Elaboração:  
Rizia Mendes Mares



Fonte:  
Trabalho de campo,  
2013.



Base Cartográfica  
Malha municipal, 2011



Mapa 10. Localização da Praça da Juventude (bairro Guarani); Praça Sá Barreto (bairro Cruzeiro); Praça Tancredo Neves (bairro Centro); Parque Lagoa das Bateias (bairro Bateias), Vitória da Conquista/BA.

Outro fator motivador de seu uso apresentado pelos sujeitos da pesquisa é o fato de ser uma opção de lazer que não passa necessariamente pela mediação do mercado, já que essa questão foi colocada como uma barreira na realização efetiva e qualificada das práticas de lazer.

Dificuldade mesmo é o dinheiro, não é? Às vezes a gente que ir num canto e o dinheiro não dá, aí não vai, vai quando aparece [...] Eu não gosto de ir muito no shopping porque gasta muito, não é? Porque tudo é mais caro. (PERFIL 8.2)<sup>84</sup>

Em minha opinião eu acho que a pessoa tem que gostar muito porque eu vou porque eu vou só, agora se eu tivesse que levar, como muita gente leva, a mulher, filhos as vezes dois, três, eu acho assim, que é bastante caro esse lazer, eu acho caro! Por mais que eles dão até promoção e eu acho que deveriam fazer e sempre quando eles fazem aumenta o público, mesmo que eles vão ganhar o mesmo tanto, mas a presença de público é maior. Então, eu acho que o lazer é um pouco caro. (PERFIL 7.1)<sup>85</sup>

Não vou ao shopping ficar passeando sem comprar, prefiro ficar em casa descansando. (PERFIL 6.2)<sup>86</sup>

Apoiados nos relatos de nossos sujeitos, há um julgamento de valor nas atividades realizadas em espaços públicos, que deveriam ser o lugar central do encontro (e por isso, deve conter a diferença) sem necessariamente se “pagar” por seu uso, os quais expuseram a não frequência nessas áreas, especialmente nas praças em Vitória da Conquista, pela ausência de segurança e infraestrutura adequada, com destaque para aquelas no interior dos bairros. Quando esses espaços não cumprem com essa função, tendem a desaparecer física e/ou simbolicamente pelo descuido na sua preservação e desuso dos cidadãos. Nesse caso, o que prevalece são aqueles locais integrantes do circuito do capital em que a valorização do ser, perdeu espaço para o ter, conforme a autora:

---

<sup>84</sup> LÚCIA (nome fictício). Mulher; 56 anos; casada; ensino fundamental incompleto; auxiliar administrativo; moradora de área periférica; renda familiar acima de 6 salários mínimos; não possui meios próprios de locomoção. Entrevista aos sujeitos sociais. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014.

<sup>85</sup> GUILHERME (nome fictício). Homem; 41 anos; solteiro; ensino superior incompleto; pedreiro; morador de área periférica; renda familiar entre 2-3 salários mínimos; possui meios próprios de locomoção; Entrevista aos sujeitos sociais. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014.

<sup>86</sup> VÍTOR (nome fictício). Homem; 37 anos; casado; ensino médio incompleto; morador de área periférica; renda entre 2-3 salários mínimos; possui meios próprios de locomoção. Entrevista aos sujeitos sociais. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014.

A ideia de "espaço público" surge então, em parte em resposta à necessidade de uma presença "cidadã" frente à fragmentação da identidade, e o pedido pluralidade contra caracterizações de unidade. (RABOTNIKOF, 2005, p. 45 tradução nossa<sup>87</sup>).

Para essa autora, o espaço público configura-se como um horizonte de expectativas e ideias de liberdade, do possível. Exatamente por isso é preciso lutar pela insurgência do uso de espaços públicos, como confronto à tendência em fragmentar identidades, espaços que, em contrapartida, favorecem a concentração, o encontro com o outro (igual, diferente), a sociabilidade, a apropriação coletiva, que permita sua atividade criadora/criativa, a verdadeira centralidade. Para Carlos (1996):

Por sua vez, o espaço visto como campo de possibilidades permite conceber o virtual, isto é, a produção de um espaço diferencial que se opõe ao homogêneo, fragmentado, hierarquizado, e contempla o uso tendo como ponto de partida o vivido como obra que incorpora a utopia. [...] O espaço torna-se o lugar e meio da emergência e realização das diferenças (CARLOS, 1996, p. 134).

Assegurando o caráter atribuído ao espaço público como lugar do encontro, da realização da centralidade, no significado atribuído por Lefebvre, mesmo aqueles que ainda são voltados aos interesses de grupos com maior poder econômico como controle social, concordamos com as proposições de Damiani (1997) de que as práticas do lazer enquanto modo de apropriação do espaço (ainda que envolto no véu invisível do capital) são capazes de humanizar a cidade, ao pontuar que,

O lazer, mais institucionalizado, o da produção e conservação de grandes parques urbanos, por exemplo, consegue atingir diferentes camadas sociais. Esses parques não significam a anulação das diferenças sociais, não produzem um encontro real entre essas camadas sociais, mas definem diferentes usos, a partir, também, dessas diferenças sociais. Definem múltiplos usos. É onde a classe média se exercita e se diverte. É onde, para as camadas mais populares, se produzem encontros de intensa significação. (...) é o lugar da paquera, da festa. Também da festa oficial e oficializada, os programas culturais promovidos pelas autoridades políticas. Mas esses parques e as praças, são, também, lugar dos "excluídos" e de atividades ilegais: tráfico de drogas, encontros de homossexuais e michês, lugar de repouso dos mendigos, lugar de arregimentação de trabalhadores "desocupados", potencialmente disponíveis, portanto, momento do circuito das migrações temporárias, etc. a significação social desses lugares é múltipla. E cada um tem uma peculiaridade irreduzível. Através desses espaços, cria-se um novo ponto de vista, que não prescinde dos outros - o

---

<sup>87</sup> Versão original:

“La idea de 'espacio público' emerge en parte entonces como respuesta a la necesidad de presencia 'ciudadana' frente a la fragmentación identitaria, y de reivindicación de la pluralidad frente a viejas caracterizaciones unitarias.”

das estratégias econômicas e políticas: é o da prática socioespacial, que chega ao limite de recuperar a ação e a consciência da ação individual, como vida social, produzida socialmente (DAMIANI, 1997, p. 50).

Mediante a produção de uma cidade cada vez mais dividida, cindida espacial e socialmente, os espaços públicos podem se constituir com uma instância contrária a esse processo, um ponto de articulação dos diversos fragmentos, como projeta nosso entrevistado, ao relatar sua experiência ao visitar outra cidade do Nordeste brasileiro:

Tem uns espaços, mas, está tão elitizado que quando você entra lá dentro, você não acha que está num show de rock, você está em outro lugar? É um rock “mauricinho/patricinha”, porque não tem esse lugar democrático, é isso, locais mais democráticos e mais locais, porque nossa cidade é mais barzinho, ela já está tachada de barzinho, e o que mais tem em Conquista é isso, não tem essas outras, não é? Uma praça que você possa ir fazer outras atividades, não é? Que não seja ir para os barzinhos. Oh, que coisa interessante, eu vou abrir uma brecha aqui. Eu fui em Petrolina esses dias, eu achei uma coisa muito interessante lá. Lá tinha uma praça, muito grande por sinal, que tinha aparelhos de todos os tipos, tinha uma pista de bicicleta ou de patins ou do você quisesse, tinha uma lagoa com pedalinho, tudo nessa praça. Gente! Maravilhoso! E lotada de gente! Então, uma atividade a mais. (PERFIL, 2.1)<sup>88</sup>

Expressiva condição apontada pelo entrevistado, o qual destaca muitas características no espaço público visitado nessa cidade do Estado de Pernambuco, que são reivindicações dos sujeitos pesquisados em Vitória da Conquista. Condições que, para o mesmo entrevistado, o fariam usar espaços como praças e parques com maior frequência e satisfação.

Portanto, mesmo que muito limitado e sem a devida atenção dos gestores públicos, a melhoria e criação de mais espaços como praças e parques podem restituir o uso destes pelos munícipes, desde que sejam observados os direitos e condições para tal prática. E, mesmo que o uso não garanta o encontro pretendido por Lefebvre, que no mínimo, questione a estrutura fragmentada dos espaços de lazer e das relações sociais, como possibilidade de construir, pela prática espacial, o caráter de centralidade da vida urbana, o direito de uso efetivo da cidade internalizado nas práticas cotidianas, agindo através e contra os processos que impedem o direito à diferença, da reunião, da realização da vida urbana.

---

<sup>88</sup> LUCAS (nome fictício). Homem; 33 anos; solteiro; nível superior completo; engenheiro agrônomo; morador de área periférica; renda entre 2-3salários mínimos; possui meios próprios de deslocamento. Entrevista aos sujeitos sociais. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014.

### 3.3 As práticas espaciais do lazer em Vitória da Conquista: "o lado de cá e o lado de lá"

A análise sobre a produção da cidade contemporânea pelo viés do lazer, por sua vinculação à lógica da mercadoria e das implicações resultantes da relação entre lazer e consumo implicam uma produção diferenciada do espaço urbano e do despertar de novos modos de sociabilidade e organização social.

Tomamos por empréstimo a expressão utilizada por Dumazedier (1973) de que a sociedade atual estaria produzindo um novo *homo socius*, considerando o contexto histórico, técnico, socioeconômico, cultural em que o lazer se institui e pela dimensão alargada que tem tomado na realidade urbana.

Essa afirmação centra-se na condição de que as práticas de lazer tendem a passar por uma estratificação social em que o sujeito é levado a considerar os modos de sociabilidade apenas entre grupos homogêneos, do ponto de vista social e econômico. E aí, o caráter dialético do lazer é perceptível, pois, se por um lado presencia-se um processo de democratização do lazer via massificação do consumo, por outro, há um processo de elitização evidenciado em modos distintos de produção e acesso a determinados lazeres, hierarquizando espaços e relações.

Assim, ratificamos o uso da construção Lefebvriana (2000) – homogeneização, fragmentação, hierarquização - pela leitura que fazemos da vida cotidiana em Vitória da Conquista, em que a produção dos espaços de lazer, orientados pela lógica da mercadoria, expressam-se com tendência ao processo de homogeneização ao conceber espaços e/ou atividades dentro do conjunto mais amplo da lógica de consumo com uma padronização, idealizada, porque contraditoriamente se fragmenta, ao constatarmos uma ênfase à produção e uso de espaços privados, *shopping centers*, empreendimentos privados e evitamento de áreas públicas (ou, de seu público) ou, ainda, uso deficitário desses últimos para a prática do lazer.

Há, ainda, vinculação ao processo de fragmentação, pois, a homogeneização como se anuncia não se realiza, esfacela o espaço em partes que não se articulam espacial e socialmente, realidade expressa pelas novas áreas centrais em que lazer é praticado e, de maneira mais expressiva pelas duas avenidas aqui retratadas, Av. Olívia Flores e Av. Frei Benjamim, “o lado de lá e o lado de cá”.

E, na medida em que os “pedaços” ganham (produz) significação social, tendem a imprimir valores que se hierarquizam no plano da apropriação, isto é, em um processo de hierarquização das relações sociais, condição verificada no contato com nossos sujeitos quando exprimiu, em depoimento, o caráter diferencial de tal prática, ao afirmarem optar, por exemplo, pelo uso da Avenida Olívia Flores quando em ocasiões específicas, o *status* pelo uso de espaços que se imagina caracterizar o cotidiano de grandes centros urbanos, como um passeio pelo *shopping center*.

Ainda, do sentimento de estranhamento que os sujeitos evidenciaram pelo uso dos espaços “elitizados”, como denominam, por não se sentirem integrados, por não se reconhecerem nos ambientes, por não haver sociabilidade entre eles e os demais usuários, consumidores.

Segundo Santos, N., (1999), a massificação do lazer-mercadoria tem como característica a capacidade de promover dualidades em adequação tanto ao processo de democratização por uma demanda real de mudança social, como à "necessidade", de distinguir-se, diferenciar-se, tornando-se a materialização do desejo de determinados grupos sociais em se separar espacial e socialmente. Para esse mesmo autor:

Mas se nesta massificação se pode identificar uma forma de democratização do consumo, assiste-se em paralelo a um processo de elitização, caracterizado por um estreitamento do acesso por um reduzido número de pessoas, quer a certos lazeres, quer a certos espaços. Este processo permite descobrir, por sua vez, novos lazeres e novos lugares de práticas em que sobressai a novidade, a sofisticação, e a exclusividade. Muitos deles não são senão velhos lazeres renovados por uma cosmética que lhe dá novas roupagens, com forte incorporação tecnológica, em grande parte, associados a lugares seletos, cujo acesso é determinado por capitais de riqueza ou por status, o que lhe confere distinção social. (SANTOS, N., 1999, p. 135).

O registro que abre a seção anterior (perfil 3.1), em que o entrevistado afirma: "os espaços estão mais elitizados" é expressiva da condição posta por esse autor, do modo como se estruturam os espaços de lazer e as relações sociais. Pela sua vinculação ao consumo, a prática atualmente difundida é o uso do *shopping center*, destaque significativo pelos sujeitos da nossa pesquisa, conforme abordado no capítulo II, os quais consideram que o lugar do lazer em Vitória da Conquista hoje é o *shopping center* (Figura 20).



Figura 20: “Praça” do Shopping Conquista Sul, em Vitória da Conquista da Conquista/BA. Fonte: pesquisa de campo/2014.

Os *shopping centers* ganham rapidamente a adesão nas cidades médias, como apontou Santos, J. (2008), pois são vistos como os portadores dos mesmos conteúdos das metrópoles, dos hábitos urbanos que são reproduzidos noutras escalas. Essa condição pode ser observada na experiência vivida por nosso entrevistado:

Eu me realizo quando eu estou no *shopping*. Eu penso que estou numa capital. É sério! Eu falo: eu acho que eu não estou em Conquista, não. Eu acho que estou lá em São Paulo. Eu penso desse jeito: ah! Eu acho que eu não estou em Conquista, não. Eu estou em outro lugar, só pode! Por assim, o espaço, entendeu pelas lojas, então... então é só desse jeito! [...] Eu acho que se for para passar a tarde toda no *shopping*, não precisa estar custando, né, comprando nem nada, só em estar ali vendo vitrines, vendo pessoas diferentes, você entendeu? Naquele ambiente. Eu acho que já ganhei o meu dia, eu penso assim, eu me sinto à vontade. (PERFIL 3.2<sup>89</sup>)

Ao uso desse empreendimento como espaço de consumo é atribuído uma significação e *status* social, quando os objetos consumidos perdem valor de uso e conferem distinção pela sua posse. Contudo, o uso do espaço do *shopping center* pode mascarar suas formas de coação, pois, tem um conceito, uma identidade construída que formaliza comportamentos, relações, expressa uma imagem de acesso que não é para todos, de modo

---

<sup>89</sup> VALÉRIA ((nome fictício). Mulher; 38 anos; casada; ensino superior completo; professora da educação básica; moradora de área pericentral; renda entre 3-6 salários mínimos; não possui meios próprios de deslocamento. Entrevista aos sujeitos sociais. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014.

que seu uso para ou como o lazer reproduz as coações do tempo produtivo e do cotidiano programado.

Como símbolos do consumo numa sociedade pautada na espetacularização, distinguem o acesso entre os grupos sociais no consumo do lazer-mercadoria, excluindo uma parcela considerável da população. Conformam-se como espaços de lazer alienados que influem na construção da identidade individual e coletiva tanto dos que frequentam tais espaços, como também, daqueles excluídos, mas que nutrem (via publicidade) o desejo de fazerem parte dessa cultura de consumo em *shopping center* (PADILHA, 2006a).

A ideia de *status* que permeia o uso do *shopping center* não passa necessariamente, pelos objetos em si, mas pelo signo que o constitui, como bem marcado na experiência do nosso entrevistado acima destacado. De modo que, a diferenciação não estaria na aquisição ou uso de algum objeto, mas nas representações sociais construídas e alimentadas por tal uso (BAUDRILLARD, 2003).

Um desejo muitas vezes forjado pelo discurso da insegurança, geralmente atribuído aos espaços públicos, sendo esse um dos motivos indicados para a frequência em *shopping center* na prática do lazer por nossos entrevistados, pensando em sua condição física, como também, em seus bens materiais, como o automóvel, já que a maior parte de entrevistados pratica o lazer utilizando meios próprios de deslocamento.

Uma prática realizada cada vez mais em enclaves, mas que na verdade mascara a realidade social, da mudança que vem ocorrendo em sua estrutura e, principalmente, por aprofundar as desigualdades (CALDEIRA, 2000). Corroboramos com a posição de Padilha (2006b, p. 54), quando afirma que os perigos reais que induzem a prática do lazer intramuros, especialmente, em *shopping centers* é, provavelmente, o “das desigualdades sociais estampadas na dinâmica da vida real, do “mundo de fora” ao qual o *shopping center* não pode pertencer sob pena de perder seus maiores atrativos.”

Além do uso do *shopping center* como espaço de lazer e os signos que lhe são atribuídos, temos o exemplo de separação e conotação social emblemático na cidade de Vitória da Conquista, as Avenidas Frei Benjamim e Olívia Flores ou, “o lado de cá e o lado de lá”, modo como os sujeitos da pesquisa se referiram às mesmas.

O processo de formação das novas áreas centrais apresentado no capítulo II, que têm como referência as duas avenidas acima citadas, evidencia que a diferenciação socioespacial é imanente ao processo de estruturação urbana de Vitória de Conquista. Uma separação

marcada por um elemento técnico, a BR 116, mas que se constitui como barreira simbólica que distingue socialmente os cidadãos.

A conotação diferenciada no uso das duas avenidas e o direcionamento a públicos distintos fica evidente na fala de nosso entrevistado e reflete o simbolismo atribuído a ambas:

No bairro Brasil, a gente gosta muito de ir, Olívia Flores... muito difícil. Na Olívia é outro público, a gente...sabe por que? A gente percebeu que cá no bairro Brasil tinha o entretenimento do mesmo nível da Olívia, não perde em nada e ali, pertinho de minha casa. E os preços são menores o povo é mais simples e interage mais com a gente! Lá o povo não interage tanto. (PERFIL 2.1)<sup>90</sup>

A interação é algo bastante presente nos depoimentos e que ocorre de modos distintos entre as áreas citadas e adjacências, haja vista os locais serem produzidos (simbolicamente) para diferentes grupos sociais.

É no bairro Brasil! É muito, oh, muito mais à vontade! Ah, sim, no Alto Marom, no Costinha's é um lugar democrático, super democrático (o Mexicano, o Costinha's) E aquela areazinha ali é ótima, porque tanto o Mexicano quanto o Costinha's lá é um público assim, eclético![..] Eu faço sempre assim, quando a gente quer fazer uma coisa bem diferente nós vamos lá para o outro lado. Bem diferente! (PERFIL 2.1)<sup>91</sup>

Há uma ideia de *status*, empoderamento vinculada ao uso Avenida Olívia Flores, estrategicamente manipulado para sua valorização econômica, atendendo ao desejo dos grupos de maior poder econômico em se diferenciar, da exclusividade, da homogeneidade. Contudo, construído como objeto de consumo, nutre no restante dos cidadãos à margem desse processo o desejo em poder consumir no/do espaço mesmo que muito esporadicamente.

Mas, como sinaliza Certeau (1994) essa população marginal se tornou numerosa, fruto do próprio processo de produção da cidade que tende a negar a grande parte dos cidadãos a participação no que foi produzido coletivamente. Para o mesmo autor:

A figura atual de marginalidade não é a de pequenos grupos, mas de uma marginalidade de massa; atividade cultural dos não produtores de cultura, uma atividade não assinada, não legível, mas simbolizada, e que é a única possível a todos aqueles que no entanto pagam, comprando-os, os produtos-espetáculos onde se soletra uma economia produtivista. Ela se universaliza. (CERTEAU, 1994, p.44).

---

<sup>90</sup> LUCAS (nome fictício). Homem; 33 anos; solteiro; nível superior completo; engenheiro agrônomo; morador de área periférica; renda entre 2-3 salários mínimos; possui meios próprios de deslocamento. Entrevista aos sujeitos sociais. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014.

<sup>91</sup> LUCAS (nome fictício). Homem; 33 anos; solteiro; nível superior completo; engenheiro agrônomo; morador de área periférica; renda entre 2-3salários mínimos; possui meios próprios de deslocamento. Entrevista aos sujeitos sociais. Entrevistadora: Rizia M. Mares. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014.

As opções de lazer que mais se destacaram, segundo opinião dos sujeitos da pesquisa, foram justamente os "produtos-espetáculos" da sociedade de consumo, apontados mesmo que no plano das representações dos espaços de lazer e não propriamente dos espaços de representação de uma experiência individual.

De modo que o consumo e o tempo que se deve investir neste, na medida em que acentua a diferenciação social ao restringir e distinguir o acesso ao lazer desmitifica a ideia ilusória de acesso irrestrito e igualitário em tal prática. Do contrário, aprofunda a distinção social, colocando como emblemas as novidades, exclusividade, materializados nos espaços produzidos para o lazer (SANTOS, N., 1999)

A prática do lazer enquanto promotora da estratificação social, seja no uso do *shopping center* (Shopping Conquista Sul), dos espaços da elite ou dos espaços populares, dos espaços públicos, deve ser visto como via de mão dupla, pois, foram determinações da sociedade criadas em parte pelo lazer o qual só foi possibilitado por essa estrutura social que o erigiu.

Logo, no âmbito de uma sociedade desigual, as práticas espaciais tendem a reproduzi-las, muito mais que voltarem-se contra. Os espaços-tempos de lazer são, assim, condicionados pela posição do sujeito (social, espacial, econômica) e das possibilidades que dispõe para apropriar-se (lutar por) da vida urbana.

Assim como afirma Lefebvre (2001b), a cidade do capital deu origem ao centro de consumo e o caráter duplo da centralidade capitalista mostra-se como o lugar do consumo e o consumo do lugar, sendo esse o "pretexto e razão" para o encontro, a reunião, subvertendo o valor de uso.

Contudo, o uso e o valor de uso contêm uma irreduzibilidade, pela resignificação dos lugares, do lúdico (em seu sentido mais amplo e profundo), com capacidade de resgatar as condições do encontro, da centralidade subvertendo a lógica imposta, de modo a produzir espaços-tempos de lazer enquanto obra para uso da coletividade, e que sejam efetivamente possibilidades reais de uso e apropriação dos espaços-tempos da vida urbana.

O título que abre esta seção nada mais é do que uma mera formalidade para finalização do texto acadêmico, pois, no desenvolvimento de nossa pesquisa científica um horizonte de questões e possibilidades foi aberto. Se, por um lado, as expectativas e pretensões aumentaram para prolongar a maturação do nosso objeto, por outro, temos a compreensão de nossas limitações e que dentro das condições existentes, o possível foi realizado na tentativa de cumprir nossos objetivos iniciais.

Temos a certeza de que muito mais que respostas às indagações iniciais temos agora outras tantas questões a serem aprofundadas em pesquisas ulteriores, oriundas das demandas surgidas no desenvolvimento da dissertação, ou mesmo, de nossas inquietações iniciais que se desdobraram e exigiram um esforço maior para sua análise. Como, por exemplo, um maior aprofundamento no que diz respeito à oposição aqui abordada entre o lazer enquanto prática e enquanto mercadoria, uma oferta do mercado.

Ambos os casos, participando no processo de diferenciação e distinção social. Contudo, no primeiro, identificamos o lazer como prática, relacionado ao uso do espaço público, inclusive, em nossa leitura, defendemos que tais espaços representam uma possibilidade de restituição do valor de uso do espaço/tempo de lazer. Porém, o recorte sobre o espaço público, por si só, já demandaria um estudo específico, mesmo porque as estratégias metodológicas que empregamos para que a pesquisa fosse exequível, sobretudo, após o Exame de Geral de Qualificação, e os resultados obtidos através destas, ainda nos deixaram com interrogações acerca da atuação de agentes na produção desses espaços, como o Estado, e maior análise no discurso de nossos depoentes em que o espaço público carrega o caráter de espaço democrático e mais acessível.

Elementos que se conformam como frentes próprias de investigação, mas que podem não ter sido analisados com maior ênfase dada a uma leitura com certo peso econômico e aí termos pontuado com mais destaque, o segundo caso, o do lazer enquanto uma oferta de mercado, mediado pelas relações de troca. Nesse sentido, nossa investigação se desenvolveu baseando-se, principalmente, em práticas de lazer que passavam necessariamente pelo

consumo, contexto em que se destacaram a busca pelo comércio e serviços ofertados pelos principais eixos destacados: leste, oeste e sul da cidade de Vitória da Conquista.

Esse posicionamento baseou a teoria que defendemos, do processo triádico lefebvreano na produção do espaço: homogeneização – fragmentação – hierarquização. Uma leitura sobre a oferta privada de lazer e as práticas que a constituem como tal e reforçam os processos de clivagens. Contudo, mais elementos surgiram que nos incitaram a outras investigações, como por exemplo, se, nesses espaços mediados pela troca, não haveria práticas em contraponto às lógicas econômicas que produzem os lazes em Vitória da Conquista.

Por fim, a demanda por uma análise mais específica sobre as novas áreas centrais, uma possibilidade vislumbrada para tensionar o processo de desconcentração iniciado em 1990 em direção a área leste, oeste e, mais recentemente, a sul da oferta de lazer em Vitória da Conquista, se se já indicam a produção de novas concentrações em outras áreas da cidade em consonância com novos tempos que as distinguem das áreas e práticas mais tradicionais, sem, contudo, desconsiderar estas últimas e aí, considerar a atuação de novos agentes econômicos e pensar a posição da cidade de Vitória e sua centralidade na escala intra e interurbana.

Mesmo diante destas provocações e demandas, acreditamos que, no âmbito das modificações no processo de urbanização contemporânea, expressas na cidade, esse estudo foi relevante por possibilitar um aprofundamento sobre questões teórico-metodológicas empreendidas na análise das cidades. Pode, também, contribuir como base para pesquisas futuras que venham a se dedicar à mesma temática, pois, em caso especificamente, havia uma produção ainda incipiente com recorte geográfico. Com mesmo intuito, o modo como foi realizado o tratamento das informações empíricas, através de uma metodologia que priorizou não apenas as questões quantitativas, pela opção em utilizar *enquetes*, mas também, as questões qualitativas pelo uso de entrevistas semiestruturadas para uma maior aproximação com os sujeitos da pesquisa.

Ademais, que seja uma maneira de reflexão para a sociedade, com vistas ao desenvolvimento e construção de uma ação política baseada em novos modos de atuação no espaço citadino repensando nossa prática enquanto sujeitos produtores do espaço e para pensarmos em possibilidades de lutas por uma vida urbana mais qualificada. Sobremaneira, uma forma de chamar a atenção do poder público para o cumprimento dos dispositivos legais

que garantam aos munícipes o direito à cidade, o que inclui o acesso ao lazer, assim como está disposto nos princípios do plano diretor urbano de Vitória da Conquista.

Certamente, encontramos algumas limitações que influíram no melhor desenvolvimento da pesquisa, como referência bibliográfica acerca do recorte em que analisamos as práticas de lazer, voltadas de modo mais específico à Ciência Geográfica, fazendo-nos buscá-las em outras áreas do conhecimento. De pesquisas científicas sobre o lazer em Vitória da Conquista como ponto de partida para a análise, corroborando e/ou confrontando nossos objetivos.

Com relação a problemática de nossa pesquisa, ao refletirmos sobre a produção da cidade na contemporaneidade, vimos que as forças produtivas ampliaram sua ação e dimensão diversificando-a, passando da produção de coisas no espaço para a produção do próprio espaço. Por essa lógica, o espaço foi subordinado à venda parcelada, uma produção global, mas que é conhecido de forma fragmentada enquanto se forma como totalidade em escala mundial.

Não só o espaço, mas também elementos da vida cotidiana se inserem na lógica mais ampla de produção como nova atividade produtiva. Um posicionamento que se relaciona à compreensão do lazer como um novo elemento de consumo, estruturado à luz da sociedade que o produz e, por isso, no contexto atual, apresenta conteúdos distintos, expressando-se também sob novas formas como uma demanda do sistema produtivo.

De modo que as determinações do capitalismo sobre o lazer são evidenciadas na medida em que há uma diferenciação nas práticas espaciais entre distintos grupos sociais, criando novos espaços e hábitos que alteram a vida cotidiana. Assim, reproduz-se uma nova lógica de consumo e de produção espacial, ou novas lógicas econômicas associadas a novas práticas espaciais, remodelando as atividades de lazer com o *status* do novo, do seletivo, da necessidade de distanciar, elitizar-se.

Por essa base, empreendemos a leitura sobre a produção do espaço urbano em Vitória da Conquista, observando a escala e a dimensão de tal processo. Primeiramente, porque a produção dos espaços lazer se deu em um processo de homogeneização, já que a produção e gestão do espaço está relacionado ao processo de reprodução geral das relações de produção, em que todos os elementos são reconhecidos no plano mundial. Juntamente à informatização, tem-se como produto um espaço “uno” controlável. A técnica e as condições

econômicas corroboram para essa homogeneização, não só na questão do espaço, como também dos tempos sociais, como explorado no primeiro capítulo.

Vitória da Conquista, que desde a década de 1940 concentrava as funções residenciais, econômicas, culturais, políticas no centro principal, passou por mudanças em sua dinâmica interna e externa para adequar-se aos novos comandos do sistema produtivo. Nesse panorama, as práticas espaciais do lazer se constituíram como produto e produtoras das transformações territoriais com vistas à expansão urbana e valorização do solo urbano.

A produção da cidade de Vitória da Conquista no modo mais amplo e dos espaços de lazer de modo específico deu-se por um processo de diferenciação socioespacial que, na contemporaneidade, complexificou-se ao relacionar-se a processos mais profundos de clivagens sociais e espaciais, comprometendo o uso dos espaços de lazer, público ou privado, por condicionar os modos de socialização a um agrupamento social homogêneo.

Essa condição foi erigida historicamente e marca a estruturação da cidade de Vitória da Conquista. Trata-se de uma separação alimentada pelas ações do mercado e investimentos públicos sendo amparada nas representações sociais dos cidadãos e que na atualidade é reforçada pela produção de espaços de lazer refuncionalizados ou por incremento de novos investimentos.

Situação evidente, por exemplo, na relação do Estado e dos promotores imobiliários. O primeiro, além da articulação e convivência com os interesses do capital imobiliário, influenciou na produção do espaço urbano através de instrumentos de regulação e ordenamento do crescimento da cidade, com destaque para a elaboração do Plano Diretor Urbano – PDU em 1976, institucionalizando uma separação espacial e social.

As ações do poder público, dos agentes imobiliários, dos cidadãos (consumidores), analisados num contexto de inter-relação, disputas de interesses e necessidades, conflitos e lutas cotidianas possibilitaram compreender como se articulam as relações de poder local, a conquista de interesses e necessidades expressas na configuração territorial de Vitória da Conquista.

Com o processo de reestruturação econômica, houve a necessidade de expansão do tecido urbano como resultado e condição para as novas demandas do ciclo produtivo que encontraram no setor de comércio e serviços uma fonte de lucros. Assim, verificou-se a formação de novas áreas centrais nas quais o lazer figurou como elemento que favoreceu tal processo, fortalecendo o poder de abrangência dos novos eixos, como também, valeu-se da

centralidade exercida por estas áreas para difusão e intensificação do consumo, processo analisado no segundo capítulo.

A prática do lazer passou a realiza-se, sobretudo, em âmbito privado, refletindo os novos hábitos urbanos com tendência à privatização do espaço, condicionando a vida cotidiana aos limites dos novos produtos imobiliários. A socialização tende a realizar-se intramuros, seja via consumo do/no *shopping center*, seja no uso dos equipamentos de lazer integrados à moradia nos condomínios fechados ou ainda dos estabelecimentos comerciais privados voltados a um público específico, seletivo, como no caso da Avenida Olívia Flores e das distinções, simbolicamente, alimentadas em seu contraponto, a Avenida Frei Benjamim.

O uso parcelar do espaço para a prática do lazer resulta da sua transformação em mercadoria. Por essa lógica, sua apropriação dá-se pela mediação do mercado, via consumo, em que se têm lugares próprios para cada grupo social, pois, apesar da imagem de acesso igualitário e irrestrito aos produtos da sociedade do consumo, há uma diferenciação no uso dos espaços-tempos de lazer na cidade do capital.

Assim, entendemos que a produção do lazer na cidade de Vitória da Conquista, seguindo uma lógica de universalização, evidencia um processo contraditório em que, de um lado, o aumento no poder de compra e a popularização de certas práticas espaciais, denotam um processo de democratização no consumo do lazer. E aí o uso de espaços como a Avenida Frei Benjamim se sobressai por possibilitar, segundo representações dos cidadãos, o uso dos mesmos produtos de modo mais acessível. Porém, na verdade mascara a real condição do cidadão que participa do ciclo produtivo consumindo um produto que lhe é direcionado em virtude da sua posição na divisão social do trabalho.

A outra face desse processo revela que a ideia de democratização do consumo do lazer, ao contrário, contribui para a elitização e reforça as clivagens sociais por operar um estreitamento na acessibilidade aos espaços de lazer, sobretudo, para a oferta privada, os quais são direcionados ao um seletivo grupo social e suas "necessidades" de exclusividade, sofisticação, *status*. Condição constituída pelas representações da população seja no plano do discurso pelo reforço à centralidade de eixos como a Avenida Olívia Flores simbolicamente vistas como "o lazer da elite", como também na prática, na medida em que o alto custo pelo consumo nessa área exclui grande parte dos cidadãos, como abordado no terceiro capítulo.

Os mesmos participam desse processo ao alimentarem o desejo de consumo nesse "espaço diferente", mesmo que esporadicamente, para sentirem-se integrados à vida urbana e

ao quadro social da cidade. O mesmo se aplica ao uso do Shopping Conquista Sul, até então o único *shopping center* da cidade, impondo-se como um espaço repressivo, ao subordinar a reprodução das relações sociais à lógica do consumo.

Para grande parte da população, à margem desse processo, é subtraído o direito à participação na vida urbana enquanto obra, por uma relação de troca com os produtos-espetáculos, algo que impede ou retarda o desenvolvimento quantitativo e qualitativo do lazer. Soma-se, ainda, a ineficiência na oferta de equipamentos recreativos ou culturais de uso coletivo e a falta de renda, pela precariedade do trabalho. Uma cidade dispersa, segregada, com vários problemas de infraestrutura e um sistema de transporte coletivo ineficiente, produz uma cidade polarizada entre ricos e pobres.

Assim, um modo de dispor ao cidadão uma prática do lazer mais qualificada sem necessariamente ter que passar pela mediação do mercado, deu-se pelo uso de espaços públicos, um exemplo destacado em nossa pesquisa, a Praça Tancredo Neves no centro tradicional de Vitória da Conquista, como importante espaço público de forte representação pela população e que se mantém como lugar de realização do lazer, mesmo considerando os novos espaços criados na cidade para esse fim.

O uso de praças e parques mostrou-se como uma possibilidade na promoção da centralidade, da reunião, da diferença, uma relação que vem ganhando outros conteúdos pelo mercado, mas que pode ser reestabelecida pelo uso efetivo dos espaços públicos, mesmo considerando que as contradições e conflitos sociais não cessam, até porque podem se converter em um rico debate sobre a realidade social, questionando-a. A produção dos espaços públicos, assim, promove a valorização diferencial destes.

Obviamente não se trata aqui de pautar uma imagem de total integração entre os usuários dos espaços públicos. Como destacamos no texto, na conjuntura social em que vivemos, marcada por uma estrutura extremamente desigual, as pessoas não necessariamente realizam de fato uma integração e socialização profundas. Mas que seja uma relação baseada na urbanidade, que constitua como possibilidade para construção de convivência efetiva e mais qualificada.

Para tanto, é necessário que o poder público invista na criação de espaços públicos dessa natureza, equipe e torne funcionais os já existentes na cidade, haja vista passarem por um esquecimento e abandono, sobretudo, aqueles no interior dos bairros, marcados por infraestrutura e equipamentos danificados e, sem segurança pública. Ainda, repensar a

acessibilidade a tais espaços, pois também passam por uma produção e gestão diferenciadas, já que as praças e parques recebem tratamentos distintos a depender da área em que são construídas, até mesmo as ruas tendo o uso relacionado a distintas conotações, simbolismos e *status*.

Assim, o processo de elitização e hierarquização social não se dá apenas na esfera privada, mas também nos espaços públicos, quando se tem um lugar produzido como controle social induzindo a uma apropriação seletiva e diferenciada o que, em tese, deveria ser acessível a toda a população. Uma realidade que nos leva a questionar de que modo se dá a apropriação dos espaços públicos considerando a produção da cidade na atualidade.

A vivência na cidade marcada por conflitos e aprofundamento das desigualdades socioespaciais, expressos no processo de homogeneização, fragmentação e hierarquização desarticula os espaços-tempos de realização da vida, desqualifica as relações de sociabilidade mediatizadas pela troca. É, pois, urgente a restituição do uso como modo de assegurar o caráter de centralidade, no sentido proposto por Lefebvre, da vida urbana, de modo que o direito de uso efetivo da cidade seja internalizado nas práticas cotidianas, agindo através e contra os processos que impedem o direito à diferença, à reunião, à realização da vida urbana. Para tanto, tal ação só pode ser executada a partir da prática espacial que dá condições para realização desse objetivo proposto como uma meta.

- ABREU, Bruno Ramos de. Shopping Conquista Sul e suas expansões na cidade de Vitória da Conquista/BA. **Anais do II Simposio Cidades Médias e Pequenas da Bahia**, Vitória da Conquista/BA, 2011a.
- ABREU, Bruno Ramos de. Um olhar sobre a cidade média de Vitória da Conquista. **Anais do II Simposio Cidades Médias e Pequenas da Bahia**, Vitória da Conquista/BA, 2011b.
- ALMEIDA, Miriam Cléa Coelho. **Produção sócio-espacial da habitação popular nas áreas de assentamentos e ocupações na cidade de Vitória da Conquista – BA**. Salvador: UFBA, 2005. 191:il. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências, Salvador, 2005.
- AMORIM FILHO, Osvaldo Bueno. **Contribution à l'étude des villes moyennes au Minas Gerais – Formiga et le Sud-Ouest du Minas Gerais**. 1973, 361 p. Tese (Doutorado) – Université de Bordeaux III, Bordeaux.
- AMORIM, Wagner Vinicius. As transformações na produção imobiliária nas cidades médias do norte do Estado do Paraná (Brasil). **Anais do 13º Seminário Internacional da Rede Iberoamericana de Investigadores sobre Globalização e Território**. Salvador: SEI, 2014.
- ANJOS, Sara Rocha dos. Reestruturação urbana em Vitória da Conquista: uma análise sobre a (des)centralização do setor terciário. **Anais do VII Encontro Brasileiro de Geógrafos**. (acesso *on line*) UFES, Vitória/ES, 2014.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2003, 211 p.
- BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. **Geografia Urbana**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.
- BOTELHO, Adriano. **O urbano em fragmentos**. A produção do espaço e da moradia pelas práticas do setor imobiliário. São Paulo: Annablume, 2007, p. 21-66.
- BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, edição digital, 2013.
- CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. **Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34 e Edusp, 2000. v. 1, ed. 1, 399p .
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. O turismo e a produção do não-lugar. YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. (orgs). **Turismo, espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Editora Hucitec, p.25-37, 1999.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A mundialidade do espaço. MARTINS, José de Souza (Org.) **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1996, p. 121-134.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A prática espacial urbana como segregação e o “direito à cidade” como horizonte utópico. VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria (Orgs.) **A cidade contemporânea: segregação espacial**. São Paulo: Contexto, 2013a, p. 95-110.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **A produção do espaço urbano: agentes, processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011a. 233 p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Diferenciação socioespacial. **Cidades**, v. 4, n. 46 6, 2007, p. 45-60.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Novas contradições do espaço. DAMIANI, Amélia Luisa; CARLOS, Ana Fani Alessandri; SEABRA, Odete Carvalho de Lima. (Orgs.) **O espaço no fim do século: a nova raridade**. São Paulo: Contexto, 2001, p. 62-80.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Espaço público e “nova urbanidade” no contexto do direito à cidade. **Confins** [Online], 2013b.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. (trad. Ephraim Ferreira Alves).

COLOGNESE, Silvio Antonio; MÉLO, José Luiz Bica de. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**: Porto Alegre, 1998, v. 9, 143 – 159p.

CORRÊA, Roberto Lobato. Diferenciação sócio-espacial, escala e práticas espaciais. **Cidades**, v. 4, n. 6, 2007, p. 62-72.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto lobato (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

CORRÊA, Roberto Lobato. Posição geográfica de cidades. **Cidades**, v1, n.2, 2004, 317-323 p.

COSTA, Edgar Borges; SOARES FILHO, Avaldo de Oliveira; ALMEIDA, Cristiane Queiroz de. Estudo do Parque da Lagoa das Bateias em Vitória da Conquista, Bahia. **Anais do VII CBG, UFES, Vitória/ES**, 2014.

DAMIANI, Amélia Luisa. Turismo e lazer em espaços urbanos. RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo, modernidade, globalização**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

DEBORD, GUY. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Editora perspectiva, 1973.

FERRAZ, Ana Emília de Quadros. **O espaço em movimento**: o desvelar da rede nos processos sociotécnicos do sistema de saúde de Vitória as Conquista/BA, 2009. 253 f. Tese (Doutorado em Geografia humana) UFS – Núcleo de Pós-graduação em Geografia, São Cristóvão, 2009.

FERRAZ, Ana Emília de Quadros. **O urbano em construção – Vitória da Conquista**: um retrato de duas décadas. Vitória da Conquista: UESB, 2001.

FERRAZ, Ana Emília de Quadros; ALMEIDA, Mírian Cléa Coelho. Transformações Sócio-Territoriais na cidade de Vitória da Conquista - BA. **X Simpósio nacional de Geografia Urbana**, 2007, Florianópolis, ANAIS Trajetórias da geografia urbana no Brasil: tradições e perspectivas. Florianópolis, UFSC, 2007, p. 1-17.

FERREIRA, Acácio. **Lazer operário**: um estudo de organização social das cidades. Salvador: Progresso Editora, 1959.

GAMA, António; SANTOS, Norberto Pinto dos. **Lazer**: da libertação do tempo à conquista das práticas. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

GAMA, António; SANTOS, Norberto Pinto dos. Lazer, tempo e terciário. GAMA, António; SANTOS, Norberto Pinto dos. **Lazer**: da libertação do tempo à conquista das práticas. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008, p.59-83.

GEORGE, Pierre. **Précis de Géographie Urbaine**. Paris: Presses Universitaires de France, 1961.

GERARDI, Lúcia Helena de Oliveira; SILVA, Barbara-Christine Nentwiq. **Quantificação em Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1981.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: ArtMed, 2009.

GOÉS, Eda. Entre fragmentos e continuidades: os enclaves fortificados e os novos conteúdos da vida urbana. **Anais do XIII SIMPUR**, UERJ, Rio de Janeiro, 2013, pp. 1-19.

GOMES, Paulo Cesar Costa. Espaços públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço. CASTRO, I. E.; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. **Olhares geográficos**: modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, pp. 19-41.

GOMES, Paulo César da Costa. **A Condição Urbana**. Ensaios de Geopolítica da Cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010, 310 p.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

HENRIQUE, Wendel. Dinâmicas urbanas e regionais em cidades médias após a instalação de universidades públicas. **Anais do 13º Seminário Internacional da Rede Iberoamericana de Investigadores sobre Globalização e Território**. Salvador: SEI, 2014.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Documentação dos Censos Demográficos**. Anos 1980, 1991, 2000, 2010.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Regiões de influência das cidades 2007**. Rio de Janeiro, 2008.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Sidra: Banco de dados agregados**, 2014.

LAVALLE, Adrián Gurza. As dimensões constitutivas do espaço público: uma abordagem pré-teórica para lidar com a teoria. **Espaço & debates**, São Paulo, v.25, n.46, p. 33-44, 2005.

LEFEBVRE, Henri. **A re-produção das relações de produção**. Porto: Publicações Escorpião, 1973.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **A cidade do capital**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001a.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001b.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008a.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008b.

LOBODA, Carlos Roberto. **Práticas socioespaciais e espaços públicos em Guarapuava – PR. Presidente Prudente. 352 fl. Tese (Doutorado)**. Universidade Estadual Paulista-Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente. Presidente Prudente/SP, 2008.

**LÓGICAS ECONÔMICAS E PRÁTICAS ESPACIAIS CONTEMPORÂNEAS: CIDADES MÉDIAS E CONSUMO**. Projeto Temático, financiado pela Fapesp, 2011.

LOJKINE, Jean. **O estado capitalista e a questão urbana**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981

MAGRINI, Maria Angélica de Oliveira. **Vidas em enclaves: imaginários das cidades inseguras e fragmentação socioespacial em contextos não metropolitanos**. Tese (Doutorado) Programa de Pós-graduação em Geografia. FCT – UNESP, 2013.

MARES, Rizia Mendes. **A produção do espaço e a reprodução da vida na periferia pobre das cidades médias: o estudo do bairro Cruzeiro em Vitória da Conquista/BA**. 2011. 150f. Monografia (Licenciatura em Geografia) Departamento de Geografia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, 2011.

MARTINS, José de Souza. As temporalidades da história na dialética de Lefebvre.  
MARTINS, José de Souza (Org.) **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1996, p. 13-24.

MASSEY, Doreen. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, ano 6, n. 12, p. 7 – 23, 2004.

MEDEIROS, Ruy. Vitória da Conquista: núcleo urbano inicial. **FIFÓ**. Vitória da Conquista, 10 de junho de 1998.

MEDEIROS, Ruy. Velhos projetos urbanos. **FIFÓ**, Vitória da Conquista, 03 de março de 1999.

MIYAZAKI, Vitor Koiti. **Um Estudo sobre o processo de aglomeração urbana: Álvares Machado, Presidente Prudente e Regente Feijó**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 171 f, Presidente Prudente : [s.n.], 2007.

MOREIRA, Ruy. Assim se passaram dez anos (A Renovação da Geografia no Brasil no Período 1978-1988). **GEOgraphia** – Ano. II – No 3 – 2000.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2007.

MOREIRA, Ruy. **Geografia e Práxis** a presença do espaço na teoria e na prática geográficas, 2012.

NOVAIS, Núbia Mendes. **O capital comercial e a reestruturação urbana em Vitória da Conquista/BA face à chegada do Atacadão Auto Serviço**. 2010, 58f. Monografia. (Licenciatura em geografia). Departamento de Geografia, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2010.

PADILHA, Valquiria. **Shopping Center: a catedral das mercadorias**. São Paulo: Boitempo, 2006a, 210 p

PADILHA, Valquiria. Da flânerie ao projeto demiúrgico do shopping center. **R. B. Estudos Urbanos e Regionais**. v. 8, n. 1, maio, 2006b, 45-58p.

POIRIER, Jean. (org.) **História dos costumes**: éticas e estéticas. Lisboa: Editorial Estampa Lda, 2002.

POLATO, Thelma Hoehne Peres. Lazer e trabalho: algumas reflexões a partir da ontologia do ser social. **Motrivivência**: Ano XV, nº 20-21, p. 139-162, Mar./Dez.-2003.

PRÉVÔT-SCHAPIRA, Marie-France Fragmentación espacial y social: conceptos e realidades. **Perfiles Latinoamericanos**. n.19, FLCS, DF, México, p. 33 – 56, dezembro de 2001.

RABOTNIKOF, Nora. El espacio público: variaciones em torno a un concepto. **Espaço & debates**, São Paulo, v. 25, n. 46, p. 45-54, 2005.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e espaço**: rumo a um conhecimento interdisciplinar. São Paulo: Hucitec, 1999.

RODRIGUES, Edilene Alves. Dinâmica do crescimento urbano na cidade de Vitória da Conquista: a verticalização e as transformações no bairro Candeias. **Anais do XVI Encontro Nacional do Geógrafo**, Porto Alegre, 2010.

SALGUEIRO, Teresa Barata. Cidade pós-moderna: espaço fragmentado. **Território**, Rio de Janeiro: LAGET/UFRJ, n. 4, 1998, p. 39- 54.

SANTOS, Norberto Pinto dos. Os espaços-tempos de lazer na sociedade contemporânea. **Cadernos de Geografia**, F.L.U.C., Coimbra, 1999, nº18, pp.129 - 137.

SANTOS, Janio. **A cidade poli(multi)nucleada: a reestruturação do espaço urbano em Salvador**. 2008. 402 f. Tese (Doutorado em Geografia)-Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.

SANTOS, Janio. Urbanização e produção de cidades na Bahia: reflexões sobre os processos de estruturação e reestruturação urbana. **Bahia Análise & Dados**, v. 19, p. 499-509, 2009.

SANTOS, Milton. **Por Uma Geografia Nova**. Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: Editora Hucitec/EDUSP, 1978.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 4. ed. 2. reimpr.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2010, 13ed.

SANTOS, Noberto Pinto dos. Lazer, espaço e tempo. GAMA, Antonio; SANTOS, Norberto Pintos dos. (Orgs.). **Lazer**. Da libertação do tempo à conquista das práticas. IUC, 2008, Coimbra, pp 145-163.

SANTOS, Ronan Soares dos. **A construção de Cidades no Brasil: Capital, poder público, população e a produção do espaço urbano em Vitória da Conquista (1940 - 2010)**. Barcelona, 2013. 385fl. Tese (Doutorado), Departament de Geografia Física I Anàlisi Geogràfica Regional - Universitat de Barcelona Facultat de Geografia I Historia. Barcelona, 2013.

SANTOS, Vitória Carme C. **As novas formas de moradia e a produção sócioespacial na cidade de Vitória da Conquista – BA**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1999. (Dissertação de Mestrado).

SERPA, Ângelo. Ampliação do consumo e os conflitos entre público e privado na cidade contemporânea: questões para o debate. CARLOS. Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges (Orgs.). **Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2003, p.413-417.

SERPA, Ângelo. Espaço público e acessibilidade: notas para uma abordagem geográfica. **GEOUSP - Espaço e Tempo**: São Paulo, 2004, n.º 15, pp. 21 – 37.

SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2011.

SERPA, Ângelo. Segregação, território e espaço público na cidade contemporânea. VASCONCELOS. Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria (Orgs.) **A cidade contemporânea: segregação espacial**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 169-188.

SILVA, Acácio Pereira. **A implantação do shopping Center Conquista Sul e a reestruturação do espaço urbano em Vitória da Conquista/BA**, Monografia (Licenciatura Plena em Geografia)-UESB, Vitória da Conquista, 2007.

SILVA, Henrique Alves da. **Transformações do planejamento urbano em cidades de porte médio e em cidades médias brasileiras**. Presidente Prudente: [s.n], 2013. 244 f. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente/SP, 2013.

SOBARZO MIÑO, Oscar Alfredo. **Os espaços da sociabilidade segmentada: a produção do espaço público em Presidente Prudente**, 2004. 221 fl.Tese (Doutorado) Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologias. Presidente Prudente, 2004.

SOBARZO, OSCAR. Espacio público y nuevas centralidades. **Ciudades** 104, octubre-diciembre de 2014, RNIU, Puebla, México. Pp. 1-8.

SOJA. Edward W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 1993.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Da “Diferenciação de áreas” à “diferenciação socioespacial”. **Cidades**. Volume 4. número 6. 2007. p. 101-114.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013, 320 p.

SPOSITO. Maria Encarnação Beltrão. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. **Revista de Geografia**, São Paulo, v. 10, p.1-18. 1991.

SPOSITO. Maria Encarnação Beltrão. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **Urbanização e cidades: perspectivas geográficas**. Presidente Prudente, 2001a, 609-643 p.

SPOSITO. Maria Encarnação Beltrão. A urbanização da sociedade: reflexões para um debate sobre as novas formas espaciais. DAMIANI, Amélia Luisa; CARLOS, Ana Fani Alessandri; SEABRA, Odete Carvalho de Lima. (orgs.) **O espaço no fim de século: a nova raridade**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2001b, p.83-100

SPOSITO. Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (orgs.). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006. 248p.

SPOSITO. Maria Encarnação Beltrão. Cidades médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007a. p. 233-253.

SPOSITO. Maria Encarnação Beltrão. Novas formas de produção do espaço urbano no estado de São Paulo. REIS, Nestor Goulart; TANAKA, Marta Soban (orgs.). **Brasil: estudos sobre dispersão urbana**. São Paulo, FAU-USP, 2007b, p.7-28.

SPOSITO. Maria Encarnação Beltrão; GÓES, Eda Maria. **Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial**. São Paulo: Editora UNESP. 2013a.

SPOSITO. Maria Encarnação Beltrão. Segregação socioespacial e centralidade urbana. VASCONCELOS. Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria (Orgs.) **A cidade contemporânea: segregação espacial**. São Paulo: Contexto, 2013b, p. 61-93.

SPOSITO. Maria Encarnação Beltrão. Cidades médias e pequenas: as particularidades da urbanização brasileira. DIAS, Patrícia Chame; LOPES, Diva Maria Ferlin. (Org.). **Cidades médias e pequenas: desafios e possibilidades do planejamento e gestão**. Salvador: SEI, 2014, v. 1, p. 23-35.95ed.

TANAJURA, Mozart. **História de Conquista: Crônica de uma Cidade**. Vitória da Conquista, 1992.

THOMPSON, P. Entrevista. **A voz do passado: história oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1998, 254-278p.

TRINDADE JR., Sainte-Clair Cordeiro da. Reestruturação da rede urbana e importância das cidades médias na Amazônia Oriental. SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org.) **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 313-342.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Escola Politécnica. Divisão de bibliotecas. **Diretrizes para a apresentação de dissertações e teses**. São Paulo: Divisão de bibliotecas da Epusp, 2013, 4ed, 91p.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Coordenadoria Geral de Bibliotecas. Grupo de Trabalho Normalização Documentária da UNESP. **Normalização documentária para a produção científica da UNESP: normas para apresentação de referências segundo a NBR 6023:2002 da ABNT**. São Paulo, 2003.

VASCONCELOS, Eduardo Alcântara. **Transporte urbano nos países em desenvolvimento: reflexões e propostas**. 3ed. São Paulo: Annablume, 2000. 284p.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Contribuição para o debate sobre processos e formas socioespaciais. VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria (Orgs.) **A cidade contemporânea: segregação espacial**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 17-38.

VICENTE, Rafael da Ponta. **Mobilidade: a ordem espacial dos deslocamentos urbanos numa sociedade desigual**. Presidente Prudente: 2011. 186 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente/SP, 2011.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincon Institute, 2001.

VITÓRIA DA CONQUISTA. **Lei nº 402**, de 05 de fevereiro de 1960. Câmara Municipal de Vitória da Conquista, 1960.

VITÓRIA DA CONQUISTA. Lei nº 1.385/2006, de 16 de dezembro de 2006. Dispõe sobre o Plano Diretor de Vitória da Conquista. **Legislação-Infraestrutura Urbana**. Vitória da Conquista, 2006.

VITÓRIA DA CONQUISTA. Lei nº 118, de 22 de dezembro de 1976. Dispõe sobre o Plano Diretor de Vitória da Conquista, 1976. **Legislação-Infraestrutura Urbana**. Vitória da Conquista, 1976.

WHITACKER, Arthur Magon. Morfologia Urbana. **Urbanização e Produção do Espaço**. PPGG/FCT/UNESP, 2013a. [notas de aula].

WHITACKER, Arthur Magon. **Centro da cidade e novas áreas centrais. Elementos para discussão de algumas cidades médias paulistas**. Texto preliminar para debate durante o XI Workshop da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias – ReCiMe. Dourados: UFGD, 2013b.

WHITACKER, Arthur Magon. Uma discussão sobre a morfologia urbana e a articulação de níveis diferentes de urbanização. SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.) **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

WHITACKER, Arthur Magon; SOUSA, Marcos Timóteo Rodrigues de. Mobilidade e acessibilidade às áreas de concentração de atividades de comércio e serviços: apontamentos metodológicos a partir de Presidente Prudente-SP. **Anais do 13º Seminário Internacional da Rede Iberoamericana de Investigadores Sobre Globalização e Território em Salvador no ano de 2014**. Salvador-BA: SEI, 2014. v. 1. p. 1-17.

### **Outras fontes:**

Blog da Resenha Geral.

Disponível: <<http://www.blogdaresenhageral.com.br/tag/avenida-brumado/>> acesso em nov/2014.

Blog do Rodrigo Ferraz.

Disponível: <<http://www.blogdorodrigoferraz.com.br/v1/tag/binario/>> acesso em nov/2014.

Blog Megaradio.

Disponível: <<http://www.megaradio.fm/v2/noticias/empresario-da-detallhes-sobre-novo-shopping-em-conquista-local-vai-funcionar-na-area-do-clubes-social/>> Acesso em nov/2014.

CIRETRAM

Disponível: <<http://www.detran.ba.gov.br/documents/10156/be26292b-fd67-4701-ac6c-3aa5cc570eb3>> acesso em nov/2014

DETRAN-BAHIA

Disponível: <<http://www.detran.ba.gov.br/web/guest/inicio>>

Geocities – Artigos publicados – Ruy Medeiros,

Disponível: <http://www.geocities.ws/ruymedeiros/artpublicados.html>> Acesso em jun/2014.

GOOGLE, Maps Brasil. Serviço desenvolvido pela Google Inc.

Disponível em: <<http://maps.google.com.br>>.

Rede Brasileira de Estudos sobre Cidades Médias (REDBCM);

Disponível: <<http://www.redbcm.com.br/Default.aspx>> acesso em nov/2014;

Secretaria de Planejamento da Bahia.

Disponível em: <<http://www.seplan.ba.gov.br/territorios-de-identidade/cappa>> Acesso em Jul/2013. Decreto Nº 10.571 de 14 de novembro de 2007, disponível em: <<http://www.legislabahia.ba.gov.br/>> Acesso em: JUL/2013

SIDRA-IBGE.

Disponível: <http://www.sidra.ibge.gov.br/>>ultimo acesso em jan/2015

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI

Disponível: < <http://www.sei.ba.gov.br/>> acesso em nov/2014

Taberna da História de Vitória da Conquista.

Disponível em:<<http://tabernadahistoriavc.com.br/distrito-industrial-dos-imbores-foi-inaugurado-em-1975/>> acesso em jun/2014.

**ANEXO I**  
**Modelo da *enquete***

Vitória da Conquista/BA\_\_\_\_,\_\_\_\_, \_\_\_\_ Local: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_:\_\_\_\_

## A-Perfil do inquirido

1. Idade: \_\_\_\_\_ 2. Sexo: (a ) M (b ) F  
3. Renda Mensal: (a) até 1 SM (b) DE 2-3 SM (c) de 3-6 SM (d) de 6-9 SM (e) acima de 10 SM  
4. Local de moradia: \_\_\_\_\_  
5. Local de trabalho/Estudo: \_\_\_\_\_

## B-Deslocamento do inquirido

7. Meio de transporte utilizado para acessar o Trabalho/estudo:  
(a) Particular (*carro, moto, bicicleta*) (b) A Pé (c) Ônibus (d) Carona  
8. Espaços de lazer requentado: \_\_\_\_\_  
9. Meio de transporte utilizado para acessar os espaços de lazer:  
(a) Particular (*carro, moto, bicicleta*) (b) A Pé (c) Ônibus (d) Carona  
10. Quando você pensa em mobilidade, quais são as primeiras coisas (palavras, ideias e sensações) que lhe vem na cabeça? Cite as três primeiras palavras:  
1 \_\_\_\_\_ 2 \_\_\_\_\_ 3 \_\_\_\_\_  
11. Quando você pensa em acessibilidade, quais são as primeiras coisas (palavras, ideias e sensações) que lhe vem na cabeça? Cite as três primeiras palavras:  
11 \_\_\_\_\_ 2 \_\_\_\_\_ 3 \_\_\_\_\_

**ANEXO II**  
**Roteiro de entrevistas aos cidadãos**

**A- PERFIL DO (A) ENTREVISTADO (A)**

1. Idade:
2. Situação civil:
3. Profissão:
4. Nível de Escolaridade:
5. Renda Mensal:  
(a) até 1 SM (b) DE 2-3 SM (c) de 3-6 SM (d) de 6-9 SM (e) acima de 10 SM
6. Por quantos membros é composta a sua família?
7. Participação na vida econômica de seu grupo familiar? (a) Não trabalho e sou sustentado pela família e/ou por outras pessoas. (b) Trabalho, mas recebo ajuda financeira da família e/ou de outras pessoas. (c) Trabalho e sou responsável apenas pelo meu sustento (d) Trabalho e sou responsável pelo meu sustento e contribuo total/parcialmente para o sustento da minha família. (e) Outro:
8. Local de moradia:
9. Situação da moradia: (própria, alugada, de familiares etc)
10. Há quanto tempo mora nessa residência/bairro? (caso tenha havido mudança recente continuar o questionamento) Onde morava antes: Por que escolheu essa área para morar?
11. Local de trabalho/Estudo:

**B - DESLOCAMENTO DO (A) ENTREVISTADO (A)**

1. Qual meio de transporte você utiliza para trabalhar e/ou estudar?
2. Se se utiliza do transporte público coletivo, qual o tempo médio gasto em cada viagem? E qual o custo médio mensal com esse tipo de transporte? Em que condições o deslocamento é realizado? (estrutura física, conforto etc.)
3. Se se utiliza de meio de transporte próprio, qual o tempo médio gasto em cada viagem? E qual o custo médio mensal com esse tipo de transporte? Em que condições o deslocamento é realizado? (estrutura física, conforto etc.) A mesma pergunta se aplica se a resposta for táxi, bicicleta, a pé, carona.
4. Existem dificuldades no deslocamento para o trabalho/estudo? Apresentar os fatores que justifique a resposta.

**C- SOBRE AS PRÁTICAS DE LAZER DO (A) ENTREVISTADO(A)**

1. Quais as opções de lazer que a cidade dispõe? Onde se localizam esses espaços?
2. Que tipo de atividade você costuma realizar como prática do lazer?
3. Em que espaços/locais da cidade você desenvolve essas atividades?
4. Costuma ir só, com familiares, com amigos, etc?
5. Em que condições você realiza o deslocamento até esses espaços?
6. Qual o meio de transporte que geralmente você utiliza para a prática do lazer? (aplicar os mesmos questionamentos das questões 2 e 3 do item B) Justificar o porquê da escolha do meio de transporte.
7. Qual a frequência com que realiza essas atividades?

8. É uma atividade satisfatória? Justificar o porquê elencando características que tornam essas atividades satisfatórias ou não.
9. Gostaria de realizar mais vezes essas práticas? Se sim, o que o impossibilita?
10. Quais as maiores dificuldades para praticar o lazer nesses locais?
11. Existem outros locais ou outras atividades de lazer que você realiza? Em que locais ocorrem?
12. Acredita que a localização da sua residência em relação a esses espaços dificulta seu acesso?
13. Como você avalia o sistema de transporte público coletivo dessa cidade?
14. Em relação à estrutura dessa cidade, como você avalia as condições de ruas, avenidas, sinalização, estacionamento, organização do trânsito etc. que poderiam qualificar sua mobilidade?
15. Em que condições você acha que conseguiria realizar essas atividades de lazer satisfatoriamente? Quem e como poderia ser feito para que essa meta fosse alcançada?
16. Quando você pensa em mobilidade, quais são as primeiras coisas (palavras, ideias e sensações) que lhe vem na cabeça? Diga as três primeiras palavras:
17. Quando você pensa em acessibilidade, quais são as primeiras coisas (palavras, ideias e sensações) que lhe vem na cabeça? Diga as três primeiras palavras:
18. Há algum outro ponto que gostaria de acrescentar?

### **ANEXO III**

#### **Roteiro de entrevista – Secretaria de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer**

1. Apresentação do entrevistado e de sua atuação frente a essa secretaria.
2. Discorrer sobre sua compreensão de lazer e da importância na vida dos munícipes.
3. Como a secretaria lida com a questão do lazer público e lazer privado, como incentivam ao uso dos espaços públicos, quais projetos tem desenvolvido para atrair a população para frequentar esses lugares.
4. Pensando na condição dos cidadãos quais as principais áreas de lazer, especialmente as públicas e qual a infraestrutura para que seja realmente acessíveis a população como um todo, como a prefeitura, a secretaria em si está trabalhando nesse sentido?
5. Como se dá esse planejamento. Há uma participação popular? Como vcs pensam esses projetos e até a própria avaliação em si?
6. Como essa secretaria em ação com conjunta com as demais citadas pelo senhor trabalha na mesma do marketing, de falar desses projetos, divulgar essas atividades gratuitas na comunidade, como vocês incentivam a participação nesse sentido?
7. Quais os principais desafios que o senhor destaca frente à secretaria para realmente oferecer um lazer de qualidade, seja uma prática esportiva, cultural de entretenimento de ócio mesmo, de descanso ?
8. Pensando na condição geral, como o senhor avalia as condições de acessibilidade desses espaços e áreas de lazer pensando na condição dos cidadãos, se essas são capazes de abarcar a necessidade do lazer seja o físico, cultural?
9. Para finalizar, apresente suas considerações, comentários, enfim perspectivas em relação à prática do lazer e até mesmo a resposta dos cidadãos junto ao poder público para a melhoria da qualidade do lazer.

## ANEXO IV

### ROTEIRO DE ENTREVISTA – Secretaria de Mobilidade Urbana

1. Apresentação do entrevistado (nome, idade, cargo, formação, tempo de experiência no cargo e no poder público).
2. Apresentar o que se entende por mobilidade urbana no âmbito do poder público.
3. Caracterizar o perímetro urbano de Vitória da Conquista e as condições de mobilidade para o deslocamento cotidiano dos cidadãos.
4. Apresentar o Plano de Mobilidade Urbana: como foi elaborado? Em que período? Quais os principais destaques, projetos, recursos, períodos de implantação dos mesmos, perspectivas para os próximos anos, etc. (Obs.: sendo possível enviar o Plano de Mobilidade Urbana do município em anexo, será de grande valia para a pesquisa).
5. Expor como são distribuídos e efetivados os projetos na cidade. Há alguma ordem de prioridade?
6. Há participação popular na elaboração e/ou avaliação dos projetos referentes à mobilidade? De que forma? Avaliar a participação dos munícipes.
7. Especificamente sobre o transporte público coletivo, avaliar esse serviço e quais são as propostas para qualifica-lo.
8. Discutir sobre os principais desafios que essa secretaria encontra para melhorar o deslocamento dos cidadãos.
9. Como esta secretária entende a acessibilidade urbana e de que forma a articula com a mobilidade urbana no planejamento da cidade? Sobretudo em relação às áreas periféricas.
10. Como avalia a mobilidade e acessibilidade urbanas dessa cidade?
11. Pensando nas principais áreas de lazer institucionais de Vitória da Conquista, qual a perspectiva de projetos e ações dessa secretária para garantir opções de mobilidade para os cidadãos que lhes possibilitem o deslocamento durante a semana, fins de semana, feriados, etc.?
12. Apresentar considerações finais sobre a atuação da secretaria de mobilidade urbana nesse município e/ou algo mais que gostaria de comentar, acrescentar, propor, etc.
13. Agradecimento e despedida.

## ANEXO V

### PESQUISA:

#### PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM VITÓRIA DA CONQUISTA/BA: LÓGICAS E PRÁTICAS ESPACIAIS DO LAZER.

Pesquisadores: Prof. Dr. Arthur Magon Whitacker – Orientador  
Rizia Mendes Mares – Mestranda

Pesquisa realizada pela UNESP e financiada pelo CNPq.

### ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM AGENTES BEM INFORMADOS

#### I – Perfil do Entrevistado

1. Apresentação do entrevistado
2. Cargo que ocupa na instituição
3. Tem vínculo empregatício ou desenvolve trabalho como membro de diretoria?
4. Em caso de não ter vínculo empregatício, procurar saber: Qual a profissão e/ou empresa em que atua?
5. Ano em que começou a trabalhar nesta instituição
6. Já teve experiências semelhantes em outras associações ou entidades?

#### II – Perfil da unidade

7. Quando foi fundada a unidade aqui em Vitória da Conquista?
8. Há informações sobre a quem coube a iniciativa? Empresários de que ramo?
9. Os mesmos grupos e/ou famílias que estiveram à frente da instituição permanecem envolvidos ou houve mudança grande dos grupos que estão na liderança desta entidade?
10. A unidade está vinculada com outras entidades? Na mesma cidade ou em outra cidade? A alguma federação?
11. Quais as frentes de trabalho as empresa?

#### III – Atividade de lazer da unidade

12. Qual a visão da unidade sobre o lazer e da sua importância no cotidiano dos seus associados?
13. Quais as ações que vem sendo desenvolvidas pela unidade no que tange à prática de lazer?
14. Há relações entre as ações promovidas pela unidade e o poder público? De que tipo?
15. Qual o perfil do público alvo (associados)?
16. Quanto à divulgação dessas atividades, há ações de marketing? Elas abarcam apenas os associados ou há campanhas voltadas para outros setores da cidade, por exemplo, o centro principal, bairros periféricos, carentes, familiares, dependentes?
17. As campanhas são veiculadas em que tipo de mídia?
18. Há oferecimento de cursos, treinamentos, realização de *workshops* ou reuniões para discutir projetos conjuntos, formação de profissionais que atuam na área do lazer?
19. Qual o *feedback* que a unidade tem recebido com o oferecimento desse serviço? Poderia fazer uma avaliação pontuando acertos, possíveis melhorias, etc?
20. Que tipo de atividades, ações têm maior demanda em relação à prática do lazer do público alvo da empresa?

#### IV – A visão da unidade sobre a cidade

21. Qual a opinião da unidade sobre a cidade? Sobre o crescimento em várias escalas: político, cultural, econômica, prestação de serviços, comércio, etc.?
22. Tem havido mudança do perfil das atividades que se desenvolvem na cidade?
23. E em termos de geração de emprego?
24. Tem ocorrido entrada de empresas de fora? De outros países? Em que ramos?
25. Tem havido empresários que mesmo não atuando diretamente na cidade tem se interessado em fazer investimentos?
26. A cidade constituir-se um importante polo regional comercial e de serviços. Isso tem favorecido à atuação dessa empresa? De que forma?
27. Qual a posição e atuação dessa empresa frente às novas dinâmicas econômicas da cidade?

#### **V – O consumo**

28. Quais mudanças têm sido notadas em termos de hábitos de consumo? Em que ramos de atividades?
29. Notam-se alterações nos hábitos de consumo dos moradores de Vitória da Conquista? Especificamente do público alvo dessa unidade?
30. O lazer tem sido importante na ampliação do consumo? De que forma estão sendo gerido e planejado tais espaços e atividades para atender a essas novas formas de consumo?
31. Fala-se de uma “nova classe média” no Brasil. Isso é notado em Vitória da Conquista? De que modo? A entidade tem interesse em atrair este novo estrato?

#### **VII – Encerramento**

32. Há mais algum ponto que o senhor gostaria de acrescentar?
33. Há algum material publicitário ou sobre o histórico da instituição que possa ser fornecido?
34. Há alguém que o senhor poderia indicar para nos dar outra entrevista nesta cidade?

**Reiteramos o caráter científico dessa pesquisa, bem como, do tratamento das informações prestadas por Vossa Senhoria e, agradecendo-a, colocamo-nos à disposição na UNESP para maiores informações.**

### **CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO**

Eu \_\_\_\_\_, declaro que estou devidamente informado e esclarecido quanto aos itens citados, referentes à pesquisa. Além disso, os pesquisadores responsáveis pela pesquisa me garantiram disponibilizar qualquer esclarecimento adicional que eu venha solicitar durante o curso desta, por isso estou de acordo com a minha participação voluntária no referido estudo.

Vitória da Conquista, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura